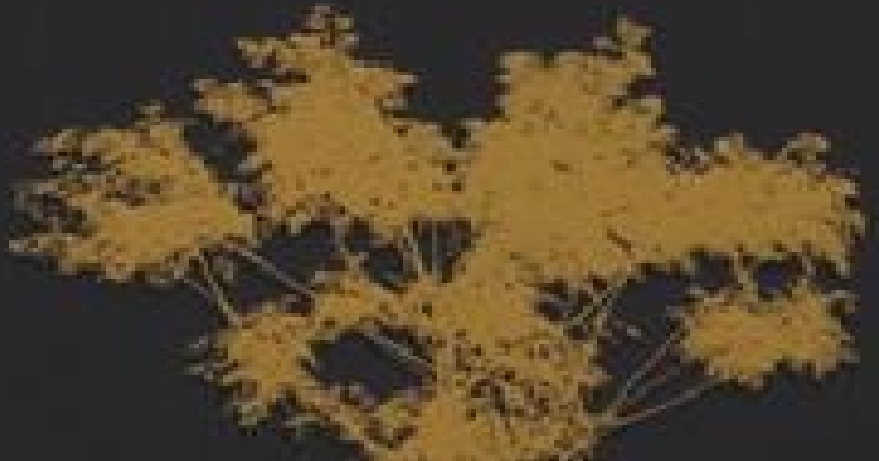


O EVANGELHO DO REINO

Estudos Bíblicos Sobre o Reino de Deus

George Eldon Ladd



E VA NGELHO

D O

REINO

Estudos Bíblicos Sobre o Reino de Deus

George Eldon Ladd, durante sua notável carreira de estudioso erudito e teólogo do Novo Testamento, realizou um estudo especial do Reino de Deus, Ladd, em *O evangelho do Reino.,* apresenta, para o leitor comum, uma explanação clara e prática da mensagem central do ministério de Jesus. Ladd, ao evitar discussões técnicas e argumentos longos sobre questões de interpretação, optou por explicar o Reino de Deus e a urgência de seu sentido e mensagem para nossa época. O estudo de Ladd sobre as parábolas de Jesus e o sermão do monte é tanto devocional como instrutivo. Poucos lerão o livro sem se sentirem profundamente condenados. Nas palavras de Oswald J, Smith, a explicação do conceito do Reino de Deus de Ladd "transforma a Bíblia em um novo livro".

"Essa é uma obra excelente e merece grande circulação. Nesta obra, o dr. Ladd determinou-se a deixar o assunto claro para o leitor cristão comum. Julgo que ele teve êxito em seu intento. Tenho certeza de que o leitor interessado [...] ficará agradecido ao dr. Ladd por guiá-lo, passo a passo, a uma compreensão mais clara da doutrina bíblica do Reino de Deus."

---F. F. Bruce

GEORGE ELDON LADD (1911-1982) foi professor de exegese c teologia do Novo Testamento no Fuller Theological Seminary, em **Pasadena,** Califórnia. Seus inúmeros livros incluem *The Blessed Hope* [A esperança abençoada], *The New 'Testament and Criticism* [O Novo Testamento e a crítica], *A Commentary on the Revelation of John* [Comentário sobre o Apocalipse de João], e o recentemente revisado, *Teologia do Novo Testamento* (Editora Magnos).

Shedd

publicações



Literatura oue Edifica

E VANGELHO

D O

M#

REINO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ladd, George Eldon, 1911-1982

O evangelho do reino : estudos bíblicos sobre o reino de Deus / George Eldon Ladd; tradução Hope Gordon Silva.

— São Paulo : Shedd Publicações, 2008.

Título original: The gospel of the kingdom

ISBN: 978-85-88315-67-9 1. Reino de Deus I. Título.

08-02926 CDD-231.72

I

Indices para catálogo sistemático:

1. Reino de Deus : Doutrina crista 231.72

E VANGELHO

D O

REINO

Estudos Bíblicos Sobre o reino de deus

GEORGE ELDON LADD



Literatura Que Edifica

Copyright © 1959, W. B. Eerdmans Publishing CO. Título original em inglês:
The Gospel of the Kingdom

T Edição - 07/08 Iª Reimpressão - 12/11

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por Shedd Publicações Rua São Nazário, 30, Sto Amaro São Paulo-SP - 04741-150 Tel. (011) 5521-1924 Vendas (011) 3577-0177 Email: sheddpublicacoes@uol.com.br www.loja.sheddpublicacoes.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 978-85-88315-67-9

Tradução: Hope Gordon Silva Revisão: Regina Aranha DiagramaçãO: Edmilson Frazão Bizerra Capa: Júlio Carvalho

Dedicado a Charles E. Fuller, cuja voz trouxe o evangelho do Reino a milhões de pessoas em todo o mundo.

Sumário

Prefácio por George Eldon Ladd Introdução por Oswald **J.** Smith

Prefácio

Estudiosos sérios da Bíblia, por vezes, perdem de vista o fato de que o estudo e a

interpretação da Bíblia nunca devem ser um fim em si mesmos. Deus deu sua Palavra escrita aos homens para um fim prático: "Para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra" (2Tm 3.17). Quando existe uma lacuna entre a sala de aula e o púlpito, muitas vezes, o resultado é improdutividade na sala de aula e superficialidade no púlpito.

Este autor dedica muita atenção ao estudo técnico da doutrina bíblica do Reino de Deus. Nenhum ensinamento do Novo Testamento já foi debatido de forma mais vigorosa que este. No entanto, o Reino de Deus é a mensagem central do ministério de nosso Senhor. Ele "foi por toda a Galiléia, [...] pregando as boas novas do Reino" (Mt 4.23). Esse elemento de proclamação, muitas vezes, fica encoberto no debate e no argumento.

As próximas páginas são uma proclamação. Ao mesmo tempo em que, é óbvio, há um ponto de vista distinto por trás da proclamação, o propósito dela não é defender um ponto de vista nem discutir interpretações, nem problemas críticos e teológicos, mas, sim, tentar seguir o exemplo de nosso Senhor de proclamar as boas novas.

Originalmente, estes estudos foram apresentados como sermões no púlpito e em Conferências Bíblicas, eles foram gravados e adaptados para publicação. Por isso, o estilo é simples e direto, o objetivo é devocional e prático, e seu apelo é ao coração e à vontade. O livro

10 c entregue para impressão com a prece de que a realidade do Reino de Deus seja uma bênção para muitos leitores, como é para o autor.

GEORGE ELDON LADD *Pasadena, Califórnia*

Introdução

A escatologia sempre *é* um assunto fascinante. Ela tem apelo tanto para cristãos como para não-cristãos. Toda pessoa tem curiosidade em relação ao futuro. Por isso, sempre tivemos tantos mágicos e quiromantes. Hoje, em especial, os homens têm grande desejo de saber o que os aguarda. No entanto, à parte da Palavra de Deus, podemos apenas especular. Só ela revela o propósito de Deus para o presente e para o futuro.

Já li muitos livros sobre profecia. Estou familiarizado com as várias escolas de

pensamento e de interpretação. Muito já foi escrito sobre o Reino de Deus. Mas de todos os livros que li, nunca me deparei com um que trate do Reino de forma tão clara e bíblica como esta nova obra do dr. Ladd, *O evangelho do Reino.*

O dr. Ladd mostra que o Reino de Deus pertence ao presente, bem como ao futuro. Ele concebe o Reino como o reinado, o governo de Deus, nesta era, no coração e na vida daqueles que se entregam a ele e, na próxima era, sobre todo o mundo. No segundo capítulo, o autor resume essa concepção desta maneira:

"O Reino de Deus é basicamente o governo de Deus. É o reinado de Deus, a soberania divina em ação. No entanto, o reinado de Deus manifesta-se em vários domínios, e os evangelhos falam de entrar no Reino de Deus tanto hoje como amanhã. O reino de Deus se manifesta tanto no futuro como no presente e, por isso, cria tanto

um reino futuro como um reino presente, em que o homem pode vivenciar as bênçãos do reinado dele."

Sua interpretação das parábolas é bastante iluminadora. Ele não crê que se tenha de interpretar cada detalhe. Em seu modo de entender, o Reino, embora sem relevância exterior no presente, é uma realidade e está destinado a dominar o mundo todo. Deus, um dia, governará sobre tudo. Esse é um conceito bem diferente da interpretação comum das várias escolas de estudo profético. Ele deve incentivar os desanimados e dar esperança aos desesperançados. O governo de Deus, apesar das aparências, está destinado a triunfar no fim. Nada pode impedir isso.

A interpretação do dr. Ladd do sermão do monte é a mais clara que já li. Ninguém pode estudá-la sem se sentir muitíssimo condenado. Ela se contrapõe totalmente às práticas e ensinos de nossos dias. Divórcio, concupiscência, ira, imprecações, etc., recebem um tratamento nada incerto. A interpretação é evangelística e bíblica em todos os sentidos da palavra. Ela transforma a Bíblia em um novo livro.

Parece-me que a ênfase do autor na absoluta necessidade de uma decisão com tudo que isso envolve é de suma importância. Dr. Ladd não minimiza o custo de fazer isso. Discipulado sempre tem seu preço. Elá um preço a pagar. O jovem rico devia desistir de tudo. O governo de Deus exige submissão total. Seus

súditos têm de pô-lo em primeiro lugar. Só se entra no Reino quando se toma uma decisão e se paga o preço.

Além disso, o autor deixa claro que a igreja deve pregar o evangelho do Reino até o fim desta era, e que o Reino só retornará quando essa tarefa for cumprida.

Minha esperança é que este livro seja estudado por ministros, estudantes e trabalhadores cristãos de toda parte. Parabenizo o dr. Ladd por tê-lo escrito. Ele fez uma contribuição genuína à igreja.

OSWALD J. SMITH , *Los Angeles*

Fevereiro de 1959

Capítulo I

O que é o Reino de Deus?

Vivemos em uma época maravilhosa, porém, temível. É uma época maravilhosa por causa dos feitos admiráveis das ciências modernas que nos fornecem conforto e prosperidade com os quais não se sonhava há um século. Grandes aves de metal deslizam pelo ar engolindo milhares de quilômetros em poucas horas. Palácios flutuantes trazem ao viajante marítimo todos os luxos do hotel mais elegante. O automóvel liberou o homem para explorar pessoalmente cenas e vistas de que seus avós só dispunham em livros de histórias. A energia elétrica trouxe vários escravos para servir à mais humilde dona de casa. A medicina venceu a peste, a varíola e outros inimigos do bem-estar físico e está no limiar de outras conquistas admiráveis.

Uma época maravilhosa, sem dúvida! Contudo, a felicidade e a segurança parecem estar mais distantes que nunca, pois enfrentamos perigos e ameaças de dimensões sem paralelo. Vencemos uma guerra que ameaçava os fundamentos da liberdade humana; mas as páginas de nossos jornais estão manchadas com histórias inacreditáveis de supressão da liberdade humana, e a luta por liberdade continua. Novas descobertas na estrutura da matéria abriram perspectivas inimagináveis de bênção para o bem-estar físico do homem; contudo essas mesmas descobertas contêm o potencial, nas mãos de homens cruéis, de varrer a sociedade da face da terra.

Em uma época como essa, maravilhosa e, ao mesmo tempo, temível, os homens questionam. O que quer dizer tudo isso? Para onde vamos? Qual é o sentido e o objetivo da história humana? Hoje, os homens estão preocupados não apenas com o indivíduo e o destino da alma, mas também com o sentido da própria história. A humanidade tem um destino? Ou nós, como bonecos de madeira, lançamo-nos de um lado ao outro do palco do tempo, para, no fim, o palco, os atores, e o próprio teatro serem destruídos pelo fogo e restar apenas um monte de cinzas e o cheiro de fumaça?

Nos tempos antigos, poetas e videntes ansiavam por uma sociedade ideal. Hesíodo, poeta grego, sonhava com a perdida Idade de Ouro do passado distante, mas não via esplendor no presente, tinha a atenção constantemente voltada para o amanhã, mas não tinha nenhuma esperança para o futuro. Platão imaginava um Estado ideal organizado sobre princípios filosóficos; mas ele mesmo reconheceu que seu plano era idealista demais para ser realizado. Virgílio cantou sobre alguém que libertaria o mundo de seus sofrimentos e por meio de quem "o grande curso das eras começaria de novo".

A fé hebraica-cristã expressa sua esperança em termos do Reino de Deus. Essa esperança bíblica não está na mesma categoria dos sonhos dos poetas gregos, mas, sim, no próprio cerne da religião revelada. A noção bíblica do Reino de Deus tem raízes profundas no Antigo Testamento e se fundamenta na certeza de que existe um Deus vivo eterno, o Deus que se revelou aos homens e que tem um propósito para a raça humana, propósito esse que ele escolheu realizar por intermédio de Israel. Portanto, a esperança bíblica é uma esperança religiosa; ela é um elemento essencial na vontade revelada e na obra redentora do Deus vivo.

Por isso, os profetas anunciaram um dia em que os homens viveríam juntos e em paz. Nesse dia, Deus "julgará entre as nações e resolverá contendas de muitos povos. Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças, foices. Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, elas jamais tornarão a preparar-se para a guerra" (Is 2.4). Não só os problemas da sociedade humana serão resolvidos, mas também não existirão mais os males do ambiente físico do homem. "O lobo viverá com o cordeiro, o leopardo se deitará com o bode, o bezerro, o leão e o novilho gordo pastarão juntos, e uma criança os guiará" (Is 11.6). Paz, proteção, segurança — tudo isso foi prometido para o

futuro feliz.

Depois, vem Jesus de Nazaré com a proclamação: “Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo” (Mt 4.17). O tema da vinda do Reino de Deus foi central na missão dele. Seu ensino visava mostrar aos homens como entrar no Reino de Deus (Mt 5.20; 7.21). Suas obras poderosas pretendiam provar que o Reino de Deus chegara a eles (Mt 12.28). Suas parábolas ilustraram para seus discípulos a verdade a respeito do Reino de Deus (Mt 13-11). E quando ele ensinou seus seguidores a orar, no cerne do pedido deles estavam as palavras: “Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10). Ele, na véspera de sua morte, assegurou a seus discípulos que ainda compartilharia com eles a alegria e a comunhão do Reino (Lc 22.22-30). Ele também prometeu voltar à terra, em glória, para trazer a bem-aventurança do Reino àqueles para quem o Reino foi preparado (Mt 25.31,34).

Quando perguntamos para a igreja cristã: “O que é o Reino de Deus? Quando e como ele virá?”, recebemos uma variedade ator-doante de explicações. Há poucos temas tão proeminentes na Bíblia que recebem interpretações tão radicalmente divergentes como o do Reino de Deus.

Alguns, como Adolf von Harnack, reduziram o Reino de Deus à esfera subjetiva e entendem-no em termos do espírito humano e seu relacionamento com Deus. O Reino de Deus *é* um poder interior que entra na alma humana e se apossa dela. Ele consiste de algumas verdades religiosas fundamentais e de aplicação universal. A mais recente interpretação, de C. H. Dodd, concebe o Reino como o absoluto, o “totalmente outro” que entrou no tempo e no espaço na pessoa de Jesus de Nazaré.

No outro extremo, estão aqueles que, como Albert Schweitzer, definem a mensagem de Jesus sobre o Reino como a esfera apocalíptica a ser inaugurada por um ato sobrenatural de Deus, quando a *16* história cessa, e tem início uma nova ordem celestial de existência. O Reino de Deus não é, em nenhum sentido da palavra, uma realidade presente nem espiritual; mas uma realidade totalmente futura e sobrenatural.

Outro tipo de interpretação, de um modo ou outro, relaciona o Reino de Deus com a igreja. Desde os dias de Agostinho, identifica-se o Reino com a igreja. Conforme a igreja cresce, o Reino cresce e se estende no mundo. Muitos teólogos protestantes ensinam uma forma modificada dessa interpretação,

mantendo que o Reino de Deus pode ser identificado com a verdadeira igreja, a qual é incorporada à igreja visível que professa a fé. À medida que a igreja proclama o evangelho por todo o mundo, ela estende o Reino de Deus. Uma versão otimista defende que a missão da igreja é ganhar o mundo inteiro para Cristo e, assim, transformar o mundo no Reino de Deus. O evangelho é o evangelho sobrenatural e redentor de Jesus Cristo, e o Reino é estabelecido pela proclamação do evangelho pela igreja. O evangelho não pode oferecer, aos que creem, apenas a salvação pessoal na vida futura; ele precisa também transformar, aqui e agora, todos os relacionamento da vida e, assim, fazer com que o Reino de Deus prevaleça em todo o mundo. O evangelho da graça redentora tem o poder de salvar a ordem social, econômica e política, bem como a alma dos crentes individuais. O Reino de Deus é como um bocado de fermento posto numa tigela de massa que lenta, mas de forma constante, permeia a massa até que toda ela esteja fermentada. Da mesma forma, o Reino de Deus deve transformar o mundo por meio da impregnação lenta e gradual.

Ainda outros entendem o Reino de Deus como um padrão, em essência, ideal para a sociedade humana. A principal preocupação do Reino não é a salvação individual nem o futuro, e, sim, os problemas sociais atuais. Os homens edificam o Reino de Deus ao trabalhar para a ordem social ideal e se esforçar para resolver os problemas de pobreza, doença, relações trabalhistas, desigualdades sociais e relações raciais. A principal responsabilidade da igreja é edificar o Reino'de Deus. Os que se interessam pela história da interpretação encontram um breve, mas completo, levantamento com documentação no livro *Crucial Questions About the Kingdom of God [Questões cruciais sobre o Reino de Deus* (Grand Rapids: Eerdmans, 1952), deste autor.

Diante da diversidade de interpretação na história da teologia cristã, talvez muitos leitores reajam com estas palavras: “Deixemos de lado todas as interpretações humanas. Passemos diretamente à Palavra de Deus e vejamos o que ela tem a dizer sobre o Reino de Deus”. O fato que nos deixa perplexos é que quando nos voltamos para as Escrituras encontramos uma diversidade quase tão desnorte-ante de declarações sobre o Reino de Deus. Pegue um livro de concordância bíblica e verifique, apenas no Novo Testamento, cada referência à palavra “reino”, escreva em um papel um pequeno resumo de cada versículo em que ela aparece, provavelmente, você ficará sem saber o que fazer com a complexidade de ensinamentos.

A Palavra do Senhor *diz* que o Reino de Deus é uma realidade espiritual

presente. “Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14.17). Retidão, paz e alegria são frutos do Espírito que Deus concede agora àqueles que entregam sua vida ao governo do Espírito. Eles dizem respeito às mais profundas fontes da vida espiritual, e isso, de acordo com o apóstolo inspirado, é o Reino de Deus.

O Reino é, ao mesmo tempo, a herança que Deus concederá a seu povo quando Cristo vier em glória. “Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo’” (Mt 25.34). Como o Reino de Deus pode ser uma realidade espiritual presente e ainda ser uma herança concedida ao povo de Deus na segunda vinda de Cristo?

Outra faceta da verdade sobre o Reino reflete o fato de que o Reino é um domínio no qual os seguidores de Jesus Cristo já entraram. Paulo escreve que Deus nos “resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado” (Cl 1.13). Esse versículo deixa muito claro que os redimidos já estão no Reino de Cristo. Sem dúvida, pode-se objetar que precisamos distinguir entre o Reino de Deus e o Reino de Cristo; mas isso parece *18* impossível, pois o Reino de Deus é também o Reino de Cristo (Ef 5.5; Ap 11.15). Além disso, nosso Senhor descreve os que receberam sua mensagem e missão como aqueles que entram *agora* no Reino de Deus (Lc 16.16).

O Reino de Deus é, ao mesmo tempo, um domínio futuro no qual precisamos entrar quando Cristo voltar. Pedro observa um dia futuro em que serão “ricamente providos quando entrarem no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 1.11). Nosso Senhor referiu-se muitas vezes a esse evento futuro. “Muitos virão do oriente e do ocidente, e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos céus (Mt 8.11).

Essa vinda futura do Reino acontecerá com grande glória. Jesus contou do dia em que os anjos “tirarão do seu Reino tudo o que faz tropeçar e todos os que praticam o mal. [...] Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai” (Mt 13.41,43). Por sua vez, quando os fariseus perguntaram a Jesus sobre quando o Reino de Deus viria, ele respondeu: “O Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: ‘Aqui está ele’, ou ‘Lá está’; porque o Reino de Deus está entre vocês” (Lc 17.20,21). O Reino já está presente em meio aos homens; e Jesus foi categórico ao responder aos fariseus, desanimando-os de procurar por um Reino futuro que viesse com aparato externo de glória.

As parábolas do Reino deixam claro que, em algum sentido, o Reino está presente e em operação no mundo. O Reino de Deus *é* como uma semente minúscula que se transforma em uma grande árvore; *é* como o fermento que, um dia, permeará toda a tigela de massa (Lc 13.18-21). No entanto, quando Pilatos questionou Jesus sobre o ensino dele, ele replicou: "O meu reino não é deste mundo" (João 18.36).

A própria complexidade do ensino bíblico sobre o Reino de Deus é um dos motivos pelo qual surgem interpretações tão diversas na história da teologia. Versículos isolados são citados na maioria das interpretações que encontramos em nossa literatura teológica. O Reino é uma realidade atual (Mt 12.28) e, contudo, é uma bênção futura (ICo 15.50). Ele é uma bênção espiritual redentora (Rm 14.17), experimentada apenas por meio do novo nascimento (Jo 3.3), e, contudo, terá que ver com o governo das nações do mundo (Ap 11.15). O Reino é um domínio no qual os homens entram agora (Mt 21.31), e no qual, todavia, entrarão amanhã (Mt 8.11). Ele é, ao mesmo tempo, um presente de Deus que será conferido, pelo Senhor, no futuro (Lc 12.32) e que, no entanto, precisa ser recebido no presente (Mc 10.15). Com certeza, nenhuma explicação simples faz justiça a uma variedade de ensino tão rica, mas diversa.

No entanto, há uma solução básica para esse problema complexo que fornece a chave da compreensão para abrir a porta a tesouros de entendimento e bênção. Essa chave fornece a abordagem mais simples a essa porção tão complexa e diversa da verdade bíblica. É uma chave que muitas vezes passa despercebida por causa da diferença entre a linguagem moderna e a antiga.

Precisamos fazer a pergunta mais fundamental: qual é o sentido de "reino"? A resposta moderna a essa pergunta perde a chave do sentido dessa verdade bíblica antiga. Em nosso linguajar ocidental, um reino é originalmente um espaço, uma esfera, um domínio sobre o qual um rei exerce sua autoridade. Não restam muitos reinos em nosso mundo moderno com seus interesses democráticos; mas pensamos no Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte como o grupo original de países que reconhecem a rainha como sua soberana. O dicionário Houaiss segue essa linha de pensamento ao dar como sua primeira definição moderna: "país, estado governado por um rei; monarquia".

O segundo sentido de reino *é* o conjunto de súditos de uma monarquia. Pode-se pensar no reino da Grã-Bretanha como os cidadãos sobre os quais a rainha exerce seu governo, os súditos de seu reino.

A aplicação exclusiva de quaisquer dessas duas idéias ao ensino bíblico do Reino nos desvia de uma compreensão correta da verdade bíblica. O próprio dicionário da língua inglesa comete esse erro quando apresenta esta definição teológica de reino: "domínio espiritual do qual Deus é o cabeça." Essa definição não faz justiça 20 aos versículos que falam da vinda do Reino em glória e poder externo quando Cristo retornar. Por outro lado, aqueles que começam com a idéia de um domínio futuro a ser inaugurado pela volta de Cristo não fazem justiça às afirmações do Reino como uma realidade espiritual presente.

Além do mais, aqueles que começam com a idéia do Reino como um povo baseiam sua definição na identificação do Reino com a igreja, e há muito pouca justificativa bíblica para essa noção.

Nós precisamos deixar de lado nossa linguagem moderna se quisermos entender a terminologia bíblica. Nesse ponto, o dicionário de Webster oferece uma pista quando apresenta como sua primeira definição de "reino": "a posição, qualidade, estado, ou atribuições de um rei; autoridade real; domínio; monarquia; realeza. *Arcaico*". Do ponto de vista de uso lingüístico moderno, talvez essa definição seja arcaica; mas é precisamente esse arcaísmo que é necessário para se entender o ensino bíblico antigo. O sentido *primário* tanto da palavra hebraica *malkuth,* do Antigo Testamento, como da grega *basileia,* do Novo Testamento, é a posição, autoridade e soberania exercida por um rei. Uma *basileia*, na verdade, pode ser o reino, domínio sobre o qual um soberano exerce sua autoridade e pode ser as pessoas que pertencem a esse reino e sobre as quais a autoridade é exercida; mas esses são sentidos secundários e derivados. Acima de tudo, reino é a autoridade para governar, a soberania do rei.

Observamos o uso desse sentido primário da palavra "reino" na descrição do Antigo Testamento do governo de um rei. Esdras 8.1 fala do retorno da Babilônia "durante o reinado do rei Artaxerxes". Segundo Crônicas 12.1 fala do estabelecimento do reinado, ou governo, de Roboão. Daniel 8.23 faz referência ao período final desses reinados ou governos. Também encontramos o uso do termo "reino" como reinado humano em passagens como Jeremias 49.34; 2Crôni-cas 11.17; 12.1, 26.30; Esdras 4.5; Neemias 12.22, etc.

Quando a palavra faz referência ao Reino de Deus, ela sempre se refere ao seu reinado, seu governo, sua soberania, e não à esfera em que é exercida. Salmo 103.19: "O Senhor estabeleceu o seu trono nos céus, e como rei domina sobre tudo o que existe." O reino de Deus, seu *malkutb, é* seu governo universal, sua

soberania sobre toda a terra. Salmo 145.11: “Eles anunciarão a glória do teu reino e falarão do teu poder”. No paralelismo da poesia hebraica, as duas linhas expressam a mesma verdade. O reino de Deus é o seu poder. Salmo 145.13: “O teu reino é reino eterno, e o teu domínio permanece de geração em geração.” A *esfera* do governo de Deus *é o* céu e a terra, mas esse versículo não faz nenhuma referência à permanência desse domínio. O governo de Deus é eterno. Daniel 2.37: “Tu, ó rei, és rei de reis. O Deus dos céus concedeu-te domínio, poder, força e glória”. Observe os sinônimos para reino: poder, força, glória — todos expressões de autoridade. Esses termos identificam o reinado como o “governo” que Deus concedeu ao rei. Escreveu-se sobre Belsazar: “Deus contou os dias do teu reinado e determinou o seu fim” (Dn 5.26). Fica claro que é o domínio sobre o qual Belsazar governava que foi destruído. O *reino* e o *povo* babilônios não acabaram; foram transferidos a outro governador. O governo do rei terminou, e o governo que foi dado a Dario, o medo (Dn 5.31).

Uma referência em nossos evangelhos torna muito claro esse sentido. Lucas 19.11,12 afirma: “Estando eles a ouvi-lo, Jesus passou a contar-lhes uma parábola, porque estava perto de Jerusalém e o povo pensava que o Reino de Deus ia se manifestar de imediato. Ele disse: ‘Um homem de nobre nascimento foi para uma terra distante para ser coroado rei e depois voltar’”. O homem nobre não foi embora para conseguir um reino, uma região sobre a qual governar. O reino sobre o qual queria governar estava próximo. O território sobre o qual deveria reinar era esse lugar que deixou. O problema era que ele não era rei. Ele precisava de autoridade, o direito de governar. Ele saiu para conseguir um “reino”, isto é, “ser coroado rei”, ter autoridade. Uma versão da Bíblia traduziu a palavra por poder regio .

Essa mesma situação aconteceu alguns anos antes dos dias de nosso Senhor. No ano 40 a.C., a situação política da Palestina se tornara caótica. Em 63 a.C,, os romanos subjugaram o país, mas a estabilidade demorou a chegar. Por fim, Herodes, o Grande, foi para

Roma, obteve do Senado romano o reinado e foi declarado rei. Ele foi literalmente para um país distante para receber um reinado, a autoridade para ser rei, o rei dos judeus na Judéia. Pode bem ser que nosso Senhor tivesse esse incidente em mente quando contou essa parábola . Em todo caso, ela ilustra o

sentido fundamental de reino.

O Reino de Deus é sua realeza de Rei, seu governo, sua autoridade. Uma vez reconhecido isso, encontramos passagem após passagem do Novo Testamento que deixam evidente esse sentido, passagens em que o Reino não é uma região, um domínio nem um povo, mas o reinado de Deus. Jesus disse que devemos "receber o reino de Deus" como uma criança (Mc 10.15). O que é recebido? A igreja? O céu? O governo de Deus é recebido. A pessoa, a fim de entrar no futuro domínio do Reino, tem de se entregar, aqui e agora, em total confiança ao governo de Deus.

Também devemos procurar "em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça" (Mt 6.33). Qual é o objeto de nossa busca? A igreja? O céu? Não; devemos buscar a justiça de Deus — o domínio dele, o governo dele, o reinado dele em nossa vida.

Quando oramos: "Venha o teu Reino", oramos para que o céu venha à terra? Em certo sentido, oramos por isso; mas o céu é um objeto de desejo apenas por que o reinado de Deus é para ser mais perfeitamente reconhecido no céu do que é agora. À parte do reinado de Deus, o céu não tem sentido. Por isso, oramos: "Venha o teu Reino; *seja feita a tua vontade,* assim na terra como no céu" (grifo do autor), Essa oração é um pedido para que Deus reine, manifeste sua soberania, poder e realeza, para que afugente todo inimigo da justiça e de seu governo divino, para que só o Senhor seja Rei sobre todo o mundo.

Entretanto, um reinado sem um domínio no qual é exercido não tem sentido. Assim, constatamos que o Reino de Deus também é a esfera na qual se vivência o reinado de Deus. No entanto, os fatos bíblicos, mais uma vez, não são simples. Por vezes, a Bíblia fala do Reino como a esfera em que entramos no presente, às vezes, em que entraremos no futuro.

Ele é futuro em versículos como Marcos 9.47: "É melhor entrar no Reino de Deus com um só olho do que, tendo os dois olhos, ser lançado no inferno". (Veja também Marcos 10.23; 14.25; Mateus 7.21.) Nessas passagens, o Reino de Deus equivale aos aspectos da vida eterna a ser experimentado apenas após a segunda vinda de Cristo.

Em outras passagens, o Reino é presente e pode ser adentrado aqui e agora; Lucas 16.16: "A Lei e os Profetas profetizaram até |oão. Desse tempo em diante

estão sendo pregadas as boas novas do Reino de Deus, e todos tentam forçar sua entrada nele". Mateus 21.31: "Os publicanos e as prostitutas estão entrando antes de vocês no Reino de Deus". Lucas 11.52: "Ai de vocês, peritos na lei, porque se apoderaram da chave do conhecimento. Vocês mesmos não entraram e impediram os que estavam prestes a entrar!".

Nosso problema, então, encontra-se neste fato tríplice: (1) alguns textos da Escritura se referem ao Reino de Deus como o reinado de Deus. (2) Alguns textos se referem ao Reino de Deus como a esfera na qual podemos entrar agora para vivenciar as bênçãos de seu reinado. (3) Ainda outras passagens fazem referência a uma esfera futura que virá apenas com a volta de nosso Senhor Jesus Cristo, e na qual nós, nessa época, entraremos e vivenciaremos a plenitude do reinado dele. Assim, o Reino de Deus significa três coisas distintas em diferentes versículos. A pessoa tem de estudar todas as referências à luz de seu contexto e, então, procurar ajuntá-las numa interpretação global.

Como vimos, o Reino de Deus, basicamente, é o reinado soberano de Deus; mas o reino de Deus se expressa em diferentes estágios ao longo da história da redenção. Portanto, os homens podem entrar na esfera do reinado de Deus em seus vários estágios de manifestação e vivenciar as bênçãos de seu reinado em graus diferentes. O Reino de Deus é a esfera da era vindoura, popularmente chamada de céu; assim, devemos entender as bênçãos de seu reinado (reino) na perfeição de sua plenitude. Mas o Reino está aqui agora. Há uma esfera da bênção espiritual na qual podemos entrar hoje e usufruir em parte, mas em realidade, as bênçãos do Reino de Deus (reinado).

24

Oramos: "Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu." A certeza de que essa oração será respondida quando Deus trouxer a história humana à consumação divinamente ordenada, capacita o cristão a manter seu equilíbrio e sanidade mental neste mundo louco em que vivemos. Nosso coração se abre para aqueles que não têm essa esperança. Graças a Deus, o Reino dele está vindo e encherá toda a terra.

Mas quando oramos: "Venha o teu Reino", também pedimos que a vontade de Deus seja feita hoje, aqui e agora. Essa é a principal preocupação dessas exposições, que o leitor possa encontrar o Reino de Deus, ou melhor, que o Reino de Deus possa encontrá-lo. Também devemos orar: "Venha o teu Reino,

seja feita a tua vontade” assim em minha igreja como no céu. A vida, a comunhão da igreja cristã deve ser a comunhão de pessoas em meio às quais a vontade de Deus é feita — um pedacinho do céu na terra. “Venha o teu Reino, seja feita a tua vontade” na minha vida como é feita no céu. Isso está incluído em nossa oração pela vinda do Reino. Isso faz parte do evangelho do Reino de Deus.

Capítulo II

- O Reino é amanhã
- O Reino é hoje
- A vida do Reino
- A justiça do Reino
- A exigência do Reino
- Quando virá o Reino?
- Notas

O Reino é amanhã

Em nosso capítulo introdutório, esboçamos algumas interpretações do Reino de Deus que prevalecem e, a seguir, tentamos apresentar uma descrição básica. O Reino de Deus, basicamente, é o governo de Deus. É o reinado de Deus, a soberania divina em ação. O reino de Deus, todavia, se manifesta em várias esferas, e os evangelhos falam de entrar no Reino de Deus tanto hoje como amanhã. O reinado de Deus manifesta-se tanto no futuro como no presente, e, dessa maneira, cria tanto uma esfera futura como uma esfera presente na qual os homens podem vivenciar as bênçãos do reino.

O Reino de Deus, portanto, é a realização da vontade de Deus e o gozo das bênçãos que a acompanham. No entanto, o Novo Testamento ensina de forma clara que a vontade de Deus não será *perfeitamente* realizada nesta era. A doutrina da segunda vinda de Jesus Cristo é central na teologia bíblica. Schweitzer estava certo até esse ponto de que o, assim chamado, aspecto apocalíptico ou "sobrenatural" do Reino de Deus não é um apêndice irrelevante que pode ser descartado sem prejudicar o ensino bíblico. A Bíblia entende que toda a extensão da história humana repousa na mão de Deus, mas ela busca a realização final do Reino de Deus em uma esfera "além da história", ou seja, em uma ordem de existência nova e diferente.

Contudo, embora isso seja verdade, há um sentido muito real e muito vital no qual Deus já manifestou seu reinado, sua vontade *26* e seu Reino, a vinda de Cristo na carne, em virtude do que nós podemos vivenciar a vida do Reino aqui e agora. Da mesma forma que há dois adventos de Cristo, um na carne, que chamamos encarnação, e outro em glória, que chamamos parúsia ou segundo advento; também há duas manifestações do Reino de Deus: uma em poder e glória quando Cristo voltar, e uma presente agora, porque o Filho de Deus já apareceu entre os homens. Neste capítulo, estamos interessados em verificar o que o Novo Testamento nos diz sobre o aspecto futuro de seu reinado; mas em todo o resto do livro nos dedicaremos ao aspecto presente do Reino de Deus naquilo que tem que ver com a experiência presente.

A fim de entender esse tema e apreciar como o Reino de Deus pode ser tanto futuro como presente, precisamos projetar essa verdade contra o pano de fundo de outro ensino bíblico, enfatizado com pouca freqüência e que talvez, para alguns, pareça uma idéia bastante nova. Na linguagem cristã popular, nós, com

freqiiência, contrastamos a vida presente com a futura com o uso das palavras terra e céu. Aqui na terra, vivemos nossa vida no corpo, mas a salvação futura será consumada no céu. Uma abordagem mais filosófica contrasta o tempo e a eternidade como se representassem dois modos diferentes de existência. Nossa vida presente é vivida "no tempo" enquanto a ordem futura será "além do tempo", na eternidade. Esse conceito reflete-se em nossa linguagem religiosa popular religiosa no cântico:

Quando a trombeta do Senhor soar, e o tempo não mais existir,

Quando a manhã raiar eterna, reluzente e bela...

Uma das mais brilhantes discussões recentes na teologia bíblica é a de Oscar Cullmann em que demonstra com êxito que esses conceitos são estranhos à visão bíblica. Seu livro, *Christ and Time [Cristo e o tempo],*[1] mostra que a cosmovisão bíblica envolve um conceito linear, e que a "eternidade", como pertencente à história da redenção, é simplesmente tempo sem-fim. Esse fato fica obscuro em algumas versões da Bíblia que traduzem errado a palavra e ohscurecem essa cosmo visão bíblica. Há duas palavras do Novo I estamento grego que são traduzidas por uma palavra única "mundo", fato esse obscurecido em nossas versões mais antigas. Primeiro, Ini a palavra grega *kosmos.* O *kosmos* é algo que está em ordem, ou I urmonia, adequada, algo que desfruta do arranjo apropriado. Nossa palavra "cosmético" deriva-se da palavra grega. Cosméticos são produtos que auxiliam as senhoras a compor o rosto, deixá-lo na ordem apropriada, adorná-las. O uso grego mais comum da palavra *kosmos* é o mundo como a soma e o total de tudo que constitui ii in universo ordenado.

Contudo, há outra palavra que, muitas vezes, é traduzida de lorma muito errada na Versão Autorizada da Bíblia, em inglês. E a palavra *aion,* da qual se deriva a palavra *éon.* Originariamente, *éon* não tem nenhuma conotação de ordem ou estrutura, mas designa um período de tempo e deve ser traduzida por "era".

Quando investigamos essa palavra no Novo Testamento, constatamos que no curso do propósito redentor de Deus há duas eras que, com freqüência, são chamadas "esta era" e "era por vir". Em Mateus 12.32 lê-se: "Todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem será perdoado, mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem nesta era nem na que há de vir". No entanto, nosso Senhor não está falando de dois mundos e, sim, de duas eras. A extensão inteira da existência do homem é posta em termos desta era e da era

por vir. A palavra grega usada não é *kosmos,* mas sim *aion,* era. Infelizmente, as Bíblias mais antigas obscurecem esse fato importante; mas ele é apresentado de forma correta na NVF. A blasfêmia contra o Filho do homem será perdoada, mas a blasfêmia contra o Espírito Santo *nunca* será perdoada; e a extensão desse "nunca" é de dois períodos de tempo: a era presente e a por vir.

Em Efésios 1.21, Paulo descreve a exaltação de Cristo como "muito acima de todo governo e autoridade, poder e domínio, e de todo nome que se possa mencionar, não apenas nesta era, mas também na que há de vir". Aqui, mais uma vez, a tradução por "mundo" da Versão Autorizada (em inglês) é incorreta. Paulo não tem

 em mente dois mundos, mas duas eras. A palavra que usou não é *kosmos,* mas *aion.* Não há nenhum pensamento de duas ordens de sociedade, mas de dois períodos de tempo.

Em Marcos 10.29,30, encontramos uma leve variação dessa expressão: "Respondeu Jesus: 'Digo-lhes a verdade: Ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe pai, filhos ou campos, por causa de mim e do evangelho, deixará de receber cem vezes mais, já no tempo presente, casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, e com eles perseguição; e, na era futura, a vida eterna ". Na segunda metade do versículo, encontramos de novo a palavra *aion-,* e a tradução "no mundo que virá" não representa a idéia de forma acurada. Na primeira metade do versículo, a palavra "tempo" *(kairos)* aparece em vez de *aion* ou era. Isso torna duplamente claro que a referência do versículo é a dois períodos de tempo, não a dois mundos. Neste tempo, nesta era devemos esperar hostilidade ao evangelho. Na era por vir, aqueles que seguiram a Cristo serão libertados de toda oposição e sofrimento e desfrutarão a vida eterna.

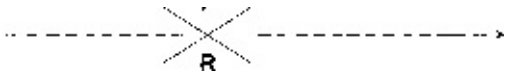
Quando investigamos mais esse conceito, constatamos que essas duas eras estão separadas pela segunda vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos. Em Mateus 24.3, os discípulos vieram a Jesus com a pergunta: "Dize-nos, quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?". A redação de várias traduções sugere que os discípulos perguntavam sobre o tempo da destruição deste mundo — de seu fim. A pergunta, ao contrário, diz respeito à consumação da era atual que será seguida por outra era. De acordo com esse versículo, espera-se que esta era tenha fim com a parúsia, ou segunda vinda de Cristo, e seja seguida da era por vir. [3]

Outro evento que separa a era atual da era por vir é a ressurreição dos mortos. Lemos em Lucas 20.34,35: “Jesus respondeu: ‘Os filhos desta era casam-se e são dados em casamento, mas os que forem considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição dos mortos não se casarão nem serão dados em casamento’”. Aqui, de novo, nosso Senhor se refere a duas épocas, não a dois mundos. Nesta era, o casamento é uma instituição necessária.

"()s filhos desta era” — todos os que vivem nesse tempo — precisam casar e criar filhos para propagar a raça. Mas um estado de coisas diferente prevalecerá na era por vir, pois os que entram nessa eia farão isso pelo caminho da ressurreição. Portanto, eles, nesse único aspecto, serão como os anjos: eles não mais estarão sujeitos à morte, mas, como os anjos, serão imortais, pois eles se tornaram “filhos da ressurreição”. Portanto, não só a segunda vinda de Cristo determinará o término desta era e a inauguração da era por vir, mas lambém a ressurreição dos mortos determinará isso.

Podemos ilustrar essa estrutura básica por meio de um diagrama simples que designa “O conflito das eras.”

ESTA ERA p A ERA POR VIR



“C” representa a criação, “P”, a parúsia de Cristo e “R”, a ressurreição dos mortos.[4] Esta era iniciou com a criação, contudo, a era por vi r continuará para sempre, não terá fim. Portanto, podemos falar da era por vir como eternidade, termo com o qual queremos dizer tempo sem-fim. Os escritores do Novo Testamento e o judaísmo con-lemporâneo compartilham essa linha de tempo simples, porque ambos têm raízes na cosmovisão do Antigo Testamento.

Quando perguntamos o que a Bíblia ensina sobre o caráter dessas duas eras, nós encontramos um contraste marcante. Esta era c dominada pelo mal, perversidade e rebelião contra a vontade de 1)eus, enquanto a era por vir é a do Reino de Deus.

Lemos em Gálatas 1.4 que Cristo “se entregou a si mesmo por nossos pecados a fim de nos resgatar desta presente era perversa”, lista era é perversa e caracterizada pelo pecado e injustiça. Uma era cia qual os homens precisam ser libertados, libertação essa que só pode ser realizada pela morte de Cristo.

O segundo capítulo de Efésios apresenta uma extensa discussão do caráter desta era. Paulo afirma: “Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, nos quais costumavam viver, quando

30 seguiam a presente ordem deste mundo” (Ef *2.1,2).*[5] Esses versículos empregam ambas as palavras “era” e “mundo”, indicando que embora esta era e o mundo não sejam sinônimos, estão intimamente relacionados. Um tipo de sociedade humana caracteriza esta era. Paulo descreve-a com as palavras: “Nos quais costumavam viver, quando seguiam [,..]o príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência”. O caráter da era deste mundo exibe a marca do príncipe do poder do ar, isto é, Satanás. Ele pode exercer uma influência terrível ao longo desta era, induzindo homens e mulheres a caminhar de uma maneira que desagrada a Deus.

“Anteriormente, todos nós também vivíamos entre eles, satisfazendo as vontades da nossa carne, seguindo os seus desejos e pensamentos. Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira.” Essas paixões da carne não são apenas pecados físicos, da carne; não são apenas pecados de gula, e de bebedeira e de imoralidade. O orgulho é um pecado da carne. O egoísmo, a vaidade, a teimosia, a determinação da vontade própria também são pecados da carne (G1 5.19-21). Todas essas paixões pertencem à “carne”. Quando andávamos de acordo com esta era, vivíamos conforme os apetites de nossa carne e, por natureza, éramos filhos da ira. Esse é um versículo terrível. “Merecedores da ira.” A ira de Deus, o juízo santo do Deus justo pesa sobre esta era, sobre sua pecaminosidade e rebelião. A ira de Deus também cai inescapavelmente sobre aqueles que se amoldam ao caráter mau e rebelde desta era.

Na parábola dos vários tipos de solo, lemos sobre a semente que cai em terreno espinhoso. A semente brota, mas os espinhos crescem e sufocam o crescimento (Mt 13.7). Nosso Senhor interpreta isso com as palavras: “Quanto ao que foi semeado entre os espinhos, este é aquele que ouve a palavra, mas a preocupação desta vida e o engano das riquezas a sufocam, tornando-a infrutífera” (Mt 13.22). As inquietações desta era não são apenas a preocupação, as dificuldades e a ansiedade de ganhar a vida; mas todo o espírito que caracteriza esta era: preocupação e ansiedade em relação à vida física da pessoa, claro, mas também a pressão, o impulso da

■inibição por riqueza, sucesso, prosperidade e poder. Tudo isso está i nvolvido na inquietação, no fardo desta era.

() ponto principal é este: o caráter desta era é sufocar a obra da I ’.il.i vra de Deus. O espírito da era é hostil ao evangelho. Quando o evangelho é pregado, ele, muitas vezes, parece se alojar no coração de homens e mulheres. Eles o ouvem, parecem recebê-lo e dar uma lesposta afirmativa. Entretanto, muitas vezes, é só uma resposta superficial. Não há fruto. Quando a inquietação, a preocupação da eu os pressiona, eles não estão dispostos a pagar o preço de seguir a (l isio. A Palavra de Deus é sufocada e infrutífera. Esta era é hostil .i< i evangelho, e os homens muitas vezes se conformam a esta era cm vez de se entregar às afirmações do evangelho. Há um conflito **entre** a era e o evangelho do Reino.

Segunda Coríntios 4.3,4 é uma das passagens que apresenta uma das mais importantes descrições desta era, pois explica o que rsiá por trás dessas outras palavras. “Mas se o nosso evangelho está encoberto, para os que estão perecendo é que está encoberto. O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo.”

Duas coisas se fazem notar nessa passagem. Satanás *é* o “deus desta era”. No propósito soberano de Deus, Satanás tem permissão i le exercer uma grande extensão de autoridade e poder durante todo n tempo desta era. Já vimos, em Efésios, que na era deste mundo, vivíamos antes de acordo com o príncipe do poder do ar. Deus permitiu que Satanás, como instrumento de sua justiça judicial, exerça tal influência nesta era que Paulo se refere a ele como o deus desta era. De onde vêm o mal, o ódio, o engano, a contenda, o conflito, o pecado, a miséria, a dor, o sofrimento e a morte que caracterizam esta era? Vêm de Satanás. Isso não quer dizer que o I lomem não seja responsável por sua própria má conduta. O homem permanece um agente moral livre e responderá por seus atos tanto diante do juízo de Deus como de.seus semelhantes. Isso quer dizer que o mal é mais do que humano. Tem sua origem em uma personalidade sobre-humana. Esse fato não deve ser interpretado como um dualismo fundamental, como se Deus e Satanás, o bem e o

 mal, fossem dois princípios eternos. Por trás de todas as coisas, incluindo Satanás e o mal, está o Deus eterno. Mas Deus permitiu a Satanás exercer tanto poder que o resultado é, até certo ponto, um dualismo ético.

Em 2Coríntios 4.4, constatamos a manifestação da influência satânica. Ela não se encontra no fato de o “deus deste século” ter arrastado homens bons para a sarjeta do pecado nem de homens fortes e mulheres jovens e belas serem

lançados num sumidouro de imoralidade e corrupção. No caso deles, "o deus desta era *cegou* o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo" (grifo do autor).

Eis a raiz de todos os males: cegueira, escuridão, descrença. A filosofia bíblica de pecado considera que o mal ético e moral está subordinado ao mal religioso. Paulo, em outra passagem, refere-se à "impiedade e injustiça dos homens" (Rm 1.18). Em última análise, todas as formas de perversidade brotam da raiz de impiedade. O pecado é primeiramente religioso e, em segundo plano, ético. O homem é criatura de Deus e sua responsabilidade principal é para com o Senhor. A raiz do pecado encontra-se em sua recusa em reconhecer a dependência grata pelas dádivas e bondade de Deus (Rm 1.21), agora conferidas em Cristo. Obscuridade é a afirmação de independência de Deus, em vez de dependência.

A principal manifestação da influência satânica e do mal desta era é religiosa; é a cegueira em relação ao evangelho de Jesus Cristo. Quantas vezes não entendemos os estratagemas satânicos! Um homem pode ser uma pessoa culta, ética e até religiosa e, mesmo assim, estar nas trevas demoníacas. O desejo básico de Satanás é manter os homens afastados de Cristo. O principal interesse dele não é corromper a moral nem formar ateístas, nem produzir inimigos da religião. Na verdade, a religião fundamentada no pressuposto da adequação e suficiência humana é inimiga da luz. Este é o caráter da era deste mundo: trevas.

A partir desses versículos fica claro que o Reino de Deus não pertence a esta era, pois Satanás é chamado o deus desta era. Isso não sugere que Deus foi destronado nem que sua mão foi removi-

da do controle do universo. Continua a ser uma verdade eterna que "o Senhor estabeleceu o seu trono nos céus, e como rei domina sobre tudo o que existe" (SI 103.19). Mesmo quando o mal é o mais forte na terra, mesmo quando o povo de Deus é mais violem tamente atacado por Satanás, Deus ainda é o "Rei das nações" (Ap 15.3).[6] Está na providência do governo soberano de Deus que esse estado de coisas passe. Entretanto, é fundamental para nosso entendimento do Reino de Deus que reconheçamos o ensino bíblico de que esta era está em rebelião contra o governo de Deus.

O Novo Testamento apresenta a era por vir em oposição direta a esta era. A era presente é perversa, mas o Reino de Deus pertence à era por vir. O Reino de

Deus, como a perfeita manifestação do reino de Deus e como a esfera da bênção redentora completa, pertence à era por vir.

A conversa de nosso Senhor com o jovem rico que pergunta: “Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?” (Mt 19.16), ilustra de forma clara esse ponto. Esse jovem não conhecia o ensino de que o homem pode ter a vida eterna aqui e agora. Ele estava interessado na vida na era por vir. Nosso Senhor disse-lhe para se livrar de tudo que o impedia de ser um discípulo. “Ouvindo isso, o jovem afastou-se triste, porque tinha muitas riquezas” (v.22).

“Então Jesus disse aos discípulos: ‘Digo-lhes a verdade: Dificilmente um rico entrará no Reino dos céus. E lhes digo ainda: É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”’ (w. 23,24).

A propósito, observemos que essas duas expressões, “o Reino de Deus” e “o Reino dos céus”, são obviamente intercambiáveis. Além disso, “o Reino de Deus” e “o Reino dos céus” são ambas intercambiáveis com vida eterna. Marcos, Lucas e João sempre se referem ao Reino de Deus, apenas Mateus menciona o Reino dos céus; e Mateus, nas passagens 12.28; 19.24; 21.31,43, menciona “o Reino de Deus”. Devemos explicar a diferença entre as duas expressões com base na lingüística. O Reino dos céus é a forma semita, e o Reino de Deus é a forma grega da mesma expressão. Nosso Senhor ensinava cm aramaico, língua muito semelhante ao hebraico; ao passo que o

 nosso Novo Testamento é escrito em grego. É provável que Jesus, ao ensinar judeus, falasse “o Reino dos céus”, expressão judaica natural. Há extensa evidência na literatura rabínica judaica de que essa expressão era de uso comum. Para a audiência grega, essa expressão não faria sentido; e quando nossos evangelhos gregos foram traduzidos para o leitor grego, traduziu-se a expressão, de forma uniforme, por “o Reino de Deus”. No evangelho de Mateus, provavelmente escrito para crentes judeus, a expressão original “o Reino dos céus”, em geral, foi conservada. A terminologia de Mateus 19.23,24 deixa bem claro que as duas expressões são intercambiáveis e que não se deve buscar nenhuma diferença de sentido entre elas.

O que o Senhor quis dizer ao falar que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um homem rico entrar no Reino de Deus? O que é o Reino de Deus? No versículo 23, é o Reino dos céus. No versículo 16, *é* vida eterna. Então os discípulos perguntam: “Neste caso, quem pode ser salvo?” (v. 25). Fica

claro que todas essas expressões se referem à mesma bênção a ser obtida no futuro, quando Cristo retornar. O Reino de Deus, o Reino dos céus, a vida eterna, a salvação: são termos intercambiáveis. Jesus diz que para os homens, a salvação é *impossível.* Os homens têm tanta possibilidade de entrar na vida eterna no Reino de Deus por meio de recursos humanos quanto um camelo de passar pelo fundo de uma agulha. Isso seria mesmo um milagre. Da mesma forma que seria milagre um homem rico — ou, nesse caso, até mesmo um homem pobre — afastar seu amor das posses para que pudesse se tornar discípulo de Jesus e, assim, estar preparado para entrar no futuro Reino dos céus.

Mas para aqueles que já vivenciaram esse milagre em sua vida, Jesus prometeu: "Digo-lhes a verdade. Por ocasião da regeneração de todas as coisas, quando o Filho do homem se assentar em seu trono glorioso, vocês que me seguiram também se assentarão em doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel" (v 28). E no versículo 29, |csus acrescenta: "E todos os que tiverem deixado casas, imi.ins, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos, por minha causa, receberão i em vezes mais e herdarão a vida eterna".

Quando nos voltamos à mesma passagem no evangelho de Marcos, encontramos a terminologia do Senhor registrada com maior precisão. Os que seguem a Jesus vivenciarão *neste tempo presente* grandes bênçãos que, entretanto, serão acompanhadas de perseguição; mas na era por vir, eles receberão vida eterna (Mc 10.30). Ao comparar essas passagens, constatamos que a vida eterna, o Reino de Deus, o Reino dos céus, a salvação e a era por vir estão interligados. São a promessa de futuro para aqueles que, nesta era, tornam-se discípulos de Cristo.

A vida eterna pertence à era por vir. O Reino de Deus pertence à era por vir. Se esse versículo fosse o único ensino bíblico sobre vida eterna, eu teria de concluir que o Reino de Deus virá apenas quando o Senhor Jesus retornar e que não herdarei a vida eterna até o dia em que Cristo retornar. Nesse dia, entrarei no Reino de Deus. Nesse dia, receberei a vida eterna.

Quando prosseguimos com esse estudo, nós constatamos que

0 Reino de Deus, como a era por vir, virá após a ressurreição. Em

1 Coríntios 15.50, Paulo diz que "carne e sangue nao podem herdar o Reino de Deus". Aqui, Paulo fala de ressurreição. *Carne* e *sangue* não podem herdar o

Reino de Deus. Nosso corpo precisa passar por uma transformação para que não mais consista de carne e sangue, mas seja um corpo "espiritual", imperecível, glorioso, poderoso (w. 41-44). Só nesse corpo ressurrecto entramos no Reino de Deus. O Reino de Deus virá depois da ressurreição.

Na parábola do joio, constatamos que o Reino de Deus será introduzido pelo dia do julgamento. Ao longo desta era, pessoas boas e más — os filhos do Reino e os filhos do maligno — devem viver um ao lado do outro, assim como o trigo e o joio crescem juntos. Na colheita, "o fim desta era" (Mt 13.39), haverá uma separação de julgamento. "Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai" (v. 43). O julgamento terminará com esta era e levará os filhos do Reino ao pleno gozo das bênçãos do Reino. Na parábola da rede, encontramos a mesma estrutura com o acréscimo de que o julgamento ocorrerá no fim desta era. "Assim acontecerá

no fim desta era. Os anjos virão, separarão os perversos dos justos e lançarão aqueles na fornalha ardente" (Mt 13.49,50).

Assim, constatamos que o Reino de Deus pertence à era por vir e contrasta de forma contundente com esta era. Nesta era há morte; no Reino de Deus, vida eterna. Nesta era, os justos e os perversos estão misturados; no Reino de Deus, toda maldade e pecado serão destruídos. No presente, Satanás é visto como o "deus desta era"; mas na era por vir, o Reino de Deus, o governo do Senhor destruirá Satanás, e a justiça substituirá todo o mal.

Portanto, precisamos modificar nosso diagrama das eras. Esta era e a era por vir não estão no mesmo nível. Esta era é perversa; a era por vir testemunhará a plenitude do Reino de Deus, a perfeição de seu reinado. Por isso, precisamos pôr a era por vir em um nível mais alto que o desta era.[7]

A ERA POR VIR

ESTA ERA

Quando nos voltamos para outras passagens da Escritura, a transição desta era para a era por vir não é tão simples como esse diagrama sugere. Até esse ponto, nosso estudo sugere que o propósito redentor de Deus será consumado na volta de Cristo, tempo em que o estágio final da era por vir será anunciado. No entanto, o livro de Apocalipse modifica essa estrutura. Depois da parúsia de Cristo (Ap 19.11-16) e antes da era por vir (Ap 21.1ss) há um intervalo em que os santos são ressuscitados para reinar com Cristo por mil anos (Ap 20.1-6). Em geral, chama-se esse intervalo de tempo de milênio.

A interpretação desse trecho suscita perguntas difíceis que não podem ser discutidas aqui. Infelizmente, essa discussão, muitas vezes, é acompanhada de mais calor que luz. Alguns expositores insistem

11 uc qualquer ensino de um reino de Cristo na terra antes da era por vir é doutrina judaica, não cristã, enquanto outros insistem que qualquer escatologia nao-milenarista é um desvio da fidelidade à I 'alavra de Deus. Essas reações são uma lástima. Essa questão, como outras que, do ponto de vista prático, são bem mais importantes, como a questão de motivos para o batismo, deveria ser discutida na lamília de fé em um espírito de liberdade e de caridade cristãs.

Aqui, só podemos dizer que é nossa convicção que a Escritura ensina que antes da consumação final do propósito redentor de I)cus, a terra vivenciará um período extenso de governo glorioso de nosso Senhor. A era da igreja é o período da glória encoberta de (d isto; a era por vir será a era da soberania do Pai em que Cristo rnirega seu governo ao Pai e se torna súdito do Pai (ICo. 15.2428), para que Deus seja tudo em todos. O milênio será o período da manifestação da glória de Cristo.[8] Se pensarmos na existência da era por vir como "além da história", o milênio testemunhará o triun-

10 do Reino de Deus na história.

O problema do momento é saber como a doutrina do Novo I estamento de duas eras deixa espaço para um intervalo como esse. () diagrama sugere que a era por vir começa no retorno de Cristo e

11 u c um reino milenar de Cristo não tem lugar na estrutura profeti-

i ,i.

A solução desse problema encontra-se naquilo que podemos i liamar de a perspectiva bíblica profética, fenômeno que ocorre em ioda a Escritura profética.

Em geral, os profetas, ao olhar para o 1111 u ro, falam de eventos vindouros sem tentar apresentar a seqüên-i ia temporal dos vários estágios do cumprimento do propósito de I Kais. Não só o futuro distante é visto como um só evento, embora complexo, como o futuro imediato e o futuro distante são descri-i < >s como se constituíssem um único ato de Deus. Por isso que, nos pmletas, o dia do Senhor é tanto uma visitação histórica de Deus «nino um ato escatológico. E o dia de julgamento em que Deus dispersará Israel em um exílio para além de Damasco (Am 5.1827), e é o dia em que Deus restaurará a fortuna de seu povo (Am I I ss.). E a visitação divina na forma de uma praga de gafanhotos

e de seca (J1 1.1-20; veja v. 15), e é o dia escatológico de juízo e salvação (J1 2.30-32).

Isaías 13 soa como se a destruição histórica da Babilônia pelos medos fosse o fim do mundo. O evento histórico é descrito contra o pano de fundo do drama escatológico final; ambos foram visitações do mesmo Deus no cumprimento de seu propósito redentor.

Encontramos esse mesmo fenômeno no Novo Testamento. Os três relatos do sermão do monte das Oliveiras, em Mateus 24, Marcos 13, e Lucas 21, deixam claro que nosso Senhor descrevia a destruição histórica de Jerusalém pelos romanos, em 66-70 d.C., contra o pano de fundo do anticristo escatológico e os infortúnios messiânicos (a grande tribulação). A besta de Apocalipse 13 é tanto a Roma histórica daquela época como o anticristo escatológico futuro. Em profecias como 2Pedro 3.12,13, os eventos escatológicos são vistos como um único ato de Deus em que o novo céu e a nova terra emergirão do julgamento da ordem presente.

Da perspectiva do Antigo Testamento, não se vê a era da igreja. Deus age no presente na realização de seu propósito redentor para Israel, e ele agirá no futuro para consumar seu propósito quando seu Reino dominará toda a terra. Na verdade, há profecias, como Isaías 53 e Zacarias 9.9,10, que descrevem a vinda de um personagem messiânico em sofrimento e humildade, e outras profecias que descrevem um rei vitorioso de descendência davídica (Is 9,11), bem como, em Daniel 7, a profecia da vinda de um “filho do homem” celestial. Mas o Antigo Testamento não relaciona essas várias profecias umas com as outras, nem teológica nem cronologicamente. Deus, no fim, agirá para redimir seu povo, e

diferentes profetas descrevem essa redenção escatológica em termos distintos. O Antigo Testamento não faz nenhum esforço para sintetizar as profecias; e, da perspectiva profética, o empenho para decidir quais profecias se aplicam à era da igreja, à era do milênio e à era por vir ignora esse fato básico.

Da perspectiva do Novo Testamento, o ato escatológico de Deus, em geral, é visto como um único dia que introduzirá a era

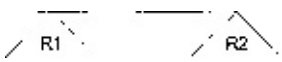
por vir. No entanto, o Apocalipse de João, bem como lCorín-lios 15.20-28, indicam que ainda existirão dois estágios escatológi-cos no cumprimento do propósito divino e estabelecimento do Reino de Deus. A transição desta era para a era por vir não ocorrerá num único grande evento na vinda de Cristo. Nós verificamos que a era por vir será introduzida pela ressurreição dos mortos e a destruição do deus desta era. Mas quando observamos Apocalipse 20, nós percebemos que haverá dois estágios na ressurreição dos mortos e na derrota de Satanás. Há uma ressurreição no início do milênio (Ap 20.4,5) e uma segunda no fim do milênio (w. 12,13). Além do mais, constatamos que há estágios na vitória sobre Satanás. No início do milênio, Satanás é lançado no abismo e acorrentado por mil anos (w. 2,3), no entanto, no fim do milênio, ele é solto para se ocupar, de novo, com suas atividades abomináveis. E embora (disto tenha governado sobre os homens, Satanás encontra o coração destes não regenerado e ainda receptivo aos seus engodos e pronto a se rebelar contra Deus. Então acontecerá o último conflito, a batalha final, cujo resultado é o julgamento final em que Satanás é lançado no lago de fogo. Em resumo, há dois estágios na derrota de Satanás, não apenas um.

Na maior parte do Novo Testamento não se descobre esse fato, pois vemos o futuro como uma tela bidimensional, em termos de comprimento e largura, sem profundidade. Percebe-se a transição entre as eras como um único evento, da mesma forma que os profetas do Antigo Testamento aguardam um único dia do Senhor. Só •to ler Apocalipse verificamos que a Escritura delineia de forma clara < >s dois estágios na derrota de Satanás, estágios esses separados pelo milênio. Precisamos, portanto, modificar nosso diagrama de novo.

A era porvir ,cc

Esta era

CL (milênio)



O = criação R1 = primeira ressurreição R2 = segunda ressurreição

A propósito, devemos observar um fato importante. O milênio nao é a manifestação perfeita e final do Reino de Deus. Satanás está preso durante esse período; mas quando ele é solto, ainda encontra o coração dos homens receptivo ao pecado. A morte e o túmulo não são destruídos até o julgamento final no fim do milênio (Ap 20.14). Podemos dizer, portanto, que o milênio termina em fracasso quanto ao pleno sucesso do reino de Deus. Apenas na era por vir pós-milênio a oração: "Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu" é respondida. Sem dúvida, nesse tempo, a terra será uma terra renovada, mas ainda será a terra.

Várias conclusões importantes emergem desse estudo. A Bíblia ensina que não vivenciaremos as bênçãos plenas do Reino de Deus nesta era. Há os que identificam a esperança cristã com um mundo sem guerra ou totalmente subjugado à vontade de Deus por meio da pregação do evangelho. As pessoas que fixam suas esperanças em um Reino que será consumado nesta era, com certeza, ficarão desiludidos. O Reino de Deus aperfeiçoado pertence à era por vir. Nós jamais conheceremos a plenitude de suas bênçãos enquanto durar esta era perversa. Não haverá nenhuma conversão mundial desse lado da vinda de Cristo. Portanto, não devemos ficar desiludidos por causa de guerras e rumores de guerras, de males e de hostilidade para com o evangelho. E o povo de Deus, quando é chamado a passar por duros sofrimentos e tribulaçÕes, deve lembrar que Deus não os abandonou, mas que o sofrimento se deve ao fato de que como não pertencem mais a esta era, são objeto da hostilidade dela.

Além do mais, o Reino de Deus jamais será plenamente realizado à parte da vinda pessoal, gloriosa e vitoriosa de Cristo. Os homens não podem construir o Reino de Deus; Cristo o trará. No fim, as forças de Satanás e do mal serão vencidas apenas pela ação poderosa da volta de Cristo. Mas esse dia *está* chegando! A Palavra de Deus nos aconselha a vigiar, a estar atentos, prontos e à espera desse dia. Que segurança, que consolo, que estabilidade dá ao nosso coração e mente saber que, com certeza, nossa oração será respondida: "Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu". Sim, venha depressa, Senhor Jesus!

Capítulo III

O Reino é hoje

Nos dois primeiros capítulos, esboçamos a verdade de que a Palavra do Senhor divide o curso do propósito redentor de Deus em duas eras: esta era e a era por vir. Essas duas eras são separadas pela segunda vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos. O Reino de Deus pertence à era por vir e apenas se realizará em sua plenitude na era por vir. Se tivéssemos de terminar nosso estudo nesse ponto, teríamos uma redenção que é exclusivamente promessa. Desse ponto de vista, a salvação seria apenas uma apólice de seguro. Sem dúvida, seguro é muito importante, mas é apenas uma proteção contra um problema futuro. Ele não tem valor para mim hoje a não ser fornecer um sentimento de segurança. Se tudo que tivéssemos fosse essa única divisão entre as eras na volta de Cristo, a salvação seria apenas a promessa de libertação no dia do juízo. Na verdade, em Marcos 10, a promessa de vida eterna pertence inteiramente ao futuro, a quando o Reino de Deus vier.

No entanto, já constatamos que a transição desta era para a era por vir não ocorrerá em um único ponto. Constatamos que há uma sobreposição entre esta era e a era por vir. Não há uma única ressurreição dos mortos, porém, duas ressurreições que são separadas pelo milênio. Há dois estágios na derrota de Satanás. No começo do milênio, ele será preso e lançado no abismo. No fim do milênio, ele será solto apenas para, por fim, ser jogado no lago de fogo para sempre. Durante o período milenar, deverá haver uma sobreposição *42* dessas duas eras. A terra desfrutará de nova vida e de novas bênçãos do Reino de Deus antes da consumação final desse reino na era por vir. O reino de Deus, seu governo, manifestar-se-á em dois grandes atos, um antes e um depois do milênio.

Se esse fosse o programa completo da redenção, teríamos apenas uma religião de promessa, um evangelho de esperança. O fato, no entanto, é que há mais uma sobreposição das duas eras. Há inúmeras afirmações explícitas no Novo Testamento, bem como a estrutura básica da teologia do Novo Testamento como um todo, que nos obrigam a concluir que as bênçãos da era por vir não permanecem mais exclusivamente no futuro, mas se tornaram objeto da experiência presente nesta era.[9] Hebreus 6.5 fala daqueles que “experimentaram [...] os poderes da era que há de vir”. A era por vir ainda *é* futuro, mas podemos provar os poderes dessa era. Algo aconteceu que tornou presente o que pertence

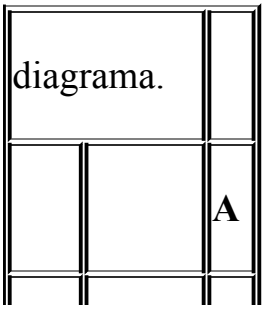
ao futuro. Os poderes da era por vir penetraram nesta era. Embora ainda vivamos na presente era perversa, e embora Satanás ainda seja o deus desta era, podemos degustar os poderes da era por vir. Ora, degustar não é um banquete de sete pratos. Ainda aguardamos a gloriosa consumação e cumprimento daquilo que apenas provamos. Contudo, o gosto é real. E mais que uma promessa; é a realização de algo, é uma experiência. "Provem, e vejam como o Senhor *é* bom." Experimentamos "os poderes da era que há de vir".

Em Gálatas 1.4, lemos, de novo, que Cristo "se entregou a si mesmo por nossos pecados a fim de nos resgatar desta presente era perversa". Como podem homens e mulheres que vivem em uma era perversa serem libertados de seu poder? O livramento vem do poder da era por vir que alcança o passado e que, na pessoa de Cristo, projeta a si mesma nesta era perversa para que nós, pelo poder da era por vir, possamos ser libertados da presente era perversa.

Romanos 12.2 apresenta a mesma verdade: "Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus". Como podemos viver

rm meio à era perversa e não nos moldarmos por ela? Temos de vivenciar uma transformação interior que, em si mesma, é o resultado do poder da era por vir para alcançar o passado nesta era perversa. Enquanto esta era perversa prossegue, Deus tornou possível que vivenciemos um novo poder para que, assim, possamos comprovar qual é a vontade de Deus. Essa sobreposição das duas cias é fundamental ao nosso entendimento do ensino bíblico da redenção.

Essas passagens levam à conclusão de que não há apenas uma lutura sobreposição das eras no período milenar, mas que também liá uma sobreposição atual da era por vir com esta era, e que agora vivemos "entre os tempos". Na verdade, fomos pegos no conflito das eras. Isso pode ser ilustrado por uma modificação adicional em



o	**l** i	
ICC o	* O	.CD cõ '2
0 **i__** D	**1 E i o**	
</) 0 0	1 CD **I** 1=3	**á!**
cr:	1	

era

Esta era

por

vir

R2

RC R1

(Era da igreja) (Milênio)

O que isso tem que ver com o Reino de Deus? Apenas isto: o Reino de Deus pertence à era por vir. Contudo, a era por vir se sobrepôs a esta era. Podemos provar os poderes da era por vir e, assim, ser libertados desta era e não mais viver em conformidade com ela. Esse novo poder transformador é o poder da era por vir; na verdade, é o poder do Reino de Deus. O Reino de Deus é fu-mro, mas ele não está apenas no futuro. O Reino de Deus, como (>s poderes da era por vir, invade esta era perversa para que os homens possam conhecer algo de suas bênçãos mesmo no curso desta era perversa.

44

Talvez a mais importante escritura que explica o caráter fundamental do Reino de Deus seja ICoríntios 15.22-26: "Pois da mesma forma como em Adão todos morrem, em Cristo todos serão vivificados. Mas cada um por sua vez: Cristo, o primeiro; depois, quando ele vier, os que lhe pertencem. Então virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte".

Nessa passagem, Paulo descreve os vários estágios pelos quais Deus realizará seu propósito redentor. Esse propósito tem que ver com o Reino de Deus. O objetivo final é a realização do Reino de Deus, ou seja, a realização do reino perfeito de Deus em todo o universo. Isso é alcançado com a derrota de seus inimigos. Cristo precisa reinar até que tenha posto todos seus inimigos debaixo de seus pés. Quando esses inimigos, por fim, forem subjugados, Cristo entregará o Reino a Deus. O Reino de Deus, portanto, é o reinado do Senhor por intermédio de Cristo destruindo os inimigos de seu Reino.

De acordo com essa passagem, a conquista do Reino encontra sua mais alta expressão na derrota da morte. "O último inimigo a ser destruído é a morte" (v. 26). Deus manifestará seu imenso poder como soberano sobre todas as coisas pela destruição final do terrível inimigo de todas as criaturas de Deus: a morte. Mas cada um por sua vez: Cristo, o primeiro; depois, quando ele vier, os que lhe pertencem.

Todavia, essa vitória do reino de Deus não é realizada em apenas um grande ato. Paulo fala de três estágios no triunfo do poder divino. Façamos uma tradução literal dos versículos 23 e 24: "Cristo, o primeiro; *depois,* quando ele vier, os que lhe pertencem. *Então* virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus" (grifo do

autor). Já constatamos que o livro de Apocalipse divide a ressurreição em dois estágios a primeira e (supostamente) segunda ressurreição. Paulo mostra-nos que há de fato três estágios nesse triunfo de poder divino, e que a ressurreição de Jesus Cristo, de fato, é o "primeiro" evento ou o primeiro ato da própria primeira ressurreição. *A ressur-*

veiçâo começou com a ressurreição de Cristo. Na*parúsia* dele ocorrerá a ressurreição daqueles que pertencem a Cristo. Essa não é uma ressurreição "geral", mas apenas a ressurreição daqueles que compartilharam a vida de Cristo, isto é, os cristãos. Só "então" vem o lim, quando Cristo entrega o Reino ao Pai. Visto que esse terceiro estágio testemunhará a conquista final da morte, o "último inimigo", temos de concluir que Paulo aguarda a ressurreição do resto "dos mortos" semelhante àquela retratada em Apocalipse 20.12ss. Portanto, temos três estágios na vitória sobre a morte: a ressurreição final, a "primeira" ressurreição, e as primícias da primeira ressurreição na ressurreição de Cristo. Podemos indicar isso em nosso diagrama pelos símbolos RC, Rl, R2.

Eis algo totalmente sensacional. A ressurreição de nosso Senhor | esus *é* o começo da ressurreição final. Como sei que um dia haverá uma ressurreição dos mortos quando seremos ressuscitados à semelhança de Cristo? Qual é minha garantia dessa esperança? A resposta é um fato na história: a ressurreição já começou. Essa é a 1111 portância destas palavras de Jesus: "Porque eu vivo, vocês também viverão" (Jo 14.19). Esse é o sentido do poder da ressurreição dele (I p 3.10) e da vida ressurrecta que, agora, podemos compartilhar (1.12.5). A ressurreição de Cristo não é um evento isolado; na verdade, é uma ocorrência escatológica que foi transplantada para o meio da história. Nós já vivemos do lado do céu do primeiro estágio da ressurreição. Isso traz nova luz para toda dificuldade humana. () céu já começou no fato de que a ressurreição já começou a oiorrer. "Cristo, o primeiro; depois, quando ele vier [parúsia], os que lhe pertencem. Então virá o fim."

I issa conquista sobre a morte nos três estágios da ressurreição é uma manifestação tripla do Reino de Deus. Os últimos dois estágios esiao em harmonia com o esboço que já constatamos no Apocalipse de | (ia<). "Então (depois de sua vinda) virá o fim, quando ele entregar n Reino a Deus" (ICo 15.24). Isso corresponde a Apocalipse 20.10,14: "O Diabo, que as enganava, foi lançado no lago de logo que arde com enxofre [...] Então a morte e o Hades (o túmulo) foram lançados no lago de fogo". No fim do reinado milenar

46 de Cristo, o último inimigo, a morte, será destruído. Esse é o resultado final do governo de Cristo como Rei. Depois, Cristo entregará o Reino a Deus o Pai, pois com seu reinado ele subjugou todos os inimigos.

Um estágio anterior dessa conquista ocorre no início do milênio. Isso é declarado tanto em Apocalipse 20.4 como em lCoríntios 15.23: "Quando ele vier, os que lhe pertencem".

É isto que o Reino de Deus representa: a derrota dos inimigos de Deus. O Reino de Deus representa o reinado de nosso Senhor Jesus Cristo até que todos seus inimigos sejam postos sob seus pés. Quem são seus inimigos? Os homens perversos? O anticristo? As nações ímpias? Já encontramos nosso ponto de partida na Escritura: "O último inimigo a ser destruído é a morte". Paulo define o Reino de Deus em termos da derrota de inimigos como a morte.

De onde vem a morte? A Palavra de Deus é clara. "O salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). A morte vem do pecado. O *último* inimigo a ser destruído é a morte; portanto, o pecado também é inimigo e precisa ser destruído.

De onde vem o pecado? Qual é a origem do mal? Claro que é Satanás. Aqui, temos um triunvirato abominável — uma trindade do abismo —, Satanás, pecado e morte. "Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés." Esse é o triunfo do domínio do Rei de Deus.

Vimos em nosso diagrama e em nossos estudos anteriores que a derrota de Satanás acontecerá em, pelo menos, dois estágios. No fim do milênio, ele é lançado no lago de fogo para sempre. Todavia, no início do milênio, ele é preso no abismo e acorrentado por mil anos. Agora, chegamos à pergunta crucial deste capítulo: alguma coisa já foi realizada em relação ao triunfo de Cristo sobre seus inimigos? Ou nossa salvação é totalmente uma questão de promessa? A derrota do pecado, de Satanás e da morte pelo reinado de Cristo pertencem exclusivamente ao futuro, ou há uma vitória inicial que já foi realizada?

A resposta a essa importante pergunta já foi sugerida em nosso estudo de lCoríntios 15. A vitória sobre a morte acontece em *três*

estágios, e o primeiro deles já foi executado. O Reino de Deus — a atividade do poder soberano de Deus por intermédio de Cristo — já se manifestou na história por meio da ressurreição de Cristo. O triunfo sobre a morte já começou.

Agora precisamos passar para a pergunta seguinte: será a derrota do pecado e de Satanás totalmente futura? Ou Deus já agiu com seu poder real para quebrar o poder de Satanás? Em outras palavras, o Reino de Deus invadiu esta era perversa — o domínio de Satanás?

Tomemos, de novo, como ponto de partida um versículo importante na Palavra de Deus. Hebreus 2.14,15: "Portanto, visto que os filhos [isto é, os que Deus faria seus filhos] são pessoas de carne e sangue [ou seja, desde que somos seres humanos], ele [Cristo] também participou dessa condição humana, para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo e libertasse aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte". Esse é um versículo que muitos nunca leram da forma correta. Muitas pessoas dizem que a derrota de Satanás ocorrerá só com a parúsia de Cristo em glória. Eles entendem que esse versículo afirma: "Para que por meio de sua parúsia ele pudesse destruir aquele que tem o poder da morte, o diabo". Mas não é isso que o versículo afirma. Ele afirma que foi por meio de sua morte que Cristo destruiu Satanás.

Precisamos admitir que esse versículo causa perplexidade. Como Satanás pode ter sido destruído? A perplexidade é causada por nossa tradução. A palavra grega usada aqui não tem nenhum equivalente adequado em nossa língua. "Destruir" quer dizer "arruinar" ou "aniquilar completamente." O sentido literal da palavra grega *katargeo é* "tornar inoperante." Essa "destruição" de Satanás foi realizada pela morte de Cristo. A morte de Cristo realizou algo que foi uma derrota para o diabo no fato de que a atividade e o poder dele, em certo sentido real, foram reduzidos.

Bem, temos estes três estágios na derrota de Satanás: no fim do milênio, o lago de fogo; no início do milênio, o abismo; e na cruz, a derrota inicial. Da mesma forma que o Reino de Deus se manifesta em três estágios na conquista da morte, o Reino também revela seu poder em três estágios na derrota de Satanás.

Encontramos essa mesma verdade da conquista atual do mal nos Evangelhos. Em Mateus 4.23,24, lemos sobre o início do ministério de Jesus: "Jesus foi por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas deles, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo. Notícias sobre ele se espalharam por toda a Síria, e o povo lhe trouxe todos os que estavam padecendo vários males e tormentos: endemoninhados, epiléticos e paralíticos; e ele os curou."

“Pregando as boas novas do Reino” e “curando todas as enfermidades”: há alguma ligação entre essas duas frases? Há alguma relação entre as boas novas do Reino de Deus e o ministério de cura de nosso Senhor?

Encontramos a resposta no primeiro milagre registrado no evangelho de Marcos. Jesus chegou a Cafarnaum, e, no dia do sábado, ele entrou na sinagoga e começou a ensinar. Os ouvintes ficaram muitíssimo admirados com seu ensino porque lhes ensinava como alguém que tem autoridade, e não como os mestres da lei. “Justo naquele momento, na sinagoga, um homem possesso de um espírito imundo gritou: ‘O que queres conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus!’ ‘Cale-se e saia dele!’, repreendeu-o Jesus. E o espírito imundo [...] saiu dele [...]. Todos ficaram tão admirados, que perguntavam uns aos outros: ‘O que é isso? Um novo ensino!”’ O que havia de novo nisso? O evangelho do Reino. Qual era o elemento novo? “Até aos espíritos imundos ele dá ordens, e eles lhe obedecem!” (Mc 1.23-27).
O ministério e a proclamação do Senhor das boas novas do Reino se caracterizaram por curas e, de forma mais notável, pela expulsão de demônios. Ele proclamou as boas novas do Reino de Deus e as demonstrou livrando homens da escravidão de Satanás.

Mateus 12 coloca em clara evidência o exorcismo de demônios como obra do Reino de Deus. A oposição a nosso Senhor tornara-se intensa, mas os fariseus ficaram atônitos com o imenso poder de Jesus. Eles tinham que explicar suas obras poderosas, por isso, di-/inin: “É somente por Belzebu, o príncipe dos demônios, que ele expulsa demônios” (Mt 12.24). Os fariseus reconheceram a presença d<> poder sobrenatural; mas o atribuíram à atividade do próprio I)iabo. “Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: ‘Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma nao subsistirá. Se Satanás expulsa Siilanás, está dividido contra si mesmo. Como, então, subsistirá o seu reino?’” (w. 25,26). É ridículo dizer que Satanás expulsa Satanás. Seria guerra civil, luta interna; isso nao pode existir. Qual é a explicação do poder de Jesus? “Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus” (v. **2K).**

O que é o evangelho do Reino? O que quer dizer a proclamação tie que o Reino de Deus se aproxima? Quer dizer isto: que, agora, I)cus age entre homens para libertá-los da servidão a Satanás. É o anúncio de que Deus, na pessoa de Cristo, está fazendo algo — se você preferir —, está atacando pessoalmente o próprio reino de Satanás. O exorcismo de demônios é a prova de que o Reino de 1)cus

está entre os homens e opera entre eles. O exorcismo, em si mesmo, é uma obra do Reino de Deus.

Mudemos a linguagem e voltemos à estrutura das duas eras. O poder de Jesus sobre os demônios revela que os poderes da era por vir invadiram a presente era perversa. E a prova de que o Reino de 1)cus, que pertence à era por vir, quando Cristo retornará em glória, j.i penetrou nesta era. Satanás ainda não está destruído como será i|uando for lançado no lago de fogo. Satanás ainda não está preso como estará, no abismo, durante o milênio. Contudo, o Reino de I)cus está ativo; Deus está atacando o reino de Satanás. "Se é pelo I íspírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus" (v. 28). O poder do Reino de Deus expulsa os demônios. O exorcismo de demônios prova que o Reino de Deus está presente.

Agora, observemos com atenção o versículo 29. "Ou, como alguém pode entrar na casa do homem forte e levar dali seus bens, sem antes amarrá-lo? Só então poderá roubar a casa dele." Esse é

50 um dos versículos mais importantes no Novo Testamento para entendermos o Reino de Deus. Satanás é o "homem forte" e sua "casa" é esta era. Os bens do homem forte são homens e mulheres possuídos por demônios. A pergunta é: como alguma pessoa pode entrar no reino de Satanás e privá-lo de seus bens sem *primeiro* amarrar o homem forte? Depois de amarrá-lo, ela pode roubar os bens dele.

Agora, façamos a pergunta de suma importância: Satanás está amarrado? Nosso Senhor, em sua encarnação e ministério terreno, em algum sentido amarrou o Maligno?

De início, talvez esse pensamento pareça impossível, pois a Palavra de Deus diz que Satanás anda por toda parte como um leão que urra à procura de quem possa devorar. Contudo, devemos perguntar o que realmente quer dizer esse ensinamento de amarrar Satanás. Devemos lembrar que Satanás não é uma criatura de carne e sangue, mas um ser do mundo sobrenatural. Que tipo de'corrente se poderia usar para prender um anjo, um espírito? Que tipo de laço o prendería? Uma corda serviría? Uma camisa de força é adequada? O ferro ou o aço forjado são fortes o bastante, ou talvez o titânio? E claro que o ensino de prender Satanás é uma metáfora. A metáfora é uma verdade, mas não no sentido literal, ou seja, uma verdade física, pois uma corrente ou corda de verdade não

podem prender um ser espiritual. Prender Satanás quer dizer que a vinda de Cristo, sua presença na terra, o exercício de seu poder entre os homens, representa uma derrota de Satanás de modo que seu poder foi rompido. Satanás *está* amarrado.

Nãò há necessidade de identificar esse versículo com Apocalipse 20.2, passagem que relata que Satanás é preso com uma grande corrente e lançado no abismo por mil anos. Esses dois versículos fazem referência a dois eventos totalmente distintos. Os que defendem a interpretação não-milenar, em geral, identificam essas duas passagens. Todavia, essa identificação é improvável. Contudo, Mateus 12.28 deixa claro que o Reino de Deus entrou na presente era perversa. O poder de Satanás foi quebrado, pois Satanás, em algum sentido, foi preso, e, agora, homens e mulheres podem ser liberta-

i **Ins** da escravidão ao poder satânico. Satanás é um inimigo derrotado; e eu, por causa da obra de Cristo, posso ser libertado do poder il.is n evas e entrar no Reino do Filho amado de Deus.

1 ,ucas 10 apresenta essa mesma verdade da derrota de Satanás por intermédio do ministério terreno de nosso Senhor. O Senhor, pouco antes de sua última viagem a Jerusalém, enviara setenta dis-i ípulos em uma missão de pregação. Jesus, em suas instruções para i'ssa missão, disse-lhes: “Curem os doentes [...] e digam-lhes: O Urino de Deus está próximo de vocês” (Lc 10.9). O Reino de Deus, na pessoa dos emissários do Senhor, foi às cidades que visitaram. E **se** eles não fossem recebidos? “Mas quando entrarem numa cidade e n.to forem bem recebidos, saiam por suas ruas e digam: Até o pó da sua cidade, que se apegou aos nossos pés, sacudimos contra vocês. Iíquem certos disto: o Reino de Deus está próximo. Eu lhes digo: Naquele dia haverá mais tolerância para Sodoma do que para aquela cidade. Ai de você, Corazim! Ai de você, Betsaida! Porque se os milagres que foram realizados entre vocês fossem em Tiro e Si-ilnm, há muito tempo elas teriam se arrependido, vestindo roupas de saco e cobrindo-se de cinzas. Mas no juízo haverá menor rigor para Tiro e Sidom do que para vocês”’ (w. 10-14).

Por que nosso Senhor pronunciou um julgamento tão terrível sobre essas cidades? Porque o Reino de Deus tinha vindo a elas. A evidência da presença do Reino de Deus foi a cura dos doentes. Os si itais do Reino se manifestaram; seu poder estava em operação em i idades como Corazim e Betsaida. A rejeição aos discípulos e sua missão representa rejeição ao Reino de Deus, e isso só pode

resultar cm terrível julgamento.

“Os setenta e dois voltaram alegres e disseram: ‘Senhor, até os demônios se submetem a nós, em teu nome!’” (Lc 10.17). “Nós i u ramos os doentes; sim, e ao sairmos anunciando que o Reino de I)cus está próximo, até os demônios se sujeitaram a nós e os lançamos fora.” “Ele respondeu: ‘Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago’” (v. 18). “Enquanto vocês pregavam o Reino e expulsavam demônios, eu assisti Satanás caindo do céu. No ministério de vocês de libertação de homens e mulheres da escravidão a Satanás,

eu vi a queda dele.” Será que devemos, a partir desse versículo, tentar construir algum tipo de drama cosmológico e imaginar que Satanás estava “lá em cima” e, agora, está “aqui embaixo”? Acho que não. Antes, esse versículo quer dizer que Satanás foi lançado do pináculo de seu poder. E a mesma verdade que encontramos em Mateus 12.28. Satanás foi amarrado. Satanás caiu como relâmpago do céu. Seu poder está vindo abaixo. E eis a prova: “Chegou a vocês o Reino de Deus”; demônios são expulsos, homens e mulheres são libertados do poder de Satanás para que possam entrar no poder, e na vida, e na bênção do Reino de Deus.

O Reino de Deus representa a conquista divina sobre seus inimigos, conquista a ser realizada em três estágios; e a primeira vitória já ocorreu. O poder do Reino de Deus já invadiu o domínio de Satanás — a presente era perversa. A atividade desse poder de libertar homens do governo satânico fica evidente no exorcismo de demônios. Por meio disso, Satanás ficou atado; foi despojado de sua posição de poder; seu poder foi “destruído”. As bênçãos da era messiânica, agora, estão disponíveis àqueles que abraçam o Reino de Deus. Já podemos desfrutar as bênçãos resultantes dessa derrota inicial de Satanás. Sim, o Reino de Deus se aproximou, já está presente.

Isso não quer dizer que, agora, desfrutamos da *plenitude* das bênçãos de Deus, ou que *tudo* que se compreende como o Reino de Deus veio a nós. Conforme dissemos no capítulo anterior, a segunda vinda de Cristo é absolutamente essencial para o cumprimento e consumação da obra redentora de Deus. Contudo, Deus já realizou o primeiro grande estágio de sua obra redentora. Satanás é o deus desta era, mas o poder dele se quebrou para que os homens possam conhecer o governo de Deus em sua vida. A era

perversa continua, mas os poderes da era por vir foram disponibilizados para os homens. Aos olhos dos homens, o mundo parece pouco mudado; o reino de Satanás permanece inabalável. Contudo, o Reino de Deus veio entre os homens; e aqueles que o recebem estarão preparados para entrar no Reino de glória quando Cristo retornar para terminar a boa obra que já iniciou. Esse é o evangelho do Reino.

Capítulo IV

O mistério do Reino

Marcos 4 e Mateus 13 contêm um conjunto de parábolas que apresentam o "mistério do Reino de Deus" (Mc 4.11). Parábola é um.i história baseada nas experiências do dia-a-dia do povo que visa ilust rar a verdade central da mensagem de nosso Senhor. Essa verdade central chama-se "o mistério" do Reino.

Primeiro, precisamos estabelecer o sentido do termo "mistério". No sentido bíblico, mistério não é algo misterioso, nem profundo, obscuro, inescrutável e difícil. A palavra, no vernáculo moderno, pode ter essas conotações, mas não podemos interpretar a Bíblia pel.i língua moderna. Na Escritura, "mistério", muitas vezes, é um 11 ninho técnico cujo sentido é apresentado em Romanos 16.25,26. P.iulo escreve: "Ora, àquele que tem poder para confirmá-los pelo meii evangelho e pela proclamação de Jesus Cristo, de acordo com ,i levelação do mistério oculto nos tempos passados, mas agora reve-l,ii b > e dado a conhecer pelas Escrituras proféticas por ordem do

I >< iis eterno, para todas as nações." Eis a noção bíblica de mistério: ,il|',i M|iie permaneceu oculto ao longo dos tempos eternos e, agora, i levelado. É um propósito divino que Deus designou desdeaeter-

II n I.k le, mas conservou oculto dos homens. Contudo, no fim, Deus, i n i decorrer de seu plano redentor, revela esse propósito e, por meio das Escrituras dos profetas, o dá a conhecer a todos os homens. Mistério é um propósito divino oculto nos conselhos de Deus por 52 eu vi a queda dele." Será que devemos, a partir desse versículo, tentar construir algum tipo de drama cosmológico e imaginar que Satanás estava "lá em cima" e, agora, está "aqui embaixo"? Acho que não. Antes, esse versículo quer dizer que Satanás foi lançado do pináculo de seu poder. E a mesma verdade que encontramos em Mateus 12.28. Satanás foi amarrado. Satanás caiu como relâmpago do céu.

Seu poder está vindo abaixo. E eis a prova: “Chegou a vocês o Reino de Deus”; demônios são expulsos, homens e mulheres são libertados do poder de Satanás para que possam entrar no poder, e na vida, e na bênção do Reino de Deus.

O Reino de Deus representa a conquista divina sobre seus inimigos, conquista a ser realizada em três estágios; e a primeira vitória já ocorreu. O poder do Reino de Deus já invadiu o domínio de Satanás — a presente era perversa. A atividade desse poder de libertar homens do governo satânico fica evidente no exorcismo de demônios. Por meio disso, Satanás ficou atado; foi despojado de sua posição de poder; seu poder foi “destruído”. As bênçãos da era messiânica, agora, estão disponíveis àqueles que abraçam o Reino de Deus. Já podemos desfrutar as bênçãos resultantes dessa derrota inicial de Satanás. Sim, o Reino de Deus se aproximou, já está presente.

Isso nao quer dizer que, agora, desfrutamos da *plenitude* das bênçãos de Deus, ou que *tudo* que se compreende como o Reino de Deus veio a nós. Conforme dissemos no capítulo anterior, a segunda vinda de Cristo é absolutamente essencial para o cumprimento e consumação da obra redentora de Deus. Contudo, Deus já realizou o primeiro grande estágio de sua obra redentora. Satanás é o deus desta era, mas o poder dele se quebrou para que os homens possam conhecer o governo de Deus em sua vida. A era perversa continua, mas os poderes da era por vir foram disponibilizados para os homens. Aos olhos dos homens, o mundo parece pouco mudado; o reino de Satanás permanece inabalável. Contudo, o Reino de Deus veio entre os homens; e aqueles que o recebem estarão preparados para entrar no Reino de glória quando Cristo retornar para terminar a boa obra que já iniciou. Esse é o evangelho do Reino.



Capítulo IV

O mistério do Reino

Marcos 4 e Mateus 13 contêm um conjunto de parábolas que .ipresentam o "mistério do Reino de Deus" (Mc 4.11). Parábola é uma história baseada nas experiências do dia-a-dia do povo que visa ilustrar a verdade central da mensagem de nosso Senhor. Essa verdade central chama-se "o mistério" do Reino.

Primeiro, precisamos estabelecer o sentido do termo "mistério". No sentido bíblico, mistério não é algo misterioso, nem profundo, obscuro, inescrutável e

difícil. A palavra, no vernáculo moder-iii i, pode ter essas conotações, mas não podemos interpretar a Bíblia prl.i língua moderna. Na Escritura, "mistério", muitas vezes, é um t onivito técnico cujo sentido é apresentado em Romanos 16.25,26. **P.mIo** escreve: "Ora, àquele que tem poder para confirmá-los pelo meu evangelho e pela proclamação de Jesus Cristo, de acordo com ,i i evelaçao do mistério oculto nos tempos passados, mas agora revelado e dado a conhecer pelas Escrituras proféticas por ordem do I •eus eterno, para todas as nações." Eis a noção bíblica de mistério:

.111o > (|iie permaneceu oculto ao longo dos tempos eternos e, agora, i i evelado. E um propósito divino que Deus designou desde a eter-itic I.ule, mas conservou oculto dos homens. Contudo, no fim, Deus, i mi decorrer de seu plano redentor, revela esse propósito e, por meio d,is Escrituras dos profetas, o dá a conhecer a todos os homens. NI isi ério é um propósito divino oculto nos conselhos de Deus por *54*

muitas eras e, por fim, dado a conhecer em uma nova revelação da j obra redentora do Senhor. \

As parábolas anunciam o mistério do Reino — uma nova ver- j dade sobre o Reino de Deus que não nos foi revelada no Antigo | Testamento, mas que, por fim, é revelada no ministério terreno de ; nosso Senhor. Que mistério é esse?

Para responder essa pergunta, precisamos voltar ao Antigo Testamento e examinar uma profecia típica da vinda do Reino de Deus. Em Daniel 2, o rei Nabucodonosor recebe uma visão de uma grande imagem com cabeça de ouro, peito de prata, coxas de bronze, pernas de ferro e pés de ferro e barro. Depois, ele vê uma pedra se soltar, sem auxílio de mãos, e atingir os pés da imagem e a moer até virar pó. O vento varre o pó "sem deixar vestígio". A seguir, a pedra que destruiu a imagem torna-se uma grande montanha e enche toda a terra (Dn 2.31-35).

Os versículos 44 e 45 fornecem a interpretação da visão. A imagem representa sucessivas nações que dominariam o curso da história mundial. O sentido da pedra é dado nestas palavras: "Na época desses reis, o Deus dos céus estabelecerá um reino que jamais será destruído e que nunca será dominado por nenhum outro povo. Destruirá todos os reinos daqueles reis e os exterminará, mas esse reino durará para sempre. Esse é o significado da visão da pedra que se soltou de uma montanha, sem auxílio de mãos, pedra que esmigalhou o ferro, o

bronze, o barro, a prata e o ouro. ‘O Deus poderoso mostrou ao rei o que acontecerá no futuro’”.

Eis a perspectiva do Antigo Testamento em relação ao futuro profético. Os profetas aguardam o glorioso dia em que o Reino de Deus virá, o dia em que o Senhor estabelecerá seu reinado na terra. Você se lembra que constatamos que o sentido básico do Reino de Deus é o governo de Deus. No dia em que Deus estabelecer *seu* Reino, o Reino do Senhor tomará o lugar de todos os outros governos, de todos os outros reinos e autoridades. Seu Reino esmagará a autoridade orgulhosa do homem manifestada no governo das nações e que domina o cenário da história terrena. O Reino de Deus, o

lem.iilo de Deus, o governo de Deus eliminará todo governo oposi-lui. Nesse dia, apenas Deus será Rei.

A vinda do Reino de Deus, da perspectiva do Antigo Testamento, *é* um só grande evento: uma poderosa manifestação do poder de Deus que eliminará os reinos perversos de autoridades I m t ua nas e encherá a terra de justiça.

Agora, precisamos voltar ao evangelho de Mateus e relacionar essa verdade com nosso estudo anterior. João Batista anuncia a vinda do Reino de Deus (Mt 3.2) pelo que entendeu sobre a vinda do Urino predita no Antigo Testamento. Aquele que deve vir trará o luiismo duplo: alguns seriam batizados com o Espírito Santo e vi vendariam a salvação messiânica do Reino de Deus, enquanto muros seriam batizados com o fogo do juízo final (Mt 3.11). O versículo seguinte deixa claro que João quis dizer isso. O trabalho do M essias será de peneirar e separar os homens. Da mesma forma qne o fazendeiro malha e joeira sua colheita, preservando o grão bom e descartando a palha, o Messias limpa sua eira, juntando seu i l igo no celeiro (salvação para os justos), mas envia os maus para o julgamento de fogo (v. 12). A expressão “fogo que nunca se apaga” mostra que não se refere a nenhuma experiência humana comum, mas ao julgamento escatológico.

João, da prisão, enviou mensageiros a Jesus a fim de perguntar se ele era realmente *aquele* que deveria vir, ou se eles deveriam aguardar um outro. A dúvida de João, muitas vezes, é interpretada como perda de confiança em sua própria missão e chamado divino por (ausa de seu aprisionamento. Entretanto, o louvor a João feito por | esus torna essa possibilidade improvável. João não era nenhum "eaniço agitado pelo vento” (Mt 11.7).

O problema de João era o fato de Jesus não agir como o Messias que ele havia anunciado. Onde estava o batismo do Espírito? < hide estava o julgamento dos maus?

Jesus respondeu que, na verdade, ele era o Portador do Reino, que os sinais da era messiânica da profecia estavam se manifestando. Contudo, Jesus disse: "Feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa" (Mt 11.6). "És tu aquele que haveria de vir ou deve-

56 mos esperar algum outro?" Por que João fez essa pergunta? Porque a profecia de Daniel não parecia estar em processo de cumprimento. Herodes Antipas reinava na Galiléia. Legiões romanas marchavam por Jerusalém. A autoridade estava nas mãos de um romano pagão, Pilatos. A Roma idólatra, politeísta e imoral governava o mundo com mão de ferro. Embora Roma exercesse grande sabedoria e moderação no governo de seus súditos, garantindo concessões aos judeus por causa de seus escrúpulos religiosos, ainda só Deus possuía o direito de governar seu povo. A soberania pertence apenas a Deus. Esse era o problema de João; e também o problema de todo judeu devoto, até mesmo dos discípulos mais próximos de Jesus, no esforço de entender e interpretar a pessoa e o ministério de Jesus. Como podia ele ser o Portador do Reino enquanto o pecado e instituições pecaminosas permaneciam impunes?

Jesus respondeu: "Feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa". Jesus quis dizer isto: "Sim, o Reino de Deus está aqui. Mas há um mistério — uma nova revelação sobre o Reino. O Reino de Deus está aqui; mas em vez de destruir a autoridade humana, ele ataca a autoridade de Satanás. O Reino de Deus está aqui; mas em vez de fazer mudanças externas na ordem política das coisas, ele está mudando a ordem espiritual e a vida de homens e mulheres".

Esse é o mistério do Reino, a verdade que agora Deus revela pela primeira vez na história da redenção. O Reino de Deus deve operar entre os homens em dois estágios diferentes. O Reino ainda está por vir na forma profetizada por Daniel quando toda soberania humana será substituída pela soberania de Deus. O mundo ainda observará a vinda do Reino de Deus com poder. Mas o mistério, a nova revelação, é que esse mesmo Reino de Deus veio agora para operar entre os homens, mas de um modo totalmente inesperado. Agora, ele não está destruindo o governo humano; nem abolindo o pecado da terra; nem trazendo o batismo de fogo anunciado por Joao. Ele vem silencioso, discreto e em segredo. O Reino de Deus pode operar entre os homens e nunca ser reconhecido pelas multidões. O

Reino, na esfera espiritual, oferece agora aos homens as bênçãos do governo de Deus, livrando-os do poder de Satanás e do

per ado. O Reino de Deus é uma oferta, uma dádiva que pode ser ,u cila ou rejeitada. O Reino está aqui agora com persuasão em vez de poder.

(lada uma das parábolas de Mateus 13 ilustra esse mistério do Urino, o mistério de que o Reino de Deus que ainda virá em poder r grande glória, na verdade, está, antecipadamente e de forma inesperada, presente entre os homens para lhes trazer na presente era perversa as bênçãos da era por vir.

A primeira parábola de Mateus 13 é a dos quatro tipos de solo. (> semeador sai para semear. A medida que espalhava a semente, **ui na** parte cai no caminho que atravessa o campo. Essa semente **n.io** cria raiz, mas fica exposta e logo é pega pelas aves. Outra se**ll** 11 ■ **n t e** cai em terreno rochoso em que a terra é rasa, pois logo abaixo da u rra fina há uma camada rochosa. Essa semente logo brota e **loineça** a crescer, mas quando chega o calor queimando, a terra li i|',< i seca, e os brotos morrem, pois o solo não é profundo o bastante para reter umidade na época de sol quente. Ainda outra semente

i aiu em lugar espinhoso. A semente brota, mas os espinhos também crescem e sufocam o crescimento da planta de modo que não amadurece. Algumas sementes caem em solo macio, profundo, limpo cm que conseguem se desenvolver, amadurecer e produzir colhei-la.

() mistério do Reino é este: o Reino de Deus está aqui, mas

ii a<> com poder irresistível. O Reino de Deus chegou, mas não como uma pedra moendo uma imagem até virar pó. Agora, ele não está dcMruindo a maldade. Ao contrário, está como o homem que semeia. l .le não se impõe sobre os homens. Alguns, como no caso da '.emente boa, recebem-no; mas muitos não o recebem. Alguns ouvem a palavra do Reino, mas ela nunca entra em seu coração. Ouvem o evangelho do Reino, mas não entendem a verdade que ou**vem.** Satanás chega e leva embora a semente. Não há raiz, não há neiilmma vida.

(hitros são superficiais. Ouvem a Palavra do Reino, parecem in ebc-la; preparam uma resposta. Parece haver vida, mas nenhuma piolimdidade. Talvez o intelecto ou as emoções foram tocados,

58 mas a vontade não foi incitada. Não há vida real. Quando surge uma

dificuldade, quando descobrem que receber o evangelho do Reino não os livra do mal; na verdade, quando se defrontam com a perseguição e o mal exatamente por ter recebido a mensagem do Reino, eles murcham e morrem porque não há vida. A confissão de fé deles não é genuína.

Ainda outros são como terreno espinhoso. Parecem receber a palavra do Reino, parecem crer e demonstrar vida. Mas eles não estão preparados para aceitar a forma humilde do Reino de Deus. A inquietação da era, o amor pelas posses, a ambição, a ostentação, a pressão para se amoldar à era em que vivem sufoca a Palavra, e ela se torna infrutífera.

Este é o mistério do Reino: o Reino de Deus já está entre os homens, todavia, *os homens podem rejeitá-lo.* O Reino não conhecerá sucesso uniforme. Nem todos o recebem. Isso era desconcertante para alguém que só conhecia o Antigo Testamento. Quando o Reino de Deus vier, ele virá com *poder.* Quem pode resistir a ele? Quem pode se opor a Deus? Mas esse é exatamente o mistério do Reino. O Reino está aqui, mas pode ser rejeitado. Deus, um dia, manifestará de fato seu imenso poder para purgar a terra da maldade, do pecado e da perversidade; mas não agora. O Reino de Deus está ativo entre os homens, mas Deus não os força a se curvar diante disso. Eles precisam recebê-lo; a resposta precisa vir de um coração disposto e uma vontade submissa.

Deus ainda lida conosco desse mesmo modo. Deus não o forçará a entrar em seu Reino. Não é tarefa dos que são chamados ao ministério da Palavra falar com coerção autoritária. Falamos como emissários de Deus, mas pedimos, não exigimos; persuadimos, não pressionamos. Imploramos aos homens que abram seu coração para que a Palavra do Reino frutifique em sua vida. Mas o homem pode rejeitá-la. Pode fazer pouco do evangelho do Reino. Eles podem desprezar o evangelho do Reino. Podem menosprezar o pregador da Palavra; e este não pode fazer nada.

A parábola do joio, ou erva daninha, ilustra outra faceta dessa mesma verdade. Um homem semeou trigo em seu campo, mas seu

inimigo semeou joio. Os servos queriam arrancar o joio quando o descobriram, mas foi-lhes dito que deixassem tanto o trigo como o |uio crescer até a colheita. Nessa ocasião, seria feita a separação de**les.** Até o tempo da colheita, joio e trigo precisam crescer juntos.

li de suma importância entender que “o campo é o mundo” (Mt I f.18). De onde tiramos a idéia de que o campo é a igreja? Jesus mesmo disse que o campo é o mundo. Dizer que a parábola ensina <|ue na igreja o bom e o mau, o regenerado e o nao-regenerado, devem crescer juntos até a colheita e que não podemos exercer discipline eclesiástica visto que isso romperia a ordem das coisas é uma interpret ação errônea da Palavra de Deus. Nosso Senhor não disse isso.

I le não falava sobre o caráter misto da igreja, mas sobre o mundo.

Além disso, lemos que “a boa semente são os filhos do reino, l) joio são os filhos do Maligno. [...] A colheita é o fim desta era”

(vv. .18,39). No fim desta era, os anjos virão e separarão o trigo do **|oio.** Haverá um dia certo de julgamento com a separação final entre os justos e os maus.

Qual é o ponto dessa parábola? No livro de Daniel, quando o **Reino** de Deus chega, ele destrói o pecado e varre toda maldade e miqiiidade da face da terra. Na parábola, Jesus diz que o Reino de I Vus já chegou e já está ativo no mundo, mas não destruindo o pri ,tdo, nao expurgando o mal da terra. O Reino de Deus está, de Iam, aqui, mas de um modo diferente daquele que sempre foi an-iri ipado. Os filhos do Reino — os que recebem o evangelho do **Remo —** e os filhos do Maligno devem viver juntos *no mundo* até

0 lim da era. Apenas, nessa ocasião, ocorrerá a separação final. Para • 11 ICIn conhecia apenas o Antigo Testamento, esse foi um anúncio c ,pan toso. Quando o Reino de Deus vier não haverá mais os maus nan estarão mais. Mas Jesus ensina: “O Reino já veio; está ativo

1 une vocês. Contudo, os homens maus continuam a viver em meio a mu rs. O Reino é chegado, mas a era perversa continua. O Reino i lirgoii, mas os maus e os justos precisam viver juntos em uma ■au íedade mista até a vinda do Filho do homem”.

A terceira e a quarta parábolas, da semente de mostarda e do Ici mento, oferecem uma ilustração adicional ao caráter imprevisto

da vinda do Reino. No idioma semítico antigo, a semente de mo^H tarda era um

símbolo proverbial do que é pequeno e irrelevante. mostarda é uma planta que logo se transforma em um arbustçfl bastante grande. Jesus disse: “O Reino dos céus é como um grão d(H mostarda que um homem plantou em seu campo. Embora seja ftjfl menor dentre todas as sementes, quando cresce torna-se a mainrB das hortaliças e se transforma numa árvore, de modo que aves doB céu vêm fazer os seus ninhos em seus ramos” (Mt 13.31,32). ■

Essa parábola ilustra que o Reino de Deus está presente entre **a** os homens, mas não da forma previamente revelada. Está presente I como algo bem pequeno, como algo irrelevante, algo tão pequeno 1 como a semente de mostarda. O importante é que embora seja tão 1 pequeno quanto uma minúscula semente, ele ainda é o Reino de] Deus. Jesus declarou: “Não deixe que a aparente irrelevância o engane. Não desanime. Virá o tempo em que esse mesmo Reino de Deus, agora presente como uma semente minúscula, será um grande arbusto, tão grande que as aves do céu virão e se alojarão em seus ramos”.

A mensagem dessa parábola não é a forma como a sementinha se transforma em uma árvore. Muitos intérpretes enfatizam muito o elemento de crescimento e o usam para ilustrar a expansão gradativa da igreja no mundo. Não *é* esse o propósito da parábola. Se nosso Senhor quisesse ensinar crescimento lento e expansão gradativa, a ilustração da semente de mostarda que logo se transforma em um grande arbusto não serviria a esse propósito. O crescimento lento do carvalho seria muito mais adequado para ilustrar o crescimento gradativo do Reino. O crescimento não é a verdade dessa parábola. O crescimento não tem nada a nos ensinar sobre *como o* Reino virá no futuro. Outros textos da Bíblia ensinam-nos que o Reino de Deus virá em grande poder. Ele possuirá a terra apenas quando o Senhor voltar em majestade e glória. A forma dessa vinda futura não é um elemento dessa parábola. A verdade anunciada pela parábola é esta: o Reino de Deus, que um dia encherá a terra, está aqui entre os homens, porém, em uma forma nunca antes esperada. Ele é semelhante à insignificante semente de mostarda.

ílMMiiuio, essa coisa minúscula *é*o Reino de Deus e, por isso, não Vi[1] MI DESPREZADA.

A parábola do fermento ilustra a mesma verdade. “O Reino «#*its (' tomo o fermento que uma mulher tomou e misturou IfHHl mui grande quantidade de farinha, e toda a massa ficou fer-fUtiMHiul.i" (Mt

13.33). A dona de casa hebréia não podia comprar : Mm hin .ulo de fermento na mercearia da esquina. Ela tinha de pe-041 um pedaço de massa já fermentada e colocá-lo na massa ainda HRm levedada.

Muitas vezes, interpreta-se essa parábola, em uma de duas till n,oes. Muitos a tomam como prova básica de que o evangelho

destinado a conquistar toda a terra por influência gradativa. Dm s interpretes enfatizam o fato do fermento funcionar por permeai,.io e penetração gradual e lenta. Outros insistem que o fer-11n i 111 > sempre simboliza o mal e que a parábola ensina a apostasia • lit Ignja.

Nesse ponto, precisamos desviar-nos a fim de enfatizar uma i aiai lerística importantíssima das parábolas. No método de ensino pai abúlico, não devemos procurar verdade em cada detalhe. A pa i ,i bola é uma história extraída da experiência familiar da vida diária, r muitos detalhes dela são apenas elementos do colorido local. A pai.íbola não é uma história fabricada. A alegoria é uma história 11 i.ula pela imaginação e, portanto, passível de tal elaboração, por | i.u ic tie seu criador, que cada detalhe transmita um aspecto da ver-d.itle que ilustra. A parábola não é uma alegoria. A parábola, ao i mil rá rio de uma história moldada por seu autor, é um incidente i st ruído da experiência diária que necessariamente contém detalhes que não transmitem verdade espiritual e, por isso, não demandam interpretação.

Esse princípio merece uma ilustração, pois é essencial evitar a i u i erpretação errônea das parábolas do Reino. Jesus contou a história de um homem que ia de Jerusalém para Jerico, conhecida como a parábola do bom samaritano (Lc 10.30-37). Essa história pode ter acontecido em qualquer dia da semana. A parábola responde à pergunta: “E quem é o meu próximo?” (v. 29). Os detalhes, em sua

 maioria, são apenas pano de fundo pitoresco. Quem é o viajante? Qualquer pessoa. O que é Jerusalém? O que é Jerico? Duas cidades, quaisquer do mundo. As perguntas ficam mais difíceis quando questionamos: quem são os assaltantes? Quantos deles havia? Que verdade espiritual o animal sugere? Que verdade espiritual as moedas com que o samaritano paga o dono da hospedaria representam? , Por que duas moedas? Quem é o dono da hospedaria? O que a hospedaria representa? Que verdade espiritual está incorporada no : óleo e no vinho? Para onde o samaritano foi depois de sair da hos- i pedaria? E óbvio que a maioria desses detalhes pertence apenas ao colorido local da parábola.

Esse princípio fica ainda mais claro na parábola do servo injusto (Lc 16.1-13). Eis uma parábola proferida pelos lábios de Jesus que envolve desonestidade. Se precisamos encontrar sentido nos j detalhes na história, temos de admitir que Jesus ensina que o fim j justifica os meios. A desonestidade, a prática de esperteza, não é j errada se o bem resulta dela! Sem dúvida, não é isso que nosso j Senhor ensina. Uma verdade única é apresentada nessa parábola: j Os homens devem ser sábios no uso de seus recursos. Eles devem j investi-los para que isso os ajude no dia de necessidade (espiritual; ' v. 9). Tudo o mais é colorido local.

Esse princípio é essencial na compreensão da parábola do fermento. A verdade não é a da permeação gradativa do mundo pelo Reino. A Bíblia não ensina isso em nenhuma outra passagem. A verdade é a mesma da semente de mostarda. O Reino de Deus, em sua manifestação atual, é como um punhado de fermento numa tigela grande de massa. A massa engole o fermento de modo que a pessoa quase não nota a presença dele. Ele é quase imperceptível; mal pode ser percebido. Em vez da glória de Deus sacudir a terra, o Reino veio naquele que é manso e humilde, que está destinado a ser morto, que tem apenas um punhado de discípulos. Não é de se admirar que os historiadores romanos praticamente não mencionem a carreira de Jesus. Do ponto de vista do mundo, a pessoa e missão dele podiam ser ignoradas. Mas não se deixe enganar por isso, o Reino de Deus, um dia, encherá a terra inteira, da mesma forma

■ i nino a massa levedada enche a tigela inteira. Os meios pelos quais *l* I SM- LIM É ALCANÇADO NÃO É UM ELEMENTO DA PARÁBOLA.

()utra interpretação errônea *é* que o fermento é um símbolo do mal, e que a parábola retrata que a igreja confessa estará tão jin meada pelo mal nos últimos dias que toda ela se tornará apóstata r afastada de uma fé pura. Na verdade, é fato que, com freqüên-i ia, a Kscritura usa o fermento, talvez até mesmo na maioria das passagens em que o cita, como símbolo do mal. Mas isso nem nciiipre é verdade. A passagem mais importante da história bíblica i'iii t|iie o fermento é usado foi na época do êxodo. Nessa ocasião, **ns** israelitas receberam ordem de comer pão sem fermento, mas **lian** por que o fermento fosse símbolo do mal, e o pão sem fer-> iin nio, de pureza. Êxodo 12.39 afirma: “Com a massa que haviam

I 11,i/iiIo do Egito, fizeram pães sem fermento. A massa não tinha

In mentado, pois eles foram expulsos do Egito e *não tiveram tempo* ili preparar

comida" (grifo do autor). Aqui, o fermento não ésímbo-, |o do mal, e o pão sem fermento é símbolo de *pressa.* Os israelitas

Iiiiio li vetam tempo para esperar o fermento agir.

Km Levítico 23, é *ordenado*, mais uma vez, o pão com fermento n.i celebração de Pentecostes. Nessa festa, os israelitas deviam trazei **dois** pães de massa levedada como sacrifício a Deus; a festa de l'i iiinostes era a celebração da colheita, época de regozijo. Apre-*t* Nt ni.iv.i-.se a oferta de ação de graças a Deus, porque ele havia conce-ilido ,i colheita. O sacrifício consistia de dois pães comuns com lei mento, iguais aos usados em casa, representando os primeiros limos da colheita de grãos. Na observância dessa celebração, exigia-i o do povo de Deus o uso do fermento como símbolo de regozijo i dl ai,.to de graça. Entender essa celebração como símbolo de igreja ■tpi e.i aia c alegorização desenfreada.

A parábola do fermento não envolve nenhum simbolismo de mal A interpretação de que o fermento é mal se defronta com o pi i il ill ana de explicar como o verdadeiro Reino de Deus, a esfera da Ktih.u.an, c também o Reino em sua, assim-chamada, "forma de í limaci*H>"* da igreja professa, pode se tornar completamente perI liti ,idn pelo mal. Lucas 13.20,21 relata essa parábola que não tem

64 nenhuma relação com o reino davídico externo, mas com o reino espiritual. Aqui, fermento não se refere ao mal. Ilustra a verdade de que o Reino de Deus, por vezes, parece ser uma coisa pequena, irrelevante. O mundo pode desprezá-lo e ignorá-lo. O que um carpinteiro galileu e uma dúzia de judeus poderiam realizar? Mas não desanimem, dia virá em que o Reino de Deus ocupará toda a terra, da mesma forma que o fermento enche toda a tigela. Os propósitos de Deus não serão frustrados.

As parábolas do tesouro e da pérola de grande valor (Mt 13.4446) seguem, como é lógico, às do grão de mostarda e do fermento. O Reino de Deus é como uma minúscula semente de mostarda e um pouquinho de fermento; mas ele, mesmo que sua forma seja irrelevante, *é* o Reino de Deus. E, portanto, é de valor inestimável. Nosso Senhor diz q_Ue o Reino de Deus, embora tenha vindo em meio aos homens de forma humilde, é um tesouro cujo valor transcende todas as outras posses; como a pérola cuja aquisição vale a perda de todos os outros bens.

Mais uma vez, a noção daquele homem *comprar* o campo ou do negociante *comprar* a pérola não têm nada que ver com a verdade básica da parábola. Essa parábola não ensina que podemos comprar a salvação. Alcança-se a salvação pela fé, ela é um dom gratuito de Deus; e Mateus 20.1-16 ensina que o Reino é um presente, não uma recompensa a ser conquistada. Contudo, apesar de o Reino ser um presente gracioso, ele também é caro. Pode custar as posses terrenas (Mc 10.21), ou os amigos, ou o afeto da família, ou até mesmo a própria vida (Lc 14.26). Mas o Reino de Deus, custe o que custar, é como um tesouro escondido ou uma pérola de grande valor cuja posse vale qualquer custo.

A parábola da rede de pesca (Mt 13.47-50) reafirma a verdade que de o Reino de Deus, embora, agora, tenha vindo entre os homens de forma inesperada, mesmo assim, resultará no julgamento final, na separação entre bons e perversos e na destruição do mal. No Antigo Testamento, a revelação da vinda do Reino enfatiza esse evento apocalíptico catastrófico. Quando Deus trouxer seu Reino, a sociedade de homens maus será substituída pela sociedade dos que se submeteram ao governo de Deus e que, libertados de todo o

mal, então, desfrutarão a plenitude das bênçãos divinas. Jesus ensinou que os propósitos redentores de Deus trouxeram seu Reino paia operar entre homens em antecipação ao dia do julgamento.

I ',lc, agora, é como uma rede de arrasto que reúne em sua esfera de influência homens de vários tipos, tanto bons como maus. Ainda não há separação entre bons e maus; o dia do julgamento pertence ao fim desta era (Mt 13.49). Nesse meio tempo, há no círculo dos 1111 c são pegos pela atividade do Reino de Deus no mundo não só aqueles que realmente são filhos do Reino; mas também encontramos homens maus nesse movimento.

A parábola do trigo e do joio descreve o caráter do mundo em geral; os bons e os maus devem viver lado a lado até o dia do julgamento. Nesse período, a estrutura da sociedade humana não deve ser rompida pela separação final dos homens. A parábola da rede de | tesca tem uma referência mais restrita e descreve o círculo de homens que são influenciados pela atividade do Reino de Deus na pessoa de Cristo. Homens maus se infiltram nessa comunhão. Isso explica ter havido um Judas no círculo imediato dos discípulos de nosso Senhor. Ajuda-nos a entender como homens perversos surgem no seio da igreja (At 20.29,30) e desviam os homens de Cris-lo. Ajuda-nos a entender como a igreja moderna, por mais cuidadosa que seja em seu empenho de preservar a pureza bíblica em

sua membresia, encontra pessoas em seu meio que mostram ser hostis **aos** interesses do Reino de Deus.

1 levemos incluir nesse estudo do mistério do Reino uma im-poriante parábola registrada apenas no evangelho de Marcos. O Urino de Deus é "semelhante a um homem que lança a semente •.obre a terra. Noite e dia, estando ele dormindo ou acordado, a semente germina e cresce, embora ele não saiba como. A terra por si própria produz o grão: primeiro o talo, depois a espiga e, então,

II gi ao cheio na espiga. Logo que o grão fica maduro, o homem lhe passa a foice, porque chegou a colheita" (Mc 4.26-29). Essa parábola r semelhante à do grão de mostarda no fato de que o elemento do 11 CM I MENTO NÃO É O PONTO DA HISTÓRIA. A MENTE MODERNA, ANIMADA PELO PONTO DE VISTA EVOLUCIONÁRIO, VÊ NA IDÉIA DE CRESCIMENTO O

 conceito de desenvolvimento gradual e lento. Todavia, essa é uma idéia moderna, não bíblica. Paulo usa a metáfora do crescimento para ilustrar algo totalmente sobrenatural — a ressurreição dos mortos (ICo 15.36-38).

A parábola da semente que cresce por si mesma apresenta uma verdade básica simples: "A terra por si própria produz o grão". Nesse ponto, o Reino de Deus é como a semente: a semente contém o princípio de vida em seu interior. Não há nada que o lavrador pode acrescentar à vida na semente. Ele não pode fazê-la crescer, ele não pode fazer com que produza vida. Sua única tarefa é semear a semente. Depois, ele pode cuidar de seus outros afazeres. Mas enquanto ele está ocupado com outras coisas, até mesmo enquanto ele dorme, a vida intrínseca da semente e os poderes intrínsecos da terra se afirmam e produzem o fruto.

O Reino de Deus é um milagre. E o ato de Deus. E sobrenatural. Os homens não podem construir o Reino, não podem instituí-lo. O Reino é o Reino de *Deus,* o reinado de Deus, o governo de Deus. Deus confiou o evangelho do Reino aos homens. E nossa responsabilidade proclamar as boas novas sobre o Reino. Mas a operação real do Reino é trabalho de Deus. A frutificação não é produzida nem pelo esforço nem pela capacidade humana, mas pela própria vida do Reino. É obra de Deus.

Este é o mistério do Reino: antes do dia da colheita, antes do fim da era, Deus já entrou na história na pessoa de Cristo para operar entre os seres humanos, para trazer-lhes a vida e as bênçãos de seu Reino. O Reino vem humilde, discreto. Ele vem aos homens quando um carpinteiro galileu percorre todas as cidades da Palestina pregando o evangelho do Reino, livrando os homens da servidão ao Diabo. Ele vem aos homens quando seus discípulos percorrem todas as vilas da Galiléia com a mesma mensagem. Ele vem, hoje, aos homens que, como

discípulos de Jesus, ainda levam o evangelho do Reino a todo o mundo. Ele vem silencioso, humilde, sem fogo do céu, sem clarão de glória, sem despedaçar montanhas nem fender os céus. Ele vem como a semente espalhada na terra. Ele pode ser rejeitado pelo coração endurecido, pode ser sufocado e

negado espaço, sua vida, às vezes, parece murchar e morrer. No entanto, ele *éo* Reino de Deus. Traz o milagre da vida divina entre (>s homens. Ele os introduz nas bênçãos do governo divino. A obra sobrenatural da graça de Deus é para os homens. E esse mesmo Reino, esse mesmo poder sobrenatural de Deus ainda se manifestará no fim da era, dessa vez não entrará em silêncio na vida dos que o recebem, mas em poder e grande glória, expurgando todo pecado e mal da terra. Esse é o evangelho do Reino.

Capítulo V

A vida do Reino

Jesus disse a Nicodemos: “Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo”; e: “Ninguém pode entrar no Reino de Deus, **se** não nascer da água e do Espírito” (Jo 3.3,5). Esses versículos associam o Reino de Deus à vida eterna. Eles indicam que o indi-víilno precisa entrar na vida a fim de entrar no Reino de Deus; ele precisa nascer de novo.

Há uma grande fome por vida no coração humano. A pessoa precisa ser anormal ou desequilibrada emocionalmente para renun-i ui ao amor pela vida. Um professor universitário sofreu por anos i le uma deficiência endocrínica que fez com que a vida lhe pesasse unto que, no fim, ele se desesperou, tomou um veneno e morreu. (> fardo do sofrimento e o cansaço se tornaram tão pesados que a percepção desse homem inteligente ficou distorcida e deformada, f natural o homem amar a vida e se apegar a ela.

A Palavra de Deus oferece uma vida mais elevada que a vida lisica que todos os homens apreciam. É a vida do Reino de Deus. Iodos estamos familiarizados com este texto: “Ninguém pode ver c i Reino de Deus, se não nascer de novo”. Todavia, com freqüência, dcsassociamos a vida eterna da verdade do Reino de Deus e, em **geral,** pensamos na vida eterna como um aspecto do Reino de Deus. Nao obstante, esses versículos ligam essas duas grandes realidades bíblicas. Elas são, de fato, inseparáveis. A vida que Cristo veio para m is i razer é a vida do Reino de Deus.

70

No capítulo anterior, expusemos o ensino bíblico sobre o mistério do Reino. Esse mistério é uma nova exposição do propósito divino que não foi revelado aos santos do Antigo Testamento. Do ponto de vista da revelação do Antigo Testamento, esperava-se que a vinda do Reino de Deus trouxesse uma transformação da ordem existente. O Reino de Deus deveria mudar a ordem política e substituir todo governo e autoridade humanos (Is 2.1-4).

Agora precisamos acrescentar uma outra verdade bíblica. Quando o Reino de Deus chegar, ele também efetuará uma transformação da própria ordem física (Is 11.6-9). A terra será transformada. Haverá um novo céu e uma nova terra. A

criação será libertada da escravidão à decadência e à corrupção (Is 65.17; 66.22).

O mistério do Reino é este: Reino que, um dia, mudará toda a ordem exterior, entrou nesta era a fim de, sem transformar a antiga ordem, antecipar as bênçãos do Reino de Deus para homens e mulheres. A antiga era continua, contudo os homens já desfrutam os poderes da era por vir. O reino de Satanás ainda está de pé, mas o Reino de Deus já invadiu seu reino. Homens e mulheres, agora, podem ser libertados desse poder, libertados dessa servidão, libertados do domínio do pecado e da morte. Essa libertação se realiza, pois o poder do futuro Reino de glória está entre homens de forma secreta, silenciosa a fim de operar entre eles.

Repassei esses passos na forma de introdução, pois essa mesma estrutura está incorporada na verdade bíblica da vida eterna. A vida eterna pertence ao futuro Reino de glória e à era por vir, contudo, essa vida eterna foi disponibilizada ao homem na presente era perversa.

Mateus 25 apresenta um retrato profético da separação das nações pelo julgamento do Filho do homem. Ele julgará os homens como as ovelhas são separadas dos bodes. O versículo 34 anuncia o resultado da separação: “Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo’”. Se esse fosse o único versículo que tivéssemos sobre o Reino de Deus, tería-mos de concluir que ele é totalmente futuro, que o Reino de Deus 11fio virá até o retorno de Cristo, que tem de haver o julgamento linal dos homens quando os justos serão introduzidos nas bênçãos do Reino de Deus.

Todavia, examine com atenção o versículo 46. Esse versículo resume toda a passagem. “E estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna.” Os justos herdarão o Reino; isso quer dizer que eles irão para a *vida eterna.* Aqui, o Reino de Deus, a ser estabelecido no retorno de Cristo, e a vida eterna são sinônimos. I ’ortanto, a vida eterna pertence ao futuro. A vida eterna pertence ao Reino que Cristo estabelecerá em seu aparecimento em glória.

Encontramos a mesma verdade em Mateus 19. Já estudamos este capítulo em outro contexto. Um jovem aproxima-se de Jesus e pergunta: “Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?” (v. 16). I ›,ssa é a mesma vida eterna sobre a qual acabamos de ler em Ma-tcus 25.46. Na verdade, Jesus responde: “Você precisa cortar seus laços com todas as outras lealdades e seguir-me”. Com isso, o jovem vira-se e se afasta. Ele não pagaria o preço. Então, Jesus diz aos discípulos:

“Digo-lhes a verdade: Dificilmente um rico entrará no Reino dos céus” (v. 23). “Mas, Senhor, pensamos que esse homem livesse perguntado a forma de ter a *vida eterna*; e o Senhor diz: I ificilmente um rico entrará no Reino dos céus’. O Reino dos i éus e a vida eterna são a mesma coisa?”. Assim parece. O jovem poderia ter perguntado como fazer para entrar no Reino dos céus, e |esus responderia: “É difícil um rico herdar a vida eterna”.

Jesus acrescenta: “E mais fácil passar um camelo pelo fundo de iima agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (v. 24). Quando os discípulos ouviram isso, ficaram perplexos e perguntaram: "Neste caso, quem pode ser salvo?”

Vida eterna -— Reino de Deus — Reino dos céus -— salvação, indo isso pertence ao futuro, todos estão reservados aos discípulos do Senhor Jesus.

Se isso fosse todo o evangelho, teria de concluir que não posso l’,< >/ar agora a vida eterna. A salvação e a vida eterna aguardam-nos no futuro. Um dia, seremos salvos. Talvez possamos afirmar que '.omos salvos hoje no sentido de que temos certeza de que algum

 dia entraremos na vida eterna. Mas, nesse sentido, salvação é apenas a garantia de que quando Cristo retornar, *então* entraremos no Reino, *então* entraremos na vida eterna. Se esses versículos constituíssem a totalidade do evangelho, não poderiamos usufruir nenhuma experiência de vida eterna aqui e agora. A vida pertencería exclusivamente ao futuro, ao glorioso Reino de Deus. Como pode a vida eterna ser uma bênção futura e, ao mesmo tempo, uma realidade presente?

A vida, na verdade, pertence ao futuro. Em 2Coríntios 5, Paulo deixa isso claro em sua discussão sobre a ressurreição. Ele aguarda o dia em que receberemos de Deus “um edifício, uma casa eterna nos céus, não construída por mãos humanas” (v. 1). Essa esperança se cumprirá no retorno de Cristo, quando os santos vestirão um corpo de ressurreição. Em nosso corpo mortal, “gememos e nos angustiamos” (v. 4) e ansiamos por um corpo diferente. A morte é uma experiência aversiva, pois sugere sair do corpo — “nudez”. Paulo não anseia por ser “despido[...]” — desencarnado —, mas por ser “revestido[...]”, isto é, vestir o corpo de ressurreição “para que aquilo que é mortal seja absorvido pela vida” (v. 4).

Isso é a vida eterna. Vida eterna tem que ver com o homem completo. Diz

respeito não só a minha alma, mas também a meu corpo. Quando, por fim, herdarmos o Reino de Deus (ICo 15.50), aquilo que é mortal — nosso frágil corpo físico — será tragado em vida. A vida eterna inclui a redenção de nosso corpo. A herança do Reino de Deus significa a transformação desse corpo de carne e sangue (1 Co 15.5 0). Todos nós, embora tenhamos recebido o dom de vida, estamos morrendo. Para alguns, a descida ao túmulo é longa, gradativa, dolorosa. Para outros, ela ocorre com brusquidão chocante. Alguns desfrutam de boa dose de vigor até o fim. Mas todos estamos em nosso caminho para o túmulo, pois somos criaturas mortais e estamos morrendo.

Deus tem algo melhor para nós. Dia virá em o que é mortal será tragado em vida. Dores de costa e de cabeça, nervos à flor da pele, artrite, coração angustiado, úlcera e câncer, tudo será curado pela ação da vida da era por vir. Nossos médicos, dentistas e cirurgiões não

UTão mais pacientes. Nossos hospitais, sanatórios e instituições ficarão vazios. A vida eterna é a salvação, a transformação do corpo.

Apocalipse ensina, mais uma vez, a qualidade futura da vida eterna. João escreve: “Então o anjo me mostrou o rio da água da vida que, claro como cristal, fluía do trono de Deus e do Cordeiro, no meio da rua principal da cidade. De cada lado do rio estava a árvore da vida, que frutifica doze vezes por ano, uma por mês. As lolhas da árvore servem para a cura das nações” (Ap 22.1,2). Essa é uma bela promessa da plena realização da vida. O rio da água da vida: beberemos dela e não morreremos mais. A árvore da vida: i omeremos seu fruto, e a fragilidade, a deterioração, o sofrimento, (i desconsolo e a morte desaparecerão. Vivenciaremos, então, o sen-i ido pleno da vida que Deus reserva para nós. As folhas da árvore da vida servem para a cura das nações. Faremos um ungüento com essas folhas e o passaremos em nossas dores ou faremos um chá e o tomaremos? Fazer essas perguntas indica que isso é uma pintura, é poesia, no entanto, é a representação poética de um fato glorioso e objetivo. A mortalidade será tragada em vida.

João acrescenta: “Já não haverá maldição nenhuma. O trono de I)eus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus servos o servirão”

(v. 3). Aqui está a mais magnífica realidade. Por mais maravilhosa que seja a salvação do corpo, a realidade mais magnífica é que Deus habitará bem no meio de seu povo. “Eles verão a sua face” (v. 4). As luiTciras da carne e do pecado

serão varridas. Nós veremos a face dele. Aqui está a comunhão perfeita, o pleno gozo do amor de Deus. "F o seu nome estará em suas testas" (v. 4). Eis, mais uma vez, uma Inrma simbólica de dizer que Deus possuirá perfeitamente seu povo i desfrutará de imperturbável comunhão com ele. Pertenceremos a ele tli' lorma perfeita, e os propósitos de Deus serão totalmente cum-pi idos cm nós. Isso é vida; isso é vida eterna; essa é a vida do Reino de I >etis.

(á improvamos esse fato nas palavras de Paulo, no capítulo so-lue.i ressurreição, registradas em ICoríntios 15.24-26: "Então virá o lim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai [...]. Pois é iu i essário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos

L

debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte". ' Então ele restaurará o Reino para o Pai. Então, a vida eterna reinará, pois a morte será destruída. Então, o Reino de Deus será tudo em ' tudo, pois não terá mais inimigos. Essa é a vida eterna do Reino de Deus. Ela não é apenas uma vida que se relaciona com nosso espíri- ■ to; mas com o homem inteiro. Deus se importa com nosso corpo; ele tem o propósito de redimi-lo. <

A vida é futuro. E, contudo, encontramos esta afirmação no ′■ evangelho de João: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham . plenamente" (Jo 10.10). Jesus veio para nos dar vida hoje — não apenas no futuro, no fim da era, mas agora. De alguma forma, a vida da era por vir veio a nós aqui e agora, enquanto ainda estamos em nosso corpo mortal, vivendo nesta era perversa.

Essa verdade é reiterada: "Quem crê no Filho tem a vida eter- : na" (Jo 3.36). "Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida" (Jo 5.24). Nós *temos* a vida eterna; ela é nossa posse agora. Em sua plenitude? Dificilmente. Um avião cai rapidamente ao solo destruindo toda sua carga humana. Cristão e pagão — crente e descrente — ambos morrem. Não somos preservados, não somos afastados da devastação da doença, do sofrimento e da morte. Contudo, a Palavra de Deus afirma: "Quem crê no Filho tem a vida eterna". Como essa vida pode ser tanto futura como presente?

Encontramos nesses versículos sobre a vida eterna a mesma es- ,j truturã que descobrimos em nosso estudo das duas eras e do Reino de Deus. A era por vir pertence ao futuro, todavia, os poderes dela " entraram na presente era perversa. O Reino de Deus pertence ao [1] futuro, não obstante, as bênçãos do Reino de Deus entraram na era presente para livrar os homens da escravidão à Satanás e ao pecado.

A vida eterna pertence ao Reino de Deus, à era por vir; mas ela também entrou na presente era perversa para que os homens viven-ciem a vida eterna em meio à morte e à decadência. Alcançamos essa experiência de vida por meio do novo nascimento, ao nascer de novo.

O que é essa vida eterna? De que consiste essa bênção? Primeiro, .1 vida eterna representa o conhecimento de Deus. “Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, ,i t|uem enviaste” (Jo 17.3).

A noção bíblica de conhecimento não é a mera apreensão de laios pela mente. Essa é uma noção grega. Na Bíblia, conhecimento é muito mais que apreensão intelectual. Conhecimento quer dizer experiência. Conhecimento quer dizer relacionamento pessoal. Conhecimento quer dizer comunhão. *Conheço* meu amigo)o;ío. Isso nao quer dizer que li um resumo biográfico sobre ele em uma publicação e possa citar alguns fatos sobre ele, como o lugar de seu nascimento, sua idade, o nome de sua esposa, filhos, sua profissão, etc. Poderia contar todos esses fatos e, mesmo assim, não (onhecê-lo. Poderia saber muito sobre ele e ainda não conhecer o homem. Conhecer uma pessoa quer dizer que travei amizade com (í.i, que tenho um relacionamento com ela, que compartilhamos .imizade mútua.

Isso é vida eterna, não que você seja capaz de recitar um credo, (ui citar alguns versículos bíblicos, ou narrar alguns fatos sobre Deus.

I sso nao é conhecimento de Deus. “Isto é a vida eterna, que te conheçam, o único Deus verdadeiro”. Comunhão com Deus; amizade mm Deus; relacionamento pessoal com Deus: isso é vida eterna.

Voltemos ao livro de Apocalipse: “O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus servos o servirão. Eles verão a sua l.icc, e o seu nome estará em suas testas” (Ap 22.3,4). Na era por vir, a vida nesse glorioso Reino representa comunhão perfeita com

I >cus e conhecimento perfeito de Deus. Nós o veremos face a face.

Vida eterna quer dizer que, aqui e agora, *já* iniciamos um rela-i ionamento pessoal com Deus. Vida eterna quer dizer que já fo-m< is apresentados a Deus. Vida eterna quer dizer que Deus se tori a ui o nosso Deus, e que começamos a nos tornar o povo dele, e a

II >m partilhar comunhão com ele; e a compartilhar a vida dele.

Esse conhecimento de Deus, em regra, pertence à era por vir, **ao** dia em que o Reino, por fim, será estabelecido. A profecia de h remias (31.31-33), sobre o dia em que o Reino de Deus vier em

poder e glória, esclarece isso. "'Estão chegando os dias', declara o Senhor, 'quando farei uma nova aliança com a comunidade de Israel e com a comunidade de Judá. Não será como a aliança que fiz com os seus antepassados quando os tomei pela mão para tirá-los do Egito. [...] Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias', declara o Senhor: 'Porei a minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações. Serei o Deus deles, e eles serão o meu povo"'. Observe, em especial, o versículo seguinte: "Ninguém mais ensinará ao seu próximo nem ao seu irmão, dizendo: 'Conheça ao Senhor', porque todos eles me conhecerão, desde o menor até o maior, diz o Senhor". Nesse dia, não haverá mais conferências bíblicas, nem escolas e seminários bíblicos, nem escola dominical e aulas de instrução, porque todos conhecerão o Senhor e não precisarão mais de instrução.

Esse é o retrato da comunhão perfeita em que os homens entram no conhecimento pessoal, profundo, perfeito de Deus. Mas esse conhecimento de Deus pertence apropriadamente à era por vir, àquele dia em que a vontade de Deus será consumada de forma perfeita sobre a terra. Essa é a visão de Jeremias 31. Esse conhecimento íntimo, direto de Deus é que constitui a vida eterna.

Mas o ensino de nosso Senhor no evangelho de João é que já entramos na vida eterna; já fomos apresentados ao conhecimento de Deus. De alguma forma, o futuro já se tornou presente. A bênção da era por vir tornou-se disponível aos homens agora. Verdade que não em sua plenitude e perfeição; contudo, em João 17.3, o conhecimento dè Deus não é promessa; é uma realização, uma experiência presente, uma comunhão presente que, de forma maravilhosa,

será expandida e aperfeiçoada a era por vir.

Esse conhecimento de Deus inclui a percepção, a compreensão da verdade de Deus, não apenas na esfera intelectual, mas no impacto dessa verdade sobre a vida. O conhecimento da verdade inclui o elemento intelectual, mas não pára aí. Por isso, a Escritura fala de "pratica[r] a verdade" (Jo 3.21). Quando alcançarmos o conhecimento perfeito de Deus, também possuiremos a apreensão da verdade de Deus que, agora, não possuímos. Nessa época, não tere-

mos mais presbiterianos e batistas, calvinistas e arminianos, pré-milenaristas, amilenaristas, e pós-milenaristas, mas todos entenderemos de forma perfeita o que é a verdade de Deus, pois seremos ensinados por ele.

Deus permite-nos atingir, aqui e agora, algo do conhecimento da verdade divina; contudo, esse conhecimento, na melhor das hipóteses, é parcial e incompleto. Mas, assim mesmo, é real. Esse conhecí mento, embora imperfeito, é a maior e mais maravilhosa realidade da vida, pois a verdade de Deus leva os homens à comunhão com ele.

O caráter parcial desse conhecimento cria problemas práticos. Realmente, será maravilhoso o dia em que todas as pessoas de Deus puderem concordar em seu entendimento de Deus e da verdade dele. I ',sse dia está no futuro; não chegou ainda. Muitos problemas surgem porque o povo de Deus não reconhece o ensino escriturai sobre a imperfeição do conhecimento cristão. As vezes, as pessoas insistem que deve haver concordância total em todos os detalhes da compreensão de Deus e da doutrina crista, o que não é garantido pela I'alavra de Deus. A Escritura é clara sobre nosso conhecimento ser parcial. Em ICoríntios 13, Paulo diz que por causa da própria im-| >erfeição de nosso conhecimento é que devemos exercer o dom do amor. Os vários ministérios do Espírito Santo na igreja primitiva, como profecia, línguas, conhecimento (revelações sobrenaturais da verdade divina), foram dados aos homens porque, agora, conhecemos em parte (lGo 13.12). Eles pertencem a nossa "infância", isto é, a nossa vida terrena. Quando alcançarmos a perfeita maturidade, quando virmos face a face e conhecermos plenamente da mesma forma como somos plenamente conhecidos (ICo 13.11,12), deixaremos de lado as coisas da infância. Não precisaremos mais desses auxílios do Espírito Santo para ajudar a preencher nossa ignorância. No entanto, quando outros dons tiverem passado, o amor subsistirá.

I) amor é o dom do Espírito, acima de todos os outros, que caracterizará nossa

comunhão perfeita na era por vir. Este amor que des-I m ramos agora, e a igreja terrena será uma colônia do céu que desfru-i a, em antecipação, a vida da era por vir *até o ponto* em que permiti-

mos que o Espírito Santo manifeste o dom do amor em nosso rel< cionamento mútuo, em especial, nas áreas em que nosso conhec mento imperfeito leva a distintas interpretações da Palavra de Dei em relação aos detalhes de teologia.

Em ICoríntios 13.12, Paulo afirma de forma clara esse fatoj Agora, nesta era, "vemos apenas um reflexo obscuro". O espelhe antigo era um pedaço de metal polido que manchava e riscava coi facilidade. Ele fornecia uma imagem imperfeita. Identificava-se oi reflexo, mas ficava longe de perfeito. Agora, nesta era, enxergamos dei forma imperfeita no espelho; "mas, então, veremos face a face". Na' era por vir, não mais veremos uma semelhança refletida, veremos face a face.

Agora, examine com atenção a parte final do versículo 12. "Agora conheço em parte." Não há homem algum que tenha vivido, a não ser o Senhor Jesus, que possa dizer: "Eu sou a verdade. Vocês devem seguir-me!". O apóstolo inspirado declara: "Agora conheço em parte". Essa declaração põe-nos todos em posição de humildade diante de Deus. Precisamos examinar as Escrituras, precisamos estudar a Palavra de Deus, precisamos esperar em Deus. Mas por ainda estarmos na era perversa, quando fazemos o nosso melhor, somos compelidos a dizer: "Senhor busquei a sua Palavra; mas só a conheço em parte; não a compreendo perfeitamente".

"Agora conheço em parte." Isso exige que nos agarremos à Palavra de Deus em humildade e em caridade: em humildade para com Deus e em caridade para com nossos irmãos. Um dia, veremos face a face e conheceremos da mesma forma como somos conhecidos por Deus. Que coisa preciosa nos ser permitido desfrutar das verdades fundamentais desse conhecimento de Deus antes de alcançarmos a era por vir. "Esta é a vida eterna: que te conheçam."

O segundo sentido da vida eterna é a habitação do Espírito de Deus em nosso interior. "Se não nascer de novo, [...] se não nascer da água e do Espírito, ninguém pode ver, [...] ninguém pode entrar no Reino de Deus." A vida da era por vir é a obra do Espírito de Deus. Em 1 Coríntios 15, Paulo aguarda a vida da

era por vir, a vida do Reino de glória, a vida de quando esse corpo mortal for trans-

Ini III.KIo; e ele descreve essa vida com estas palavras: "O corpo que é trincado é perecível e ressuscita imperecível; é semeado em desonra e irvaiscita em glória; é semeado em fraqueza e ressuscita em poder; é trincado um corpo natural e ressuscita um corpo espiritual" (ICo

IV-12-44).

() que é um corpo *espiritual*!? De imediato, a própria frase parece rn volver uma contradição nos termos. Como se pode falar de corpo espiritual? O corpo é matéria, e espírito é o oposto de matéria. I' verdade que os antigos, por vezes, concebiam espírito em termos ilc matéria da mais excelente qualidade, mas esse nao é o pensamento de Paulo. "Corpo espiritual" nao é o corpo que consiste de espírito. E, antes, o corpo cuja vida, cuja energia vem do Espírito o Espírito de Deus. Portanto, corpo espiritual é o corpo de verdade, tangível, real, mas total e perfeitamente energizado, e animado, e capacitado pelo Espírito Santo de Deus.

Já encontramos esse pensamento essencial em 2Coríntios 5, passagem em que Paulo aguarda o dia em que a mortalidade é tragada pela vida eterna (v. 4). Agora, observe com atenção o versículo 5: "I ;oi Deus que nos preparou para esse propósito, dando-nos o Espírito como garantia do que está por vir". E em Efésios 1.13,14, Paulo afirma: "Quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia da nossa herança" até que i ornemos posse dela. Que herança é essa? É a plenitude de vida, a redenção do corpb, a transformação de nossa estrutura mortal na plenitude da força, e poder, e glória do "corpo espiritual". Essa herança está em vista nestas três passagens: ICoríntios 15.42-50; 2Coríntios 5.1-10 e Efésios 1.14. Mas ainda não tomamos posse dessa herança. Contudo, temos mais do que uma promessa; Deus nos concedeu o Espírito Santo como penhor, garantia dela.

Que é um penhor? Não usamos essa palavra, com freqüência, na conversa do dia-a-dia, mas temos uma palavra diferente para expressar a mesma idéia. Penhor é o pagamento inicial, a entrada. É muito mais que uma garantia; é uma posse parcial, porém, real. Se decide comprar uma casa, você procura até achar a casa que quer.

mos que o Espírito Santo manifeste o dom do amor em nosso rell cionamento mútuo, em especial, nas áreas em que nosso conhec mento imperfeito leva a distintas interpretações da Palavra de Dei em relação aos detalhes de teologia.

Em ICoríntios 13.12, Paulo afirma de forma clara esse fatofl Agora, nesta era, "vemos apenas um reflexo obscuro". O espelhe antigo era um pedaço de metal polido que manchava e riscava coi facilidade. Ele fornecia uma imagem imperfeita. Identificava-se o| reflexo, mas ficava longe de perfeito. Agora, nesta era, enxergamos dei forma imperfeita no espelho; "mas, então, veremos face a face". Naj era por vir, não mais veremos uma semelhança refletida, veremos face a face.

Agora, examine com atenção a parte final do versículo 12. "Agora conheço em parte." Não há homem algum que tenha vivido, a não ser o Senhor Jesus, que possa dizer: "Eu sou a verdade. Vocês devem seguir-me!". O apóstolo inspirado declara: "Agora conheço em parte". Essa declaração põe-nos todos em posição de humildade diante de Deus. Precisamos examinar as Escrituras, precisamos estudar a Palavra de Deus, precisamos esperar em Deus. Mas por ainda estarmos na era perversa, quando fazemos o nosso melhor, somos compelidos a dizer: "Senhor busquei a sua Palavra; mas só a conheço em parte; não a compreendo perfeitamente".

"Agora conheço em parte." Isso exige que nos agarremos à Palavra de Deus em humildade e em caridade: em humildade para com Deus e em caridade para com nossos irmãos. Um dia, veremos face a face e conheceremos da mesma forma como somos conhecidos por Deus. Que coisa preciosa nos ser permitido desfrutar das verdades fundamentais desse conhecimento de Deus antes de alcançarmos a era por vir. "Esta é a vida eterna: que te conheçam."

O segundo sentido da vida eterna é a habitação do Espírito de Deus em nosso interior. "Se não nascer de novo, [...] se não nascer da água e do Espírito, ninguém pode ver, [...] ninguém pode entrar no Reino de Deus." A vida da era por vir é a obra do Espírito de Deus. Em 1 Coríntios 15, Paulo aguarda a vida da era por vir, a vida do Reino de glória, a vida de quando esse corpo mortal for trans-

Ini iii.kIo; e ele descreve essa vida com estas palavras: "O corpo que é «•meado

é perecível e ressuscita imperecível; é semeado em desonra e IfSMiscita em glória; é semeado em fraqueza e ressuscita em poder; é «•meado um corpo natural e ressuscita um corpo espiritual" (ICo

I 'vi 2-44).

() que é um corpo *espiritual?*. De imediato, a própria frase parece envolver uma contradição nos termos. Como se pode falar de corpo espiritual? O corpo é matéria, e espírito é o oposto de matéria.

I[I] verdade que os antigos, por vezes, concebiam espírito em termos ile matéria da mais excelente qualidade, mas esse não é o pensamento de Paulo. "Corpo espiritual" não é o corpo que consiste de espírito. E, antes, o corpo cuja vida, cuja energia vem do Espírito

o Espírito de Deus. Portanto, corpo espiritual é o corpo de verdade, tangível, real, mas total e perfeitamente energizado, e animado, e capacitado pelo Espírito Santo de Deus.

Já encontramos esse pensamento essencial em 2Coríntios 5, passagem em que Paulo aguarda o dia em que a mortalidade é tragada pela vida eterna (v. 4). Agora, observe com atenção o versículo 5: " I 'oi Deus que nos preparou para esse propósito, dando-nos o Espíri-lo como garantia do que está porvir". E em Efésios 1.13,14, Paulo afirma: "Quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia da nossa herança" até que tomemos posse dela. Que herança é essa? E a plenitude de vida, a redenção do corpo, a transformação de nossa estrutura mortal na plenitude da força, e poder, e glória do "corpo espiritual". Essa herança está em vista nestas três passagens: ICoríntios 15.42-50; 2Coríntios 5.1-10 e Efésios 1.14. Mas ainda não tomamos posse dessa herança. Contudo, temos mais do que uma promessa; Deus nos concedeu o Espírito Santo como penhor, garantia dela.

Que é um penhor? Não usamos essa palavra, com freqüência, na conversa do dia-a-dia, mas temos uma palavra diferente para expressar a mesma idéia. Penhor é o pagamento inicial, a entrada. É muito mais que uma garantia; é uma posse parcial, porém, real. Se decide comprar uma casa, você procura até achar a casa que quer.

Talvez ela custe setenta mil reais; o preço é um tanto alto, mas é a casa que você procurava. Por isso, você promete entregar ao dono o dinheiro em um dia combinado e assina uma promissória. Isso lhe dá direito de posse da casa? Não dá. Suponha que você diga: "Vamos ao cartório, assinarei um compromisso de que nessa e nessa data pagarei a casa". Isso lhe dá direito de posse da casa? Não dá. Suponha que você traga um grupo de amigos como testemunhas de idoneidade, e eles testifiquem que você é uma pessoa honesta, honrável e tem uma ótima conta bancária. Isso lhe dá direito de posse da casa? Nao dá. Só há uma coisa que sela o acordo: dinheiro! Dinheiro em espécie. Nao o valor total da casa, mas uma entrada substancial. Isso é penhor, entrada, "o dinheiro de garantia".

A posse atual do Espírito Santo é a entrada. E mais que uma promessa, embora *seja* uma promessa. E mais do que uma garantia, embora *seja* uma garantia. É a posse atual, embora parcial, que garante a posse completa no tempo apropriado. Essa é a vida do Espírito, a vida eterna. A *plenitude da* vida *aguarda* a vinda de Cristo; mas Deus nos concedeu seu Espírito como entrada, até que o mortal seja tragado em vida. A habitação do Espírito em nosso interior é a entrada dessa vida que, um dia, vivenciaremos em sua plenitude. O novo nascimento é o início parcial, mas real, da vida da era por vir. Isso quer dizer que já temos em nosso interior a vida do céu. Quer dizer que já participamos na vida que pertence ao futuro Reino de Deus; não, de fato, em sua plenitude, mas, apesar disso, em realidade.

Observemos mais uma frase que descreve essa mesma verdade em termos diferentes. Em Romanos 8.22,23, Paulo descreve a redenção de toda a criação na era por vir, o dia em que o propósito redentor de Deus será consumado, e a criação, libertada da servidão à corrupção para entrar na gloriosa liberdade dos filhos de Deus. "Sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto. E não só isso, mas nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo." Aqui temos, mais uma vez, a mesma verdade maravilhosa.

Um dia, nosso próprio corpo será redimido. Um dia, toda a criação lísica será transformada. Um dia, a vida que flui da ressurreição de **('l** isto renovará toda a estrutura da existência humana. E o que acontece até esse dia chegar? Gememos:

estamos oprimidos. Temos dor. Sofremos. Morremos. Mas não temos apenas isso: temos os *primeiros frutos do Espírito.*

O que são primeiros frutos? Deixe-me ilustrar primeiros frutos com algumas árvores frutíferas de meu jardim. No fim do inverno, podo as árvores e as pulverizo. Quando chega a primavera, as flores abrem, e sei que as árvores estão vivas. Mas as flores não são os primeiros frutos. Elas são uma promessa, pois se não houver flores, com certeza, não haverá fruto; mas já vi árvores cheias de flores que jamais produziram fruto. Depois da florescência, as folhas brotam, mas ainda não há fruto. Pouco depois das folhas, aparecem os peel uenos frutos verdes, duros, mas ainda não há fruto. Esses são os primeiros frutos? Depois de um ano, uma árvore estava carregada de ameixinhas duras; mas, depois, uma tempestade de vento derrubou todas as ameixas da árvore. Tinha um cesto cheio de pequenas ameixas verdes no chão, mas nenhuma colheita. Isso não é primeiros frutos.

Os primeiros frutos surgem quando as frutas começam a amadurecer. Você olha a árvore dia após dia. Então chega o dia em que aquele primeiro pêssego, por fim, está maduro. Você esperou por esse dia e apanha aquele pêssego apetitoso, o primeiro pêssego da estação, o único da árvore que está totalmente comível. Todos os demais estão um pouco verdes, muito duros para ser comidos. Mas aqui está um pêssego. Você "enfia os dentes", o suco agrada seu paladar, e você se deleita com o sabor do primeiro pêssego. Isso é "primeiros frutos". Não é a colheita, é o *começo da colheita.* E mais que promessa; é experiência. E realidade. E posse.

Deus nos concedeu seu Espírito como o primeiro fruto da vida por vir na ressurreição. Quando Cristo vier, receberemos a colheita — a vida plena do Espírito de Deus. Mas Deus já nos concedeu seu Espírito como primeiro fruto, um antegosto, uma experiência inicial da futura vida celestial.

82

Você já se deu conta de que a própria vida do céu habita em seu interior aqui e agora? Você já sabia isso? Temo que vivamos a maior parte de nossa vida em termos de promessa. Muitas vezes, cantamos sobre o futuro e devemos cantar. Nosso evangelho é um evangelho de promessa e esperança gloriosas. Sim, o melhor, o mais glorioso ainda está por vir. Não obstante, não devemos viver apenas para o futuro. O futuro já começou. A era por vir já alcançou esta era; o

Reino de Deus já chegou a você. A vida eterna, que pertence ao amanha, está aqui hoje. A comunhão com Deus que conheceremos quando o virmos face a face já é nossa, em parte, mas em realidade. A vida transformadora do Espírito de Deus que, um dia, transformará nosso corpo já habita em nós e transforma nosso caráter e personalidade.

E isso que quer dizer vida eterna. E isso que quer dizer ser salvo. Significa iniciar todos os dias na presente era perversa vivendo a vida do céu. Significa que cada congregação local do povo de Deus que compartilha esta vida deve viver junta, e adorar e servir juntas como aqueles que desfrutam de um antegosto do céu aqui na terra. A comunhão de uma igreja cristã deve ser isso. Que Deus nos ajude a viver a vida da era por vir em meio a esta era perversa. Deus já nos trouxe à comunhão com ele. Essa é a promessa, a entrada, a garantia, o Espírito Santo, a vida da era por vir, habitando em nós. Esse é o evangelho do Reino. Essa é a vida da era por vir.

Capítulo VI

A justiça do Reino

No sermão do monte, nosso Senhor descreve a justiça do Reino. Mateus 5.20 mostra a importância dessa justiça do Reino: “Pois ni lhes digo que se a justiça de vocês não for muito superior à dos l.n iseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos

< eus”. O sermão do monte delineia as condições para entrar no Koino dos céus. Esse versículo liga os aspectos futuro e presente do Urino. A qualificação para entrar no futuro Reino é a justiça previne, justiça essa que deve exceder à dos fariseus e mestres da lei. (,) 11 e espécie de j ustiça é essa?

A justiça exigida para entrar no futuro domínio do Reino de I >riis é aquela que resulta do reino de Deus em nossa vida. O Reino i Ir I)eus concede-nos o que ele exige; de outra forma, não poderia**mos** consegui-la. **A** justiça que Deus exige **é** a do seu Reino, e que

< Ir t <>ncede à medida que reina em nossa vida.

Em nosso texto, a justiça agora exigida é posta em contraste i om a justiça dos mestres da lei e dos fariseus. Isso é relevante porque o,i i irstres da lei e os fariseus eram profundamente interessados em jir.tiça. Os mestres da lei eram os estudiosos profissionais da religião. Eles eram homens que, como os professores de seminários ilr irologia, dedicavam todo seu tempo ao estudo das Escrituras e I i ii)o principal objetivo era a definição de justiça. Os fariseus eram

I iii|iirles que aceitavam os ensinos dos mestres da lei —, eram os

L

84 discípulos que punham em prática os ensinamentos deles, visando, com isso, alcançar uma vida de justiça.

Os mestres da lei e seus discípulos eram motivados pela preocupação única de alcançar justiça. Todavia, nosso Senhor diz que seus discípulos devem possuir uma justiça que exceda à dos fariseus. Como se pode alcançar isso? Os mestres da lei tinham desenvolvido uma enorme massa de lei para definir o que era certo

e o que era errado. Dedicaram mais atenção e estudo à definição de justiça, que qualquer um de nós dedica.

Por exemplo, a lei diz que os homens não devem trabalhar no dia do sábado — o dia do Senhor. Se justiça consiste em obediência à lei, a lei precisa ser explícita. Assim, surge a pergunta: "O que *é* trabalho?". Se conformidade à vontade de Deus é definida em termos de lei, então, a pessoa precisa saber de forma precisa quando está obedecendo a lei e quando a está transgredindo. Os mestres da lei e os fariseus não deixavam nada ao julgamento individual ou à direção do Espírito Santo. Queriam uma definição do que era direito e do que era errado em toda situação possível. Por isso, compilaram um enorme quantidade de tradições, fornecendo a definição necessária de justiça que foi incorporada ao mixná e, mais tarde, ao Talmude.

O que é trabalho? Deixe-me ilustrar o problema. Ao voltar para casa do culto no dia de sábado, vejo uma folha morta em uma roseira do canteiro junto à entrada de minha casa. Paro e tiro a folha morta. Eu trabalhei? E provável que não. A seguir, vejo um galhinho morto que quebro e tiro. Será que trabalhei? Então, vejo outro galhinho que não consigo quebrar, tiro meu canivete e corto-o. Desrespeitei o sábado? Há ainda outro galho do tamanho do meu polegar, muito grande para o canivete, então, pego minha tesoura de jardinagem e tiro esse galho. Será que trabalhei? O passo final é podar todas as minhas roseiras.

Se vivo em termos da lei, preciso de uma orientação da lei de Deus para saber quando estou na vontade de Deus, pois minha salvação depende disso. Preciso saber o que é trabalho e o que não é.

Eis uma ilustração real da doutrina rabínica judaica. Um homem tinha uma granja de ovos. No sábado, uma de suas galinhas botou um ovo. E certo comer o ovo ou é errado? Há trabalho envolvido nesse caso ou não? Para os mestres da lei, esse era um problema sério, e os rabinos debateram a questão e chegaram à seguinte decisão. Se um homem tinha aves com o propósito de produzir ovos, e elas punham ovos no sábado, havia trabalho envolvido e comer o ovo representava desrespeitar o sábado. Contudo, se ele tivesse aves para algum outro propósito e acontecesse de elas botarem ovos no sábado, não havia nenhum trabalho envolvido; e podia comer os ovos sem desrespeitar o sábado. Isso pode parecer cômico para nós; mas do ponto de vista do judeu ortodoxo, cuja salvação dependia da observação da lei, os termos de sua salvação não era matéria risível.

Jesus disse: “Se a justiça de vocês não for muito superior à dos lariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus”. Qual é a justiça superior do Reino? Encontramos a resposta nas ilustrações específicas de justiça fornecidas pelo nosso Senhor, as quais incorporam inúmeros princípios, ou “leis”.

Primeiro, temos a lei da ira. “Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não matarás’, e ‘quem matar estará sujeito a julgamento’” (Mt 5.21). A lei do Antigo Testamento, a tradição rabínica, e a lei moderna reconhecem que há diferentes tipos de homicídio. Homicídio deliberado nao é o mesmo que homicídio acidental; c embora ambos resultem na morte de uma vítima inocente, há uma diferença na motivação da ação, e, portanto, há diferença no grau de culpa que a lei leva em consideração.

Jesus vai muito além: “Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: ‘Racá’, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: ‘Louco!’, corre o risco de ir para o fogo do inferno” (Mt T22). A ARC muda totalmente o sentido do pronunciamento ao 11 aduzir por: “Eu, porém, vos digo que qualquer que, *sem motivo,* sc cncolerizar contra seu irmão será réu de juízo” (grifo do autor); e outra versão diz: “Ira nao justificada é pecado”. A explicação para

essa divergência é simples. Se ler essa passagem nas mais antigas Bíblias gregas existentes não encontrará a expressão “sem motivo”. Essas palavras não estavam no texto, foram inseridas por copistas que acharam a linguagem de nosso Senhor radical demais. Quem não fica zangado de vez em quando? Sem dúvida, o Senhor não quis dizer que toda ira condena o homem à perdição. Ele deve ter se referido à ira injustificável, ira para a qual não há provocação. O fraseado aparentemente duro dos textos gregos mais antigos foi amenizado pela adição de uma única palavra grega, *eike,* traduzida por “sem motivo.” No entanto, não foi isso que nosso Senhor disse: “Qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento”. Essa é a leitura de nossas Bíblias gregas mais antigas que talvez não fossem conhecidas pelos tradutores da ARC e outras.



“Também, qualquer que disser a seu irmão: ‘Racá’, será levado ao tribunal” isto é, estará sujeito a julgamento e condenação diante da corte. “Racá” é uma palavra aramaica que pode ter o sentido de “cabeça vazia!”, mas não conhecemos a língua aramaica o suficiente para ter certeza do sentido. Em todo caso, é uma palavra de conotação forte, uma expressão de ira; isso é o quanto basta para nossa compreensão.

“E qualquer que disser: ‘Louco!’, corre o risco de ir para o fogo do inferno”. Quando era menino, eu tinha muito cuidado de nunca chamar ninguém de “pobre louco”, nem de brincadeira, porque lera esse versículo. Tinha certeza que se minha língua se soltasse e acontecesse de chamar alguém de louco, com certeza, iria para o inferno. Essa não é bem a forma como devemos entender esse versículo, pois, mais uma vez, não sabemos com certeza o sentido da palavra aramaica. Mas o sentido real das palavras de nosso Senhor não se encontra no sentido exato de “racá ”e “louco”. O importante é que essas duas palavras, e muitas outras, são evidência de ira e desprezo para com outra pessoa, e é com

essa ira que nosso Senhor está preocupado aqui, qualquer que seja a expressão que ela assuma.

O que Jesus quis dizer? Ira é tão ruim quanto assassinato? Será que lançar uma palavra má que fere o espírito contra outra pessoa é um pecado tão sério como atirar um machado que espalha seus

miolos? Esse não pode ser o sentido que nosso Senhor pretendia, pois se for, acaba com o código moral. Jesus quis transmitir isto: "Assassinato é pecado mesmo; mas digo a vocês que a ira também é pecado". Eis a raiz do assunto: a ira é pecado. Você já se encontrou em alguma situação em que se sentiu tão irado que se tivesse dado vazão aos seus sentimentos poderia matar alguém, embora não o tenha feito? Uma situação em que se o olhar pudesse partir o crânio de um homem, a cabeça de alguém seria aberta de uma orelha a outra. Onde houver tal ira em seu coração, onde houver uma atitude má para com outrem, há pecado. Assassinato é a ira plena.

O ensino dos mestres da lei enfatizava o ato externo. Um homem podia sentir ira contra outro e não ser culpado de pecado sério se controlasse sua ira. Jesus diz que isso não é justiça verdadeira. Não é o ato exterior que é de suma importância, mas a atitude do coração. Se no fundo do coração há ódio sem chama e amarga ira, sentimentos expressos em nada mais mortal que palavras ou mesmo pensamentos, à vista de Deus a pessoa é pecadora e merecedora do inferno. Jesus diz que mesmo que você nunca tenha levantado um cassetete, nem jogado uma pedra, nem enfiado uma faca em alguém; se seu coração aninhar amargura, ódio, ira, você é condenado como pecador diante de Deus.

A justiça que o Reino de Deus exige não trata só de atos exteriores de pecado. Ela busca o motivo por trás do ato, da obra, ela busca o coração e lida com o que o homem é em si mesmo diante de Deus. A justiça do Reino afirma: é mais importante o que você *édo* que o que você *faz*. "Se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus".

A justiça do Reino exige que eu não sinta nenhum mal em meu coração em relação aos meus irmãos. E óbvio que essa justiça de coração é um dom de Deus. Deus precisa conceder o que exige. Se conhecermos a justiça do Reino de Deus, a ira e a animosidade que, com freqüência, surgem em nosso interior, pois somos seres humanos caídos, podem ser transformadas em uma atitude de amor e

interesse pelo outro. A justiça do Reino de Deus é o produto do

essa divergência é simples. Se ler essa passagem nas mais antigas Bíblias gregas existentes não encontrará a expressão "sem motivo". Essas palavras não estavam no texto, foram inseridas por copistas que acharam a linguagem de nosso Senhor radical demais. Quem ' não fica zangado de vez em quando? Sem dúvida, o Senhor não quis dizer que toda ira condena o homem à perdição. Ele deve ter i se referido à ira injustificável, ira para a qual não há provocação. O , fraseado aparentemente duro dos textos gregos mais antigos foi amenizado pela adição de uma única palavra grega, *eike,* traduzida por "sem motivo. " No entanto, não foi isso que nosso Senhor disse: [1] "Qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento". Essa é a leitura de nossas Bíblias gregas mais antigas que talvez ,

não fossem conhecidas pelos tradutores da ARC e outras. j

"Também, qualquer que disser a seu irmão: 'Racá', será levado ao tribunal" isto é, estará sujeito a julgamento e condenação diante j da corte. "Racá" é uma palavra aramaica que pode ter o sentido de "cabeça vazia!", mas não conhecemos a língua aramaica o suficiente para ter certeza do sentido. Em todo caso, é uma palavra de cono- ; tação forte, uma expressão de ira; isso é o quanto basta para nossa compreensão.

"E qualquer que disser: 'Louco!', corre o risco de ir para o fogo ! do inferno". Quando era menino, eu tinha muito cuidado de nunca chamar ninguém de "pobre louco", nem de brincadeira, porque lera esse versículo. Tinha certeza que se minha língua se soltasse e acontecesse de chamar alguém de louco, com certeza, iria para o inferno. Essa não é bem a forma como devemos entender esse versículo, pois, mais uma vez, não sabemos com certeza o sentido da pala- i

vra aramaica. Mas o sentido real das palavras de nosso Senhor não j

se encontra no sentido exato de "racá"e "louco". O importante é que essas duas palavras, e muitas outras, são evidência de ira e desprezo para com outra pessoa, e é com essa ira que nosso Senhor está preocupado aqui, qualquer que seja a expressão que ela assuma.

O que Jesus quis dizer? Ira é tão ruim quanto assassinato? Será que lançar uma

palavra má que fere o espírito contra outra pessoa é um pecado tão sério como atirar um machado que espalha seus !

miolos? Esse não pode ser o senddo que nosso Senhor pretendia, pois se for, acaba com o código moral. Jesus quis transmitir isto: “Assassinato é pecado mesmo; mas digo a vocês que a ira também é pecado”. Eis a raiz do assunto: a ira é pecado. Você já se encontrou em alguma situação em que se sentiu tão irado que se tivesse dado vazão aos seus sentimentos poderia matar alguém, embora não o tenha feito? Uma situação em que se o olhar pudesse partir o crânio de um homem, a cabeça de alguém seria aberta de uma orelha a outra. Onde houver tal ira em seu coração, onde houver uma atitude má para com outrem, há pecado. Assassinato é a ira plena.

O ensino dos mestres da lei enfatizava o ato externo. Um homem podia sentir ira contra outro e não ser culpado de pecado sério se controlasse sua ira. Jesus diz que isso não é justiça verdadeira. Não é o ato exterior que é de suma importância, mas a atitude do coração. Se no fundo do coração há ódio sem chama e amarga ira, sentimentos expressos em nada mais mortal que palavras ou mesmo pensamentos, à vista de Deus a pessoa é pecadora e merecedora do inferno. Jesus diz que mesmo que você nunca tenha levantado um cassetete, nem jogado uma pedra, nem enfiado uma faca em alguém; se seu coração aninhar amargura, ódio, ira, você é condenado como pecador diante de Deus.

A justiça que o Reino de Deus exige não trata só de atos exteriores de pecado. Ela busca o motivo por trás do ato, da obra, ela busca o coração e lida com o que o homem é em si mesmo diante de Deus. A justiça do Reino afirma: é mais importante o que você r do que o que você *faz*. “Se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus”.

A justiça do Reino exige que eu não sinta nenhum mal em meu coração em relação aos meus irmãos. É óbvio que essa justiça de coração é um dom de Deus. Deus precisa conceder o que exige. Sc conhecermos a justiça do Reino de Deus, a ira e a animosidade que, com freqüência, surgem em nosso interior, pois somos seres Immanos caídos, podem ser transformadas em uma atitude de amor r interesse pelo outro. A justiça do Reino de Deus é o produto do

 governo de Deus no coração humano. Deus precisa governar nossa vida hoje, se quisermos entrar no Reino amanha.

A seguir, temos a lei da pureza. “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Não adulterarás.’ Mas eu lhes digo: Qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração” (w. 27,28). Mais uma vez, a justiça superior do Reino de Deus é a do coração em contraste com a mera retidão de conduta. A lei dos mestres da lei proibia relacionamentos sexuais ilícitos, e se a pessoa se abstivesse de tal conduta pecaminosa, era inocente. Jesus afirma que há um padrão mais alto que estabelece as exigências para homens e mulheres. E o padrão do Reino de Deus. Esse não é um padrão que pode ser formulado em termos de código legal, pois vai além do ato, busca a intenção. O adultério, perante a lei, é pecado. Jesus afirma: “Se houver lascívia em seu coração, diante de Deus, você permanece como pecador culpado que precisa do perdão dele”.

Ousamos ser honestos com a Palavra de Deus? E provável que poucos dos que lerão estas palavras sejam condenados como adúlteros no sentido estrito da palavra. Mas o Reino de Deus não pára no aspecto exterior; ele penetra em nossos pensamentos e fantasias, nos propósitos da mente e do coração. Ele chega até a própria essência de nosso ser. Jesus afirma que se há concupiscência, se você olhar para uma mulher com desejo, diante de Deus, você é pecador. Justiça e pureza sexual começam no coração.

Como esse versículo é atual! Em uma época em que o pecado é exaltado, exibido, em que nossos hábitos sociais empurram a tentação sobre nós, precisamos voltar aos antigos padrões bíblicos de justiça e pureza.

Estas palavras enfatizam a necessidade imperativa de um coração puro: “Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ser todo ele lançado no inferno” (v. 29). E muito importante observar que esse versículo e os imediatamente posteriores não têm a menor possibilidade de ser interpretados com literalismo rígido. Não se pode satisfazer a justiça do sermão do monte com o simples cumprimento do sentido exterior de seu ensino. Suponha que seu olho sempre o leve a

pecar, você lê esse versículo e pensa: “Estou determinado a resolver esse problema. A Bíblia diz que se meu olho me faz tropeçar, devo arrancá-lo”. E num rompante de determinação você enfia um pau pontiagudo em seu olho e o destrói. Seu problema está resolvido? Assim você se livra do pecado da lascívia? Você sentirá muita dor e sofrimento, mas seu problema real permanece, pois o pecado se aloja no coração, não no olho.

A mesma coisa é verdadeira no versículo seguinte. “E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora. E melhor perder uma parte do seu corpo do que ir todo ele para o inferno” (v. 30). Suponha que sua mão sempre o leva a pecar pela sua mão, você lê esse versículo e pensa: “Eis a solução para meu pecado. Cortarei fora a minha mão e não pecarei mais”. Isso resolve o problema? O problema não está em sua mão, mas em seu coração, em sua mente.

Então o que nosso Senhor quer dizer? Se não devemos tomar as palavras dele no sentido literal, como devemos entendê-las? Elas querem dizer que se a lascívia é um pecado persistente, faça o que for necessário para achar a solução para o problema, independentemente de qual seja o custo para isso. Se tirar seu olho resolver o problema, faça isso. Se cortar fora a sua mão resolver o problema, faça isso. Faça o que você precisa fazer. Não brinque com o pecado, não brinque com a tentação, ou eles o destruirão.

E óbvio que aqui, mais uma vez, há um padrão de retidão que transcende o nível do alcance humano. Quem está livre de ficar zangado? Quem é puro e está livre de desejos carnais? Essas palavras, fora do contexto, apenas nos condenam à perdição. Nenhum homem em nenhuma dispensação pode cumpri-las. Contudo, é a justiça que o Reino de Deus exige; é a justiça que Deus exige de nós; ele precisa nos conceder essa justiça ou estamos perdidos. A única vida que pode ser pura é a que conhece o poder do Reino de Deus, o governo dele. Além do mais, apenas aqueles em quem Deus exerce seu governo agora entrarão em seu Reino futuro. Dizer isso, à parte da graça de Deus, não é salvação, mas condenação.

Precisamos observar os versículos 31 e 32. “Foi dito: Aquele que se divorciar de sua mulher deverá dar-lhe certidão de divórcio’.

90

Mas eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério”. Eis um ensino que contraria nossas praxes modernas. Hoje, o divórcio e segundo o casamento são assuntos comuns. Os padrões de moralidade marital, muitas vezes, são determinados por conveniência, não pela Palavra de Deus. Esse padrão não-bíblico permeia toda nossa cultura. Quantas vezes um homem, ou mulher, põe de lado seu cônjuge porque se cansou dela ou encontrou uma nova paixão. Essa conduta está quase se tornando uma moda moderna. A Palavra de Deus afirma que isso é pecado.

Jesus disse que há apenas uma razão para o divórcio. Quando uma das partes é infiel e quebra o voto do casamento, à vista de Deus, o elo do casamento está partido. O Antigo Testamento condenava o adultério com pena de morte (Lv 20.10). O Novo Testamento diz que se deve considerar que a adúltera morreu, e a parte inocente é liberada dos votos matrimoniais como se o cônjuge tivesse morrido. Todavia, o divórcio com a finalidade de casar com outra pessoa é pecado, pois tem origem na lascívia. Nossa geração precisa retornar ao padrão bíblico de pureza no relacionamento entre os sexos a fim de fundamentar uma vida familiar estável. Essa justiça que pertence ao Reino de Deus.

Em seguida, deparamo-nos com a lei da honestidade. "Vocês também ouviram o que foi dito aos seus antepassados: 'Não jure falsamente, mas cumpra os juramentos que você fez diante do Senhor'. Mas eu lhes digo: Não jurem de forma alguma: nem pelos céus, porque é o trono de Deus, nem pela terra, porque é o estrado de seus pés, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. E não jure pela sua cabeça, pois você não pode tornar branco ou preto nem um fio de cabelo. Seja o seu 'sim', 'sim', e o seu 'não', 'não'; o que passar disso vem do Maligno" (Mt 5.33-37).

É possível entender de forma superficial esses versículos em uma interpretação literal do texto e deixar de perceber totalmente o sentido. Algumas pessoas acham que satisfazem o ensino da passagem quando não fazem juramento numa corte legal. No entanto, o contexto desse ensinamento não diz respeito ao juramento for-

mal feito no procedimento legal moderno. O cenário a que as palavras de nosso Senhor se referem é bem distinto. O judeu da An-tigiiidade sempre estava disposto a jurar como prova de sua pretensa boa vontade e fidelidade. Para a mente judaica, muitos objetos possuíam diferentes graus de santidade, e um juramento valia só até o grau em que o objeto usado no juramento era considerado santo. Assim, de acordo com a tradição dos mestres da lei, um homem podia se comprometer com uma série de juramentos e, assim mesmo, violar sua palavra sem culpa. A casuística judaica alcançou seu ponto máximo na discussão dos mestres da lei sobre a validade de vários juramentos. Isso transformava a ética básica da honestidade em uma piada. Essa situação histórica é o pano de fundo para o ensino de nosso Senhor. Jesus declarou: "Não jurem [...] nem pelos céus, [...] nem pela terra, [...] nem por Jerusalém, [...] nem pela sua cabeça". Essas e muitas outras coisas eram usadas em juramentos.

O sentido que nosso Senhor transmite é este: se você precisa lazer um juramento para que confiem em sua palavra, esse próprio lino o condena como pecador. O homem que conhece a justiça do Reino de Deus não precisa de um juramento algum. Sua simples palavra é válida.

Como é atual esse ensinamento antigo. Sua relevância não se encontra na questão do juramento formal de processos legais. Um homem meticuloso em observar o texto de seus contratos pode encontrar um modo de contornar o texto e conseguir uma vantagem mj nsta de seu rival, ele se orgulha de sua sagacidade. Ele deixa que o nutro seja bastante astuto para se proteger contra a possibilidade ilessa brecha do texto! A justiça do Reino de Deus corta direto essa 11 ipocrisia superficial. Que sua palavra seja seu juramento. Quando você diz que fará algo, que seu vizinho possa confiar em suapala-vi .i, tanto no espírito como no texto de sua promessa. Essa é a lei • l.i honestidade.

Como a justiça do Reino — a lei da honestidade — testa nossa nica comercial! Em nossa sociedade competitiva, muitas vezes, os (t ist aos usam padrões do mundo na conduta de seus negócios em

vez de usar os padrões do Reino de Deus! Pelo modo como alguns cristãos se conduzem em seus relacionamentos profissionais, jamais se imaginaria que eles entendem a justiça de Deus. Deus quer que testemunhemos com nossos lábios; mas mais importante ainda é o que somos e como vivemos. "Se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus".

Consideremos mais uma ilustração da justiça do Reino: a lei do amor. "Vocês ouviram o que foi dito: 'Olho por olho e dente por dente'. Mas eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra. E se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a túnica, deixe que leve também a capa. Se alguém o forçar a caminhar com ele uma milha, vá com ele duas. Dê a quem lhe pede, e não volte as costas àquele que deseja pedir-lhe algo emprestado" (w. 38-42).

Esse ensino é uma pedra de tropeço para muitos. Como é que temos a

possibilidade de aplicar o sermão no monte neste mundo perverso e viver por seus padrões? Se alguém interpreta essas palavras ao pé da letra, com certeza, não pode conduzir um empreendimento comercial nem proteger seus próprios interesses. Recentemente, passei por uma pequena vila da Nova Inglaterra em que morei quando era menino, parei em uma das duas casas comerciais para ver um homem de quem lembrava de minha meninice. Seu nome estava na placa acima da porta, mas a porta estava trancada e dentro tudo estava uma confusão. Parei na outra casa comercial da rua e perguntei: "O que aconteceu com John X? Por que sua loja está trancada?". Disseram-me que John fora bondoso e generoso demais. Ele confiava em todo mundo. Ele deu crédito tão ilimitado que foi à bancarrota. Teve de deixar o comércio por causa das dívidas.

Não é isso que o sermão do monte nos diz para fazer? Se o obedecéssemos ao pé da letra, esse seria o resultado inevitável usual. Se as nações ocidentais praticassem a não-resistência ao pé da letra e liquidassem todos os recursos militares, logo nos veriamos sob a tirania mundial do comunismo. No entanto, já constatamos que,



.'is vezes, nosso Senhor usa metáforas radicais que não têm o propósi-io de ser seguidas rigidamente ao pé da letra. Jesus preocupava-se com a condição do coração, com a atitude interior da mente.

Junto com o que é dito nessa passagem há alguns outros princípios que nunca foram anulados. Paulo, sob inspiração do Espírito, insiste no princípio da lei e da ordem. Em Romanos 13.4,5, ele .ilirma que os procedimentos judiciais são de origem divina. E mais, nosso Senhor mesmo não cumpriu estritamente ao pé da letra o lexto desse versículo. Emjoão 18.19ss., o sumo sacerdote pergun-i.i a Jesus sobre seu ensinamento, e ele responde: “Eu falei abertamente ao mundo; sempre ensinei nas sinagogas e no templo, onde iodos os judeus se reúnem. Nada disse em segredo. Por que me interrogas?” Um dos guardas que estava

perto bateu-lhe no rosto com a mao e disse: “Isso é jeito de responder ao sumo sacerdote?”. |esus não voltou a outra face; ele repreendeu seu agressor com estas palavras: “Se eu falei algo de mal, denuncie o mal. Mas se falei a verdade, por que me bateu?” (v. 23).

Precisamos, portanto, olhar além do texto desse ensino para descobrir seu sentido. Além disso, a reflexão há de mostrar que seria possível cumprir o texto desse ensino e, assim mesmo, deixar escapar totalmente o sentido verdadeiro do que o Senhor pretendei i dizer. Você já ouviu sobre o pacifista que cria em não-resistên-(ia lísica. Certo dia, ele e um amigo desciam a rua, quando o pacifista entrou em uma discussão com um terceiro homem, o que levou a uma briga. Seu oponente bateu-lhe no rosto, e o pacifista voltou literalmente a outra face e recebeu outro murro. Com isso, ele virou e saiu andando. O amigo disse-lhe: “Não sei como você pode exercer tão magnífico autocontrole para deixar que lhe batesse duas vezes. Como você consegue?”. O pacifista disse: “Voltei a i a ti ra face, mas você não viu como eu fervia por dentro”. O que ele <|iicria mesmo fazer era devolver tapa por tapa. Ele não conhecia o senso de justiça que professava.

Bem, não sejamos mal-entendidos. Há muitas situações em que ,i pessoa cumpre o próprio texto desse ensino. É muito possível i|ite o contexto dessa passagem apareça em algum dito anterior de

 nosso Senhor: “Bem-aventurados os perseguidos *por causa da justiça”* (Mt 5.10; grifo do autor). Há momentos em que os homens o perseguirão por você ser um seguidor do Senhor Jesus (e observe que a ênfase original de Mt 5.10,11 está na perseguição verbal, não na violência física). Você enfrentará oposição; e, às vezes, sofrerá ofensa física por ser discípulo de Jesus Cristo. Isso não acontece com freqüência nos países, chamados, cristãos; mas em outras terras, os cristãos ainda sofrem perseguição física. Quando um seguidor de Jesus enfrenta perseguição por ser seu discípulo, ele nunca revida. Um amigo missionário escreveu que recentemente mandara fazer uma ponte dentária cara. Certo dia, ele, enquanto distribuía literatura cristã, foi confrontado por uma multidão raivosa que o ameaçava com violência corporal. Seu primeiro pensamento foi: *devo proteger minha nova ponte dentária?* Ele não estava preocupado em revidar, mas com seu investimento financeiro. Daí, ele concluiu: “Não, deixo isso com o Senhor”; e escolheu o caminho da não-resistência. Incidentalmente, ele não perdeu sua ponte.

Na verdade, há ocasiões como essa em que a pessoa cumpre o texto da lei do amor. Mas esse não é o único elemento nem mesmo o elemento mais importante dessa passagem; pois a justiça sobre a qual nosso Senhor fala é a justiça do coração. A justiça do Reino de Deus exige uma atitude de coração que não é motivada por preocupações egoístas, que não exige nem mesmo os direitos legítimos da pessoa. Nosso Senhor busca a total libertação de qualquer espírito de vingança pessoal. Qual é sua reação quando alguém lhe faz mal, quando alguém fala mal de você, quando alguém o ofende? A reação do homem natural, a reação do homem moral, até mesmo do homem religioso é revidar e acertar as contas. Essa não é a justiça do Reino de Deus. A justiça de Deus manifesta-se na atitude de coração motivada pelo amor para com a pessoa que lhe fez mal e que não tem motivação de vingança pessoal.

As ilustrações que nosso Senhor nos fornece são exemplos radicais de expressão de amor. Esse amor se estende até mesmo aos nossos inimigos. “Vocês ouviram o que foi dito: Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo’. Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos”

(w. 43,44). Sim, amem seus inimigos; e não apenas seus amigos ou seus bons vizinhos, ou aqueles que sao neutros em relação a você; amem aqueles que o tratam mal. Amem aqueles que deliberada-mente lhe fazem mal. Esse é o teste supremo do caráter cristão. Observo situações em que pessoas da igreja de Deus não praticam esse princípio uns com os outros. Já testemunhei amargura, rancor, animosidade, hostilidade e antagonismo em meio ao povo de Deus. Isso é uma negação de nosso verdadeiro caráter. Jesus ensina que sua atitude, suas ações precisam sempre ser motivadas pelo amor. Isenção total de espírito de vingança e de autodefesa, devolver amor por ódio, bondade por mal — essa é a justiça do Reino de Deus.

Esse amor, em princípio, não é um sentimento nem uma emoção; é interesse altruísta em ação. O amor busca o melhor bem-estar dos objetos de seu interesse. Primeira Coríntios 13 é o retrato clássico de amor cristão; passagem em que Paulo ao descrever o que *é o* amor, conta-nos como o amor *opera.* “O amor é paciente, o amor é bondoso.” O amor é benevolência em ação. Amor é a expressão da preocupação. Sabemos de outros ensinamentos da Palavra de Deus que o amor, às vezes, pode castigar e disciplinar. “O Senhor disciplina a quem ama” (Hb 12.6). Amor não quer dizer o abandono da justiça e do direito; nem é benevolência sentimental que não tem a capacidade de sentir ira santa. O problema humano está na dificuldade — ou incapacidade — de separar os

elementos de ressentimento pessoal e vingança egoísta do que é ira santa.

O ensino de nosso Senhor tem que ver com a origem da reação pessoal e do caráter da pessoa. O amor busca o melhor bem-estar até mesmo dos inimigos. Pode retribuir uma maldição com uma bênção. Pode retribuir violência com gentileza. Pode recompensar um erro com benignidade. O amor age desse modo porque não é motivado pelo espírito de vingança, mas de preocupação pelo outro. Pssa é a justiça do Reino de Deus.

Encontramos a manifestação suprema dessa lei do amor no perdão. Jesus ensinou-nos a orar: "Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores" (Mt 6.12). Você pode verdadeiramente perdoar uma pessoa só quando age em amor. Se você

96 não a olha com amor, não perdoa realmente, mesmo que profesi isso.

Talvez alguém diga: "Esse pedido não é uma oração cristã, uma negociação com Deus. Pedimos a Deus que nos perdoe **n«** medida e grau em que perdoamos os outros. Isso reflete a justiçíl legal, não a justiça da graça pela fé. Os cristãos oram: 'Perdoe-nol livremente em nome de Cristo'".

Ponderemos tudo isso. Se a justiça do Reino de Deus é **dí** obras humanas, precisamos, de pronto, admitir que a oração não S6 aplica a ninguém. A natureza humana não perdoa assim. Não importa que dispensação examine, você não encontra natureza humana nao-regenerada que produza conduta semelhante à exigida no sermão do monte. Se esse versículo baseia-se em fundamento legalista, então qualquer pessoa que tente viver por ele está condenada. Precisamos do perdão *perfeito;* e não é da natureza humana perdoar dessa maneira.

A Palavra de Deus possui uma forma de se explicar. Em Mateus 18, nosso Senhor explica o que quer dizer esse perdão. Pedro preocupara-se com o ensino de Jesus sobre o perdão. Como alguém podia perdoar de forma tão absoluta? Por fim, ele pergunta a Jesus: "Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?" (v. 21). Ora, sete vezes não é um número muito grande, certo? Mas consideremos essa situação. Se alguém nos ofende do mesmo modo sete vezes seguidas, honestamente, será que podemos perdoar o mesmo insulto sete vezes? Não é uma ofensa trivial.

Ouça o que nosso Senhor diz: "Eu lhe digo: Não até sete, mas até setenta vezes

sete” (v. 22). Setenta vezes sete? Quantas vezes é isso? Quatrocentas e noventa vezes. Suponha que alguém o chame de um nome desprezível quatrocentas e noventa vezes seguidas. Todos os dias, às 9:30 horas da manhã, um companheiro de trabalho que o detesta chega no seu escritório, põe-se na frente de sua mesa e o amaldiçoa, quatrocentos e noventa dias. São quase dois *anos* de dias úteis. Você poderia perdoá-lo? Você quereria perdoá-lo? Só um coração cheio com a graça de Deus poderia perdoar assim.



Jesus ilustrou a qualidade de perdão exigida pelo Reino de Deus por meio de uma parábola. “Por isso, o Reino dos céus é como um rei que desejava acertar contas com seus servos. Quando começou i > acerto, foi trazido à sua presença um que lhe devia uma enorme quantidade de prata.” Em termos modernos, isso seria, mais ou menos, dez milhões de dólares. Eis um homem em uma situação desesperadora. O montante de sua dívida era tão grande que ele não tinha esperança nenhuma de poder arrumar sua vida e quitá-la. Fie estava falido. “Como não tinha condições de pagar, o senhor ordenou que ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que ele possuía (ossem vendidos para pagar a dívida” (v. 25). Esse era o método .intigo de se lidar com os devedores. Falência não representava apenas a liquidação de todos os recursos comerciais; incluía a

liquidação de todos os recursos e propriedades pessoais; além disso, a mulher, **os** filhos e o próprio devedor eram vendidos como escravos para que o credor pudesse realizar todo ativo possível a fim de cobrir a dívida.

"O servo prostrou-se diante dele e lhe implorou: 'Tem paciência comigo, e eu te pagarei tudo"' (v. 26). O devedor implorou por misericórdia e perdão, e embora soubesse que nunca podería pagar a dívida, prometeu fazer isso. "O senhor daquele servo teve compaixão dele, cancelou a dívida e o deixou ir."

"Mas quando aquele mesmo servo saiu, ele encontrou um de seus conservos que lhe devia cem *denários*." Cem *denários* equivale a vi nte dólares. Embora, naquela época, fosse uma soma substancial de dinheiro, era uma quantia possível de ser quitada em algum tempo.

1)ez milhões de dólares de dívida, vinte dólares de crédito. Ele acabara de ser perdoado dessa dívida inacreditável de dez milhões de dólares; a seguir, encontrou-se um conservo que lhe devia meros vinte dólares. "Agarrou-o e começou a sufocá-lo, dizendo: 'Pague-me o que me deve!' Então o seu conservo caiu de joelhos e implorou-lhe: 'Tenha paciência comigo, e eu lhe pagarei'. Ele recusou e mandou colocá-lo na prisão até que pagasse a dívida (w. 28-30).

A notícia de seu espírito implacável chegou aos ouvidos de seu mestre. "Então o senhor chamou o servo e disse: 'Servo mau, can-

 celei toda a sua dívida porque você me implorou. Você não deviftl ter tido misericórdia do seu conservo como eu tive de você?' Irado, j seu senhor entregou-o aos torturadores, até que pagasse tudo o que] devia" (w. 32-34). A seguir, nosso Senhor acrescenta estas palavras] sérias: "Assim também lhes fará meu Pai celestial, se cada um de | vocês não perdoar de coração a seu irmão" (v. 35).

Sim, nós oramos: "Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores". Observe uma coisa nessa parábola' sobre o perdão. O perdão de Deus precede e condiciona o perdão que concedo ao meu irmão. A lição da parábola está nesse fato. 0 perdão humano deve se fundamentar no perdão divino e ser motivado por ele. Minha disposição para perdoar é a medida da realidade de minha confissão de que fui perdoado. Se anuncio que o Senhor perdoou a dívida de vinte milhões de dólares de meu pecado, porém, não perdoo uma ofensa relativamente trivial de vinte dólares de um irmão contra a

minha pessoa, transformo minha confissão dã fé cristã em piada. Não há realidade em uma religião que se contradiz. Sim, *precisamos* orar: perdoa-nos assim como perdoamos.

Essa é a lei do amor; esse é o evangelho do Reino. A justiça do Reino é uma justiça que apenas Deus pode conceder. Pureza perfeita, honestidade perfeita, amor perfeito, perdão perfeito: existe algum homem que em alguma dispensação que pode ter uma vida assim? Se a justiça do Reino é o padrão que preciso alcançar com minha própria capacidade, estou condenado *para sempre* e impedido de entrar no Reino de Deus. Ninguém, nem judeu nem gentio, pode por mérito humano alcançar o padrão do sermão do monte. A justiça que o reino de Deus exige, o Reino de Deus precisa conceder. Ela é alcançada pela graça, ou estou perdido. A própria ilustração de perdão do Senhor mostra que essa é uma ordem divina. Só posso realmente perdoar à medida que conheço o perdão de Deus. Manifesto a vida do Reino apenas à medida que a vivencio. Mas como já vimos nos estudos anteriores, o Reino de Deus já entrou na presente era perversa e podemos vivenciar a vida e a justiça dele.

A justiça do sermão do monte é a justiça do homem que já vivenciou o Reino de Deus em sua vida. Esse é o padrão pelo qual o discípulo do Senhor Jesus deve viver. Ele alcança esse padrão na medida em que vivenciou o governo soberano de Deus em sua vida. Ele deve buscar uma experiência que está totalmente sob o (ornando divino. O início dessa experiência se encontra no novo nascimento. Jesus disse a Nicodemos: “Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo” (Jo 3.3). Quando uma pessoa se submete ao reino de Deus, o milagre do novo nascimento ocorre em seu coração. O Espírito Santo cria nova vida. O servo do governo de Deus, como nova criatura, vivência um grau real e evidente da justiça do Reino de Deus nesta era perversa. O sermão do monte não afirma isso, mas presume-se isso nele. A justiça do Reino é uma 111 anifestação da vida do Reino. Da mesma forma que a plenitude de vida, que pertence à era por vir, tornou-se uma bênção atual, também a justiça do Reino, pertencente à era por vir, foi conferida aos filhos do Reino por intermédio de Cristo e do Espírito Santo.

Capítulo VII

A exigência do Reino

O Reino *de Deus oferece* bênçã*os* divinas aos homens — as bênçãos da era por vir. Por isso, dedicamos nosso estudo à exposição dessas bênçãos. Nosso Senhor iniciou seu ministério com a proclamação: "O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas". Já constatamos que o Reino de Deus é o reino redentor de Deus. E a conquista de Deus sobre seus inimigos por intermédio da pessoa de Cristo: o pecado, Satanás, e a morte. O Reino de Deus manifesta-se em vários grandes atos. Na segunda vinda de Cristo, o Reino dele aparecerá em poder e glória. Mas esse glorioso Reino de Deus que se manifestará no retorno de Cristo já entrou na história, mas sem a glória exterior. O futuro invadiu o presente. O Reino de Deus, que ainda está por vir em poder e em glória, já chegou de forma secreta e oculta para operar entre os homens e neles. O poder do Reino de Deus, que na era por vir varrerá da face da terra o mal e toda a sua influência, já está entre os homens na presente era perversa para livrá-los do poder do pecado, da servidão a Satanás e da escravidão e medo da morte. A vida do Reino de Deus a ser realizada em sua plenitude quando Cristo vier, quando nosso corpo for redimido —, essa vida do Reino futuro alcançou o presente para que os homens possam nascer de novo agora e entrar no Reino de Deus, na esfera do domínio dele, na esfera das bênçãos dele. O Espírito Santo, que, um dia, transformar-nos-á totalmente para que nos tornemos semelhantes ao Senhor Jesus

Cristo em seu corpo glorificado, veio a nós antes da chegada dfl nova era a fim de habitar em nosso coração, a fim de nos concedei* aqui e agora, a vida do Reino para que possamos desfrutar de co* munhao com Deus. Amanhã está aqui hoje. O futuro já começou. Provamos a vida, os poderes e as bênçãos da era por vir.

Permanece a pergunta: como alguém ingressa nessa experiência? Que exigência o Reino de Deus nos faz? Como se alcança a justiça do Reino? Como a pessoa alcança a habitação do Espírito de Deus que confere a vida da era por vir?

A Palavra de Deus apresenta-nos uma resposta muito simples. Na verdade, a própria simplicidade dela envolve uma dificuldade profunda. Embora a resposta seja simples, não obstante, ela penetra nas profundezas de nosso ser. Paulo escreve para os romanos: *"Se você* confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo"

(Rm 10.9). Paulo disse para o carcereiro, em Filipos: “Creia no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa” (At 16.31). O quarto evangelho reitera, diversas vezes, o objetivo do livro: “Estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em seu nome” (Jo 20.31).

Será que para entrar no Reino dos céus basta dizer com nossos lábios o nome de Jesus e fazer uma confissão verbal? A bênção da vida é recebida pela fé na ressurreição e divindade de Cristo? Um credo pode salvar-me? Pronunciar estas três palavras: “Jesus é Senhor” concede-me vida? O que representa confessar Jesus como Senhor? — crer no Senhor Jesus? Encontramos a resposta na exigência do Reino de Deus. O Reino faz uma exigência fundamental: a exigência de decisão. Agora, em Cristo, o Reino confronta-nos. Agora, a vida da era por vir está diante de nós. Aquele que amanhã será o Juiz de todos os homens já entrou na história. Ele nos desfia com uma exigência: decisão. Bultmann está certo quando diz que Jesus proclamou a proximidade de Deus como o Requerente. A mensagem de Jesus é: “Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo” (Mt 4.17). O sentido básico de “arrependimento” é mudar tie atitude, inverter o curso da vida, mudar toda a direção da ação, voltar-se e abraçar o Reino de Deus com decisão.

A vida é feita de decisões. O curso da vida de todo homem *é* determinado por suas decisões. Pode-se dizer que a diferença entre o sucesso de dois homens que são dotados de talento igual é determinada pela maneira como tomam decisões. A adequação das decisões da pessoa, a inteligência com que são tomadas e a capacidade, uma vez que se toma uma boa decisão, de permanecer nela e prosseguir para o próximo importante passo, muitas vezes, determina a medida de sucesso ou fracasso. Algumas pessoas passam pela vida vacilantes, *oscilantes*, inseguras de si mesmas, sem conseguir jamais dizer um decidido “sim” ou “não”. Estas são pessoas que nunca realizam nada que vale a pena nem para si mesmos nem para seus próximos, mas que dissipam a vida e a energia em conflito interior e indecisão.

A essência do arrependimento é a decisão que determina a qualidade da vida presente e do destino futuro.

Quando Jesus estava para deixar a Galiléia pela última vez, ele mandou setenta discípulos para pregar o evangelho do Reino por todas as cidades e vilas. Esta é a incumbência que determinou para seus emissários: “Curem os doentes que ali

houver e digam-lhes: [l]O Reino de Deus está próximo de vocês'" (Lc 10.9). O Reino de Deus foi a essas vilas na pessoa dos emissários de nosso Senhor. Esses pregadores pareciam ser pessoas comuns, pescadores galileus, mas eram portadores do Reino de Deus. Como reagiram os habitantes dessas cidades? Eles podiam receber bem os emissários de Cristo e, assim, receber o próprio Reino ou podiam escolher rejeitá-lo. Contudo, essa rejeição seria uma coisa terrível. "Mas quando entrarem numa cidade e não forem bem recebidos, saiam por suas ruas e digam: Até o pó da sua cidade, que se apegou aos nossos pés, sacudimos contra vocês. Fiquem certos disto: o Reino de Deus está próximo. Eu lhes digo: Naquele dia haverá mais tolerância para Sodoma do que para aquela cidade" —, pois ela recusara o Reino de Deus (w. 10-12).

A exigência básica do Reino é uma resposta da vontade do homem. Os homens precisam recebê-lo. Precisam se entregar a ele. **O** Reino de Deus não pede que encontremos em nós mesmos **ã** justiça que ele exige; Deus nos concederá a justiça de seu Reino. O Reino de Deus não nos pede para criarmos a vida que ele exige, o Reino de Deus nos concederá essa vida. O Reino de Deus não estabelece um padrão e diz: "Quando alcançar esse padrão de retidão, você pode entrar no Reino". O Reino de Deus faz uma exigência: arrependa-se! Volte-se! Decida! Receba o Reino, pois quando o recebe, você recebe a vida dele, você recebe a bênção dele, você recebe o destino reservado àqueles que o abraçam.

Â medida que estudamos, no ensino de nosso Senhor, essa exigência de tomar uma decisão, percebemos que não se pode tomar essa decisão de forma leviana. Jesus exige uma decisão *firme* por parte dos homens. Lucas 9.57 demonstra isso: "Quando andavam pelo caminho, um homem lhe disse: 'Eu te seguirei por onde quer que fores'". Eis um homem que parecia estar pronto a tomar a decisão de seguir Cristo. Jesus diz em resposta: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça" (v. 58). Jesus desafiou a seriedade da decisão. Você sabe o que sua decisão envolve? Você está disposto a tornar-se um discípulo de alguém que não tem casa, que não tem posição e nenhum prestígio? Você pensou bem nisso? Já considerou as implicações? Jesus exige uma decisão firme, uma decisão inteligente, não uma tomada de forma leviana.

Jesus, mais uma vez, diz a outro: "'Siga-me'. Mas o homem respondeu: 'Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai'" (Lc 9.59). Aqui está um homem que professa disposição para tomar a decisão, mas tem algo mais para fazer antes. "Sim, quero segui-lo, mas espere um pouquinho. Tenho uma solicitação anterior.

Deixe-me primeiro cuidar dela, depois o seguirei. Tenho boas intenções, dê-me apenas um tempinho". Todavia, Jesus responde com palavras que parecem duras se consideradas fora do contexto. "Deixe aqueles que são espiritualmente mortos enterrarem aqueles que estão fisicamente mortos"; essa é minha interpretação do versículo.

"Deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos; você, porém, vá e proclame o Reino de Deus" (v. 60). O Reino de Deus exige decisão imediata, urgente. Quando a petição vem a você, não pode brincar com ela. Talvez você pense; primeiro, tenho de viver a minha vida. Primeiro, tenho uma carreira a seguir. Tenho planos importantes para meu futuro que preciso realizar antes. Tenho obrigações de que preciso me desincumbir primeiro. Não! Jesus disse que precisa haver decisão imediata, firme e incondicional.

Mais uma vez, outro disse: "Vou seguir-te, Senhor". Sim, reconheço que devo abraçar o Reino de Deus, que devo me tornar discípulo; "mas deixe-me primeiro voltar e despedir-me da minha família" (Lc 9.61). Aparentemente, é um pedido razoável. Se um homem deixa sua casa para devotar a vida ao discipulado a Jesus é conveniente e apropriado que se despeça de sua família.
Todavia, precisamos interpretar a fala de Jesus em seu contexto. Jesus diz ao homem: "Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus" (v. 62). Aqui está um homem que professa estar disposto a tomar uma decisão, mas reluta. Jesus afirma: que não há espaço para relutância. Se você responde ao Reino de Deus e suas reivindicações sobre sua vida não pode haver hesitação, nada de olhar para trás. A pessoa não pode tentar conservar o que deixou para n as. Não pode se apegar ao passado. A pessoa não pode ter nenhuma incerteza quanto a estar preparada a percorrer todo o caminho. "Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus." O Reino de Deus exige decisão firme, decisão irrevogável, decisão definida.

Além disso, o Reino exige decisão *radical.* Algumas decisões são fáceis de tomar e exigem pouco esforço; todavia, a decisão a (avor do Reino de Deus, com freqüência, é difícil e requer grande força de vontade. Jesus declarou: "Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos céus é tomado à força, e os que usam de força se apoderam dele" (Mt 11.12). Esse pronunciamento já recebeu diversas interpretações, mas podemos seguir a de Lucas. "A Lei e os Profetas profetizaram até João. Desse tempo em diante estão sendo pregadas as boas novas do Reino de Deus, e todos tentam forçar sua

entrada nele" (Lc 16.16). O Reino exige uma resposta tão radical quí* pode ser descrita em termos de violência e força.

Como devemos entender essas palavras? Que tem que ver **vio**lência com receber o Reino de Deus? Nosso Senhor mesmo ilus* \ trou essa exigência mais de uma vez. "E se o seu olho o fizer tropeçar, arranque-o. E melhor entrar no reino de Deus com um só olho **do** que, tendo os dois olhos, ser lançado no inferno" (Mc 9.47; **veja** também w. 43-46). Aqui há mesmo violência: o arrancar de um olho, o cortar de uma mão ou pé, a fim de entrar no Reino **de 1** Deus.

"Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada" (Mt 10.34). A espada é instrumento de violência. Às vezes, a decisão em favor do Reino é uma espada que trespassa as outras relações, trazendo dor e sofrimento. Na verdade, "Se alguém vem a mim e não aborrecer o seu pai, e mãe, e mulher [...] não pode ser meu discípulo" (Lc 14.26, ARA). Aborrecer: essa é uma palavra de violência.

"Esforcem-se para entrar pela porta estreita" (Lc 13.24). Apa-lavra grega é um termo forte do qual se deriva o verbo "esforçar-se", cujo sentido é "forçar cada nervo". É o termo usual para descrever o conflito físico em jogos atléticos. Aqui, mais uma vez, está presente violência, luta, esforço intenso.

Toda essa linguagem metafórica descreve o caráter radical da **de**cisão exigida pelo Reino de Deus. O homem moderno, em geral, *é* bastante descuidado em relação a sua religião. Ele, com frequência, empreende medidas radicais na busca de riqueza, sucesso, poder, mas não está disposto a se comover intimamente em relação aos interesses de sua alma. Jesus afirma que esse tipo de homem não pode conhecer a vida do Reino. Esta exige uma resposta, uma decisão radical, uma recepção entusiástica. O nominalismo é a maldição do cristianismo ocidental moderno. Os discípulos de Jesus precisam ser radicais em seu arrebatamento incondicional pela vida do Reino **de** Deus.

A decisão que o Reino de Deus exige também é *cara.* Um jovem rico pergunta a Jesus: "Mestre, que farei de bom para ter a vida

eterna?" (Mt 19.16). Poucos homens, em seus momentos mais sérios, não se fazem essa pergunta. Há fome por vida no interior do coração humano. Essa vida, conforme prova o versículo 23, é a vida do Reino de Deus. É a questão da salvação (v. 25). Esse jovem expressa o desejo profundo que todos os homens

possuem — o desejo de encontrar vida, vida eterna, em uma esfera além desta existência terrena, confinada por pecado e morte.

Jesus, depois de verificar sua sinceridade, defronta-o com a questão fundamental: decisão. "Venha e siga-me" (v. 21). Eis a questão. Meia volta! Deixe sua vida antiga. Receba o Reino. Siga-me!

Nesse *caso,* a decisão nao *é* uma questão simples nem fácil, pois envolve um alto preço. Não há registro de que Jesus tenha dito a outra pessoa o que disse a esse jovem. Ele examinou o coração do jovem e compreendeu o que o impedia de tomar a decisão. O jovem era rico; e Jesus percebeu que ele estava preso à sua riqueza. 1'or isso, Jesus afirma: "A decisão pelo Reino de Deus precisa ser incondicional. Sua riqueza impede seu caminho. Portanto, vá e venda tudo que tem, então você ficará livre para me seguir".

Que fique claro, o ato de liquidar a riqueza, em si mesmo, não transformaria esse jovem em discípulo. O discipulado, a decisão, está contido na exigência: "Siga-me". O homem poderia ficar pobre, mas se não seguisse Jesus ainda permanecería fora do Reino. Abrir mão da riqueza não é, em si mesmo, discipulado, mas no c aso do jovem rico era o prelúdio necessário ao discipulado. Jesus exigia a remoção de uma barreira. Qualquer coisa, quer riqueza, quer carreira, quer família, que se interpõe no caminho, ou na decisão, precisa se sujeitar diante das reivindicações do Reino de Deus.

Jesus não estabeleceu nenhuma exigência universal de pobreza para os homens. No sermão do monte, a preocupação do Senhor contra o a *cúmulo* de riqueza na terra (Mt 6,19) não é persuadir os 11 c > mens a ser pobres, mas livrá-los da falsa segurança fornecida pela riqueza. Os homens acham que o acúmulo de riqueza os livra da ansiedade. Jesus afirma que eles, com o acúmulo de riquezas, apenas acrescentam outras ansiedades envolvidas com o medo de per-

der a riqueza. A pobreza, em si mesma, não é uma virtude. Jesus exige decisão, submissão a Deus e seu Reino. A riqueza é perniciosa quando atrapalha essa decisão. Por isso, Jesus diz: "Jovem, você tem uma barreira. Você ama sua riqueza e todos os confortos e boas coisas que ela traz. Ela exige seu afeto. Esse afeto precisa dar lugar a uma lealdade mais alta — a lealdade ao Reino de Deus."

Isso permanece uma verdade. A exigência do Reino ainda é uma decisão pela

qual se paga um alto preço. Se a riqueza, a posição, a influência ou a ambição requerem a lealdade do homem para que sua vida seja guiada para a realização dos fins pessoais, quer materiais quer sociais, em vez da glória de Deus, a vida do homem deve ter um novo centro de orientação. Todos os outros interesses devem ser secundários e estar subjugados ao governo de Deus. A questão relaciona-se fundamentalmente com a vontade do homem e com os objetivos aos quais escolhe servir.

Conheço jovens que pareciam prometer ser grandes cristãos e foram possuídos por forte ambição pessoal. Estabeleceu-se uma luta entre as exigências de Deus e a ambição, e a escolha foi feita. Quando a escolha é pelo avanço pessoal em vez de pelo Reino de Deus, o amor pelas coisas de Deus murchou.

O apóstolo Paulo ilustra belamente a atitude correta do discípulo de Jesus em relação às bênçãos materiais. Paulo fora resgatado "do domínio das trevas e [...] transport [ado] para o Reino do seu Filho amado" (Cl 1.13). Paulo vivia para o Reino de Deus, que não é "comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (Rm 14.17). Como Paulo vivenciou a vida do Reino de Deus, ele adquiriu um novo conceito da posição e importância das posses. "Aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância. Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade. "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4.11-13). Paulo foi iniciado no segredo do contentamento, pois sua felicidade e sua segurança não dependiam das coisas exteriores. Se ele passava necessidade, não sentia que Deus o abandonara. Se ele tinha abundância, não se pren-

dia tanto à abundância a ponto de sua felicidade depender dela. A segurança dele estava "naquele que [o] fortalece" — no Senhor.

Essa experiência é essencial para toda pessoa que quer conhecer as bênçãos do Reino de Deus. A vida, para o jovem rico, consistia de "justiça, paz e alegria"; ele não conhecia nada do Reino de Deus. A vida consistia de "comida" e "bebida", das coisas que sua riqueza podia comprar. Seu primeiro amor era a riqueza e tudo que ela representava. Não obstante, ele não estava satisfeito. Ele não conhecia o contentamento. Essa fome insatisfeita levou-o a se aproximar de Jesus com a pergunta sobre a vida eterna. Contudo, quando confrontado com as alternativas, ele faz a escolha errada. Ele não está disposto a cortar os vínculos de sua dependência da riqueza e dos recursos materiais.

Deus nem sempre requer que o homem abandone sua riqueza, mas exige que ele abandone seu *amor* pelas posses. Deus exige a decisão da vontade que inclui a disposição de realmente abandonar riqueza se ele orientar que se faça isso. A questão é de afeição. O filho do Reino recebe as coisas boas do reino físico como dádivas de um pai amoroso (Mt 6.26-30). E ficará agradecido. Mas seu amor, sua dependência, sua segurança repousam no Doador e no Reino de Deus, não nas dádivas. Ele, primeiro, busca o Reino de Deus e confia que Deus proverá o que for necessário para sua vida de cada dia (Mt 6.33,34). O jovem rico não ousou confiar em Deus. Ele só confiou em sua riqueza. Por isso, era necessário ele se libertar dessa falsa segurança antes de poder se entregar a Deus e a seu Reino. Ele tinha de decidir; pois o Reino exige decisão, decisão essa que pode custar caro.

Essa decisão, às vezes, pode custar o afeto dos entes queridos. Isso fica aparente nas instruções que Jesus dá a seus discípulos ao prepará-los para o ministério. Eles devem anunciar que o Reino de Deus está próximo em sua proclamação (Mt 10.7). Havia uma exigência para a audiência deles: receber os emissários do Reino e, por meio deles, a mensagem do Reino, na verdade, o próprio Rei. "Quem recebe vocês, recebe a mim; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou" (Mt 10.40). Em alguns casos, essa é uma decisão

I

i

difícil, pois causaria a ruptura dos laços familiares normais. "Não : pensem que eu vim trazer paz à terra: não vim trazer paz, mas espada. Pois eu vim para fazer que 'o homem fique contra seu pai, a \ filha contra sua mãe, a nora contra sua sogra; e os inimigos do homem serão os da sua família'. Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não *é* digno de mim" (Mt 10.34-37)-Isso quer dizer que quando a pessoa se torna cristã nao há mais : espaço em sua vida para os afetos humanos? Quando alguém segue a Cristo deve romper todos os laços familiares? Com certeza, isso não é exigido. Na verdade, o contrário, com freqüência é verdade. **j** Quando um homem e uma mulher compartilham um afeto humano que, por sua vez, é santificado pelo amor mútuo a Deus e a ' seu Reino, eles são as pessoas mais felizes da terra.

Existe, no entanto, uma dura verdade aqui. Quando um rela- ■

cionamento humano se interpõe no caminho da exigência do Rei- <

no de Deus, só há uma escolha. Se a exigência do Reino o confronta, todavia, seu pai, sua mãe ou até mesmo seu cônjuge diz: "Nao aceito isso; você nao pode seguir Cristo e ter o meu afeto"; então só ■ há uma decisão a tomar: a favor de Deus e seu Reino. Mesmo que : o afeto humano e os laços familiares sejam destruídos, as reivindicações do Reino de Deus têm prioridade.

Somos agradecidos a Deus por, em nossa cultura com sua herança crista, não sermos chamados, com freqüência, a pagar esse preço. Feliz é o filho cujos pais cristãos oram por sua salvação desde seu nascimento, na verdade, desde antes de seu nascimento. Abençoado é o homem, abençoada é a mulher, cujo cônjuge compartilha profunda fé no Senhor, que podem orar juntos e compartilhar amor [1] mútuo pelas coisas de Deus. Infelizmente, nem é sempre assim.

Por vezes, há crise. E necessário tomar uma decisão: em favor de Deus ou da família. Jesus diz que nesses momentos de decisão, deve-se tomar a decisão mais difícil. >

Mais uma vez, o Reino de Deus pode custar a própria vida ao homem. Em Mateus 10.38, Jesus declara: "Quem não toma a sua

Ill

cruz e não me segue, não é digno de mim". Esse é o custo máximo da decisão.

O que significa tomar sua cruz? As pessoas, muitas vezes, falam sobre a dificuldade de carregar a cruz. Que cruz tenho de carregar! Tenho um fardo físico, sofro de enxaquecas ou de úlcera; tenho artrite ou reumatismo. Que cruz de fraqueza e dor físicas foi posta sobre mim!

Outros falam da cruz que suportam por causa de problemas que têm de enfrentar. Meu esposo tem pavio curto: que cruz tenho de carregar para suportar seu temperamento. Outros dizem, minha cruz é a necessidade de trabalhar em um ambiente que não é cristão. Dia após dia, escuto palavras profanas e impuras. Que cruz pesada carrego!

Essas experiências não são cruzes. São fardos, e os fardos, às vezes, são esmagadores. Mas a cruz não é um fardo; a cruz é um lugar de morte. Não fale de carregar o fardo de uma cruz. Quando toma a sua cruz, você está pronto para

morrer.

Em outra ocasião, Jesus declarou: “Negue-se a si mesmo” (Lc 9.23). Negar o que a si mesmo? Um doce antes da Páscoa? O fumo durante a Quaresma? Algo que você quer fazer, mas acha que não deveria? Ou representa negar a si mesmo, sacrificar a si mesmo para promover o Evangelho?

Negar a si mesmo não quer dizer negar *coisas* a si mesmo. Quer dizer negar a *minha pessoa,* não negar coisas a mim mesmo. “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz [...]” (Lc 9.23). A autonegação é centrada no “eu”; a negação de si mesmo é centrada em Cristo. A negação de si mesmo não representa nada menos que a morte. A cruz não é nada menos que um instrumento de morte. Claro que a declaração não quer dizer que todo cristão deve sofrer morte física. Todavia, quer dizer (e falamos com muito cuidado) que todo discípulo de Jesus precisa estar pronto para morrer. Temos de estar preparados para escolher a morte se no deparamos com uma situação em que temos de escolher entre morrer ou ser leal a Cristo e seu Reino. Nesta era perversa, há pessoas que pagam com a vida e o derramamento de

seu sangue por amar a Jesus Cristo e responder à exigência de seiU Reino.

Isto é “carregar a cruz”: a disposição de morrer com Cristo e **por** j ele. A completa dedicação a Cristo, mesmo que isso lhe custe a própria < vida. Carregar a cruz é o ato de entrega que não retém nada, nem mesmo a própria vida. Quer dizer que minha vida, minha vontade, minhas ambições, meus desejos, minhas esperanças — tudo é entregue a Cristo. Carregar a cruz quer dizer que me considero morto para que Cristo possa viver e reinar em mim. Paulo expressa o mesmo pensamento fundamental quando afirma: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (G1 2.20).

Tomar a cruz é algo que ocorre nos recônditos do espírito humano e é fundamental para o relacionamento da pessoa com Cristo. Se estou pronto a morrer por Cristo, então minha vida não é mais minha, é dele. Minha vida, e tudo que ela inclui, pertence **a** ele. Carregar a cruz envolve a questão de domínio, governo, reinado. Cristo não pode governar minha vida enquanto não me considero morto, crucificado. Minha vida só pode ter um governante: eu ou Cristo. Quando pego minha cruz e morro, Cristo pode governar.

Um estudante de nosso seminário que se preparava para o ministério de música evangelística ilustra esse princípio de carregar **a** cruz. Ele recebeu treinamento musical em uma das mais destacadas escolas de música dos Estados Unidos e era um exímio pianista. Ele amava a música, e quando Deus o chamou para o ministério do evangelho, ele ficou feliz diante da perspectiva de usar seus talentos e treinamento musicais para servir o Senhor. Contudo, Deus, durante o curso de sua preparação no seminário, falou ao seu coração.

E se Deus o quisesse no ministério da pregação ou ensino da Palavra em vez de no ministério de música? Será que ele não estava ditando para Deus os termos de seu ministério? Será que ele amava mais a música que ao Senhor? Será que ele havia realmente entregue seu amor pela música ao Senhor? Ele havia entregue *a si mesmoi* Houve uma dura batalha em sua alma. Quem era seu

mestre, Cristo ou a música? Ele encontrou paz e libertou-se da luta apenas quando entregou a música ao Senhor e prometeu servi-lo da maneira que o Senhor o orientasse, com ou sem música. Em outras palavras, ele teve de crucificar o amor pela música. Na verdade, ele teve de crucificar *a si mesmo,* sua vontade, seus desejos, antes de alcançar a vitória em sua vida. Após ele entregar o amor pela música ao Senhor, Deus devolveu-o a ele, e, hoje, ele serve a Deus como missionário e usa seus dons musicais para glorificar a Deus. Todavia, ele, primeiro, teve de tomar uma decisão radical — decisão essa que envolveu sua maior emoção humana.

Por fim, o Reino exige uma decisão *eterna.* A decisão a favor ou contra o Reino de Deus no presente determina o destino futuro do homem. Jesus declarou: "Quem me confessar diante dos homens, também o Filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus. Mas aquele que me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus (Lc 12.8,9). "Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora, o Filho do homem se envergonhará dele quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos (Mc 8.38). Haverá um dia de julgamento, um dia de separação entre os homens. Um dia, Cristo aparecerá como o Filho do homem em glória para trazer salvação aos filhos do Reino e justa condenação aos filhos das trevas. O Reino de Deus, então, aparecerá em poder e glória.

Mas Deus, em sua graça, enviou seu Filho entre os homens em antecipação a esse dia. Cristo veio entre nós a fim de nos confrontar com as bênçãos e as exigências do Reino de Deus. "Arrependam-se, pois o Reino dos céus está

próximo.” Receba-o! Podemos tomar a decisão em favor desse Reino futuro muito antes de sua vinda em glória e julgamento, pois aquele que será o futuro Juiz apareceu entre os homens para lhes oferecer, aqui e agora, a vida e a bênção do Reino. O Reino, quando confronta os homens, exige decisão — decisão eterna. O amanhã encontrou o hoje. A era por vir alcançou esta era. A vida futura é-nos oferecida aqui e agora. Se agrada a você, pode-se dizer que o céu beijou a terra. O que devemos fazer?

Uma coisa. O Reino dos céus se aproxima. Arrependa-se! Mude de atitude e receba as boas novas. Entregue-se ao governo do Reino. j Essa é a exigência do Reino. ■

Capítulo VI11

O Reino, Israel e a igreja

O aspecto mais difícil do ensino bíblico sobre o Reino de Deus é seu relacionamento com Israel e a igreja, A dificuldade se acha no fato de que a Escritura não apresenta de forma explícita esse relacionamento, ele precisa ser deduzido. Como resultado disso, estudiosos, igualmente devotados à Bíblia, sugerem interpretações totalmente divergentes.

Os capítulos anteriores expõem a tese de que, no Novo Testamento, o Reino de Deus é a obra redentora de Deus ativa na história para a derrota de seus inimigos e trazer aos homens as bênçãos do reinado divino. Essa abordagem permite-nos interpretar de modo consistente a questão de Israel e da igreja no Novo Testamento.

Não se pode negar que Jesus ofereceu o Reino a Israel. Quando ele enviou seus discípulos em missão de pregação, disse-lhes para não ir entre os gentios, mas para se dirigir antes “às ovelhas perdidas de Israel” (Mt 10.6). Jesus repele uma mulher cananéia com estas palavras: “Eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel” (Mt 15.24). E mais, nosso Senhor fala dos judeus como “filhos do Reino” (Mt 8.12), mesmo quando rejeitam o Messias e o Reino de Deus. Eles são os filhos do Reino, pois Deus escolheu Israel e prometeu as bênçãos do Reino a ela. O Reino é deles por direito de eleição, história e herança. Por isso, nosso Senhor dirigiu seu ministério a eles e ofereceu-lhes o que lhes havia sido prometi-

do. Quando Israel rejeitou o Reino, as bênçãos que seriam deles foram concedidas àqueles que as aceitaram.

A seqüência de versículos de Mateus 11 mostra isso. A era da lei e dos profetas terminou com João Batista, desde essa época, o Reino dos céus está em operação entre os homens. Esse é o sentido mais provável de Mateus 11.12,13. O versículo 13 deixa claro que os "Profetas e a Lei profetizaram até João", e o versículo 12 afirma: "Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos céus é tomado à força, e os que usam de força se apoderam dele". Essa é a tradução da NVI, e é a preferível. O Reino de Deus, conforme vimos, é o reinado redentor de Deus em operação entre os homens; e esse é o sentido de Mateus 11.12. No entanto, aquela geração de Israel não responde **à** obra do Reino de Deus, nem quando João Batista, em antecipação ao Reino, prega arrependimento nem quando nosso Senhor oferece as bênçãos do Reino. Eles eram como crianças teimosas que brincavam de imitar; recusavam brincar de casamento e de funeral (w. 16,17). Recusaram o sombrio desafio de João ao arrependimento e rejeitaram quando Jesus lhes fez a alegre oferta do poder e da vida do Reino de Deus.

Por isso, apenas o juízo está reservado àquela geração (v. 20), Uma terrível desgraça é pronunciada sobre as cidades de Israel, como Corazin e Betsaida, porque foram realizadas obras poderosas em suas ruas —, as obras poderosas do próprio Reino de Deus. **Jesus** foi a suas cidades, expulsando demônios, libertando homens **do j** poder satânico e pregando que o Reino de Deus viera sobre **eles 1** para derrotar Satanás e libertar os homens do governo dele.
No entanto, Israel, apesar dessas obras poderosas, não respondeu. Portanto, "no dia do juízo haverá menor rigor para Sodoma do **que** para você" (v. 24).

O convite para receber as bênçãos do Reino é feito aos que O aceitarão em base individual. Jesus declara: "Venham a mim, todoi os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois **sou** manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para ai • suas almas" (w. 28,29).

Na dispensação do Antigo Testamento, Deus tratou Israel, principalmente, como família e nação e concedeu a seu povo tanto bênçãos terrenas como religiosas. Quando Deus fez aliança com Abraão, este juntou todos os membros do sexo masculino de sua casa e circuncidou-os, introduzindo-os, assim, nos termos e bênçãos da aliança (Gn 17.22-27). Embora os profetas enfatizassem cada vez mais o indivíduo, os termos originais da antiga aliança foram com Israel como

nação; e os gentios só podiam compartilhar as bênçãos espirituais da aliança se tornando parte da nação.

Nosso Senhor, quando ofereceu o Reino de Deus, não fez a oferta de um reino político, nem envolveu bênçãos nacionais e materiais. Os judeus querem um rei político para vencer seus inimigos; mas Jesus recusa a coroa terrena (Jo 6.15), e ele oferece, em vez de um reino terreno, o pão espiritual (Jo 6.52-57). Jesus dirige-se ao indivíduo; e os termos do novo relacionamento são exclusivamente de decisão e fé pessoais. Esse fato é apresentado de forma eloqüente pelo ministério preparatório de João Batista que conta aos judeus que a descendência de Abraão não é qualificação suficiente para as bênçãos do Reino porvir (Mt 3.7-10). As bênçãos espirituais da nova era seriam conferidas em base individual, não familiar. Mesmo os que se consideravam filhos da antiga aliança tinham de experimentar o arrependimento pessoal e submeter-se ao batismo em antecipação daquele que haveria de vir.

Nosso Senhor também deixa claro o termo pessoal do novo relacionamento quando afirma: "Não pensem que vim para trazer paz à terra; não vim para trazer paz, mas espada. Pois eu vim para lazer que 'o homem fique contra seu pai, a filha contra sua mãe, a nora contra sua sogra; os inimigos do homem serão os da sua própria Iamília" (Mt 10.34-36). A unidade familiar não mais será a base do relacionamento entre Deus e o homem; a fé pessoal que, muitas vezes, ultrapassa os limites da família e até mesmo rompe os laços **de** carne e sangue é a base fundamental do relacionamento do homem com o Reino de Deus.

Os judeus, como um todo, recusaram esse novo relacionamen-lo. Não obstante, alguns responderam e se tornaram discípulos de nosso Senhor e, assim, verdadeiros filhos do Reino de Deus. Esses formavam o núcleo do que se tornou a igreja.

Mateus 16 relata o propósito de nosso Senhor na formação do novo povo de Deus, a igreja. E irrelevante o fato de que Jesus não podia contar nada sobre seu propósito redentor em trazer à existência esse novo povo de Deus até que os discípulos reconhecessem que, na verdade, ele era o Messias. A confissão de seu messiado é, ao mesmo tempo, a confissão da presença do Reino de Deus, pois a missão do Messias é trazer o Reino de Deus até os homens. Nesse ponto, precisamos compreender que os discípulos tinham dificuldade em reconhecer o messiado de nosso Senhor da mesma forma que tinham dificuldade em reconhecer a presença do Reino de Deus.

Já constatamos que a expectativa popular da vinda do Reino de Deus representava o fim da era e a manifestação do governo de Deus em poder e glória, ocasião em que todo o mal seria eliminado do mundo. Entretanto, Jesus ensina que o Reino veio, mas de forma nova e inesperada. Embora a antiga era continue, o Reino de Deus invadiu o domínio de Satanás a fim de libertar os homens do governo dele. Esse é o mistério, a nova revelação do propósito divino na missão de nosso Senhor.

Esse mesmo problema está envolvido na revelação do messiado de nosso Senhor. Os judeus, incluindo os discípulos de Jesus, esperavam que o Messias fosse um Rei davídico conquistador diante de qual os inimigos de Deus e o povo de Deus não podiam oferecer resistência ou que fosse um ser celestial sobrenatural que viria à terra com poder e grande glória para destruir os maus e trazer o Reino de Deus em poder (veja Dn 7). Em ambos os casos, a vinda do Messias significaria o fim desta era e o aparecimento, em poder, do Reino.

Então surge Jesus nem como Rei davídico conquistador nem como o glorioso Filho do homem celestial, mas, em humildade e em fraqueza, como um homem entre homens. As pessoas não entendiam como ele, embora realizasse obras maravilhosas, podia ser o Messias. A certa altura, eles pensaram que, na verdade, ele poderia mesmo ser o Messias e tentaram forçar a mão dele. Após a alimen-

taçao das 5.000 pessoas, quando ele multiplicou alguns peixes e pães a fim de alimentar uma multidão, eles pretendiam proclamá-lo Rei à força (Jo 6.15).

Contudo, essa não era a missão de nosso Senhor. Sua missão e também seu messiado eram um "mistério"; não era acabar com a era perversa e inaugurar a era por vir. Antes, era, em meio à presente era perversa, trazer os poderes da era futura aos homens; e essa missão envolvia sua morte. Assim, quando as multidões tentaram torná-lo Rei, ele se afastou. Esse foi um ponto decisivo em seu ministério; depois disso, "muitos dos seus discípulos voltaram atrás e deixaram de segui-lo" (Jo 6.66). Ele não era o Messias pelo qual esperavam. Ele disse-lhes que precisavam comer sua carne e beber seu sangue (Jo 6.53). O que isso queria dizer? Eles não entenderam suas palavras sobre sua carne que ele daria pela vida do mundo (Jo 6.51). O fato é que os judeus do tempo de nosso Senhor não entendiam Isaías 53. Não sabiam que esse capítulo fazia referência ao Messias. Aguardavam apenas um Rei conquistador ou um Filho do homem celestial, não um Servo sofredor. Por essa razão, eles voltaram atrás e deixaram de segui-lo. Da mesma forma como rejeitaram sua oferta do Reino

porque não era o que procuravam, também rejeitaram seu messiado, pois ele não era o monarca conquistador que desejavam.

Todavia, no fim, o círculo íntimo dos discípulos começa a perceber que apesar do fato do Reino não estar presente em imenso poder, que apesar do fato de Jesus não ser o Rei davídico, não obstante, ele é o Messias, e o Reino, na verdade, está presente na pessoa e na missão dele. Essa é a relevância da confissão de Pedro em Ce-saréia de Filipe. Jesus percebe que eles chegaram ao ponto crucial do entendimento básico e pergunta aos discípulos quem ele é. Por fim, Pedro responde pelos outros: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16). Muitas vezes, nao percebemos quão grande realização isso representou nem como era difícil para Pedro e os outros reconhecer o messiado de Jesus, pois este era totalmente distinto de tudo que esperavam. Na verdade, os homens só poderíam alcançar tal realização por meio da revelação divina (v. 17).

Uma vez que reconheceram que ele era o Messias, ainda que mesmo em um papel novo e inesperado, Jesus os instruiu quanto a seu propósito posterior. Seu propósito não era a restauração nacional de Israel. Ao contrário, ele criaria um novo povo. "E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la. Eu lhe darei as chaves do Reino dos céus; o que você ligar na terra terá sido ligado nos céus, e o que você desligar na terra terá sido desligado nos céus" (Mt 16.18,19).

Debate-se de forma veemente o sentido da "rocha" sobre a qual Jesus edificaria sua igreja, embora para nosso presente propósito a resposta a essa pergunta não seja essencial. Quer a rocha seja a fé de Pedro na pessoa, no messiado e na divindade de Cristo (Calvino), quer seja a pessoa do próprio Cristo (Lutero), quer seja, na realidade, o sentido *não oficial* em que Pedro, como porta-voz dos outros discípulos e como líder dos apóstolos e da igreja primitiva em seus primeiros anos, pode ser chamado o fundamento sobre o qual os níveis iniciais da igreja foram edificados, o resultado, em última análise, é o mesmo. Não há nenhuma evidência no Novo Testamento de que Pedro recebeu autoridade oficial que podia transmitir a outros. No entanto, a igreja, de fato, foi "edificad[a] sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular" (Ef 2.20); e é possível que nosso Senhor se dirigisse a Pedro como representante dos apóstolos sobre os quais a igreja seria edificada.

Em todo caso, nosso Senhor indica ser seu propósito edificar *sua* igreja. A forma particular dessa frase é importante. A palavra grega, *ekklesia, é* a palavra mais

comumente usada no Antigo Testamento grego para se referir a Israel como povo de Deus. O próprio uso dessa palavra sugere que nosso Senhor propunha trazer à existência um novo povo que tomaria o lugar do antigo Israel que rejeitara tanto sua afirmação de messiado como sua oferta do Reino de Deus. O cumprimento dessa promessa começou no Pentecoste, quando o Espírito Santo foi derramado, batizando os seguidores de Jesus no corpo de Cristo, e, assim, dando historicamente início à igreja (ICo 12.13).

Uma preocupação atual é o relacionamento entre o Reino de Deus e a igreja. Jesus prometeu dar a Pedro, como representante dos apóstolos e da igreja, as chaves do Reino dos céus. Já constatamos que o Reino de Deus, antes de tudo, representa a atividade redentora e o governo de Deus em operação entre os homens; e, em segundo lugar, é a esfera em que os homens vivenciam as bênçãos do governo dele. Esse versículo apresenta o Reino do céu como a esfera final em que se desfruta as bênçãos do governo de Deus, a esfera da era por vir em que toda autoridade e poder serão abolidos. Na verdade, isso é o que popularmente se considera como "céu". As chaves do futuro Reino dos céus, isto é, o poder de abrir ou fechar as portas para as bênçãos da era por vir, são entregues aos apóstolos da igreja, igreja essa que nosso Senhor trará à existência. O Reino de Deus não está mais ativo no mundo por intermédio de Israel; antes, ele opera por meio da igreja.

Em Lucas 11.52, a declaração de nosso Senhor confirma esse entendimento. Jesus condenou os mestres da lei, porque eles "se apoderaram da chave do conhecimento [e eles] mesmos não entraram e impediram os que estavam prestes a entrar". A chave do conhecimento que abriria a porta do Reino de Deus fora confiada aos líderes do povo judaico. Essa chave era o entendimento e interpretação corretos do Antigo Testamento que levariam os judeus a reconhecer, na pessoa e no ministério de nosso Senhor, a presença do Reino de Deus e o cumprimento das promessas do Antigo Testamento. Paulo expressou a mesma verdade quando disse que Deus linha confiado a Israel os oráculos de Deus (Rm 3.2). Entretanto, os mestres da lei se apoderaram da chave do conhecimento; interpretavam as Escrituras de uma maneira que elas apontavam para longe de Cristo, em vez de o apontar como aquele que veio para cumprir as profecias. Dessa forma, eles recusaram entrar na esfera das liênçãos do Reino que Jesus trouxera e impediam os que queriam entrar nessas bênçãos.

Em outra ocasião, Jesus disse a esses líderes religiosos: "Os publi-cmios e as prostitutas estão entrando antes de vocês no Reino de I)cus" (Mt 21.31). E claro

que Jesus não quis dizer que eles estavam, de fato, entrando nas bênçãos do Reino; na verdade, eles estavam de lado e assistiam os publicanos e as meretrizes entrarem nas bênçãos do Reino e até mesmo tentavam impedir que eles entrassem.

Essa chave do conhecimento que na dispensação do Antigo Testamento fora confiada a Israel, agora, nosso Senhor a confia aos apóstolos e à igreja. A parábola dos maus arrendatários, de Mateus 21.33-42, ensina esse fato com clareza. Deus confiara sua vinha a Israel. De tempos em tempos, ele enviava seus servos, os profetas, até a nação para fazer um acerto de contas, mas "os lavradores agarram seus servos; a um espancaram, a outro mataram e apedrejaram o terceiro". Por fim, ele enviou seu Filho achando que eles o reverenciariam e reconheceriam. Todavia, "eles o agarraram, lançaram-no para fora da vinha e o mataram". Jesus mesmo interpreta essa parábola em termos nada vagos: "Portanto eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino" (v. 43).

Essa é uma afirmação nada ambígua. Israel fora a possuidora do Reino de Deus. Isso quer dizer que até a vinda de Cristo na carne, a atividade redentora de Deus na história fora canalizada por intermédio da nação de Israel, e as bênçãos do governo divino foram conferidas a esse povo. Os filhos de Israel eram, de fato, os filhos do Reino. Os gentios podiam compartilhar dessas bênçãos apenas se tivessem relacionamento com Israel. No entanto, quando chegou o tempo em que Deus manifestou sua atividade redentora de um modo novo e maravilhoso e o Reino de Deus visitou os homens na pessoa do Filho de Deus trazendo-lhes as bênçãos do governo divino de forma mais plena, Israel rejeitou tanto o Reino como o Portador do Reino. Por isso, o Reino, em sua nova manifestação, foi tirado de Israel e entregue a um novo povo.

Esse novo povo é a igreja. "Sobre esta pedra edificarei a minha igreja". Nessa declaração, a palavra "igreja" ainda não tem o sentido técnico que adquiriu depois do Pentecoste. Como já indicamos, essa palavra quer dizer povo de Deus. Esse novo povo é a "geração eleita, sacerdócio real, nação santa" a que Pedro se referiu (lPe 2.9).

Agora, o Reino de Deus não pertence à geração de Abraão, mas a uma "geração eleita", pois "os que são da fé, estes é que são filhos de Abraão" (G13.7). Não é a posse do sacerdócio israelita, pois Cristo tornou os que constituem sua igreja "sacerdotes para servir a seu Deus e Pai" (Ap 1.6). Deus, agora, não lida com

uma nação segundo a carne, mas com uma nação santa, a igreja, fundamentada na fé salvadora pessoal em Jesus, o Filho de Deus.

O relacionamento entre a igreja e o Reino de Deus precisa ser estabelecido de forma clara. O Reino de Deus, antes de tudo, é o governo redentor divino manifesto em Cristo, e, em segundo lugar, o reino da esfera em que as bênçãos do governo divino são viven-ciadas. Essas distinções foram desenvolvidas de forma cuidadosa em um capítulo anterior. O Reino de Deus, como o governo redentor divino de Deus, vem entre os homens para derrotar Satanás e para livrar os homens do domínio do poder satânico (Mt 12.28). Por ser esse um reino presente em que as bênçãos são desfrutadas, agora, os homens podem entrar no Reino de Deus. A era da lei e dos profetas terminou com João Batista; daquela época em diante,

0 Reino de Deus foi pregado, e todos os que receberam a proclamação entraram de forma enérgica, até mesmo à "força", no Reino (Lc 16,16). Todos os que receberam essa boa nova da redenção foram "resgat[ados] do domínio das trevas (veja 2Co 4.4) e [...] transport [ados] para o Reino do seu Filho amado" (Cl 1.13).

O Reino de Deus é, ao mesmo tempo, o Reino de Cristo (Ef 5.5); pois o Reino de Deus, o reinado redentor de Deus, manifesta-se entre os homens por meio da pessoa de Cristo; e Cristo precisa reinar até que tenha posto todos seus inimigos sob seus pés (ICo 15.25). Na verdade, se não se deve fazer nenhuma distinção entre o Reino de Deus e de Cristo, é necessário dizer que o Reino de Cristo inclui o período desde sua vinda na carne até o fim de seu reinado milenar "quando ele entregar o Reino a Deus" (ICo 15.24).[10]

O Reino de Deus, como a atividade redentora e governo de

1)eus na pessoa de Cristo, criou a igreja e opera no mundo por meio da igreja. Os discípulos, conforme atravessavam todas as vilas da Palestina, proclamavam em sua missão que o Reino de Deus está próximo (Lc 10.9). Eles realizaram os sinais do Reino, curando doentes e expulsando demônios e, assim, libertando os homens do poder satânico (w. 9,17). Qualquer cidade que os rejeitava, com essa atitude rejeitava o Reino de Deus e reservava um julgamento temível para si mesma, pois na missão dos discípulos, "o Reino de Deus está próximo" (v. 11). Assim, o Reino de Deus operava entre os homens não apenas na pessoa de nosso Senhor, mas também por intermédio de seus discípulos à medida que levavam a

palavra e os sinais do Reino às cidades da Galiléia.

Da mesma forma, o Reino de Deus, a atividade redentora e o poder de Deus, opera hoje no mundo por intermédio da igreja de Jesus Cristo. A igreja é a comunhão dos discípulos de Jesus que recebem a vida do Reino e se dedicam à tarefa de pregar o evangelho do Reino no mundo. Filipe foi a Samaria pregar as "boas novas do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo" (At 8.12). Paulo foi a Roma e pregou, primeiro aos judeus e, depois, aos gentios, o Reino de Deus (At 28.23,31).

Quando os emissários de nosso Senhor atravessavam todo o mundo romano com a proclamação do Reino e quando, hoje, os discípulos de Jesus andam pelo mundo levando as boas novas do Reino de Deus, duas coisas sempre acontecem: alguns homens são libertados enquanto outros são presos. Alguns creem e recebem a mensagem. São libertados do domínio das trevas e transportados para o Reino do Filho amado de Deus (Cl 1.13), isto é, eles entram no Reino de Deus porque recebem suas bênçãos. Além disso, é-lhes assegurada a entrada no Reino de Deus futuro quando Cristo vier em glória.

Outros, no entanto, rejeitam as boas novas do Reino. Para estes, as portas do Reino de Deus, tanto no presente como no futuro, estão fechadas. Na verdade, Cristo dá a seus discípulos, à igreja, as chaves do Reino dos céus; e o que seus discípulos ligam na terra enquanto pregam o evangelho do Reino é ligado no céu, e o que desligam na terra, ou seja, aqueles que eles libertam de seus pecados, é desligado no céu. No sentido real da palavra, é a igreja — os discípulos do Senhor — que usa as chaves e realiza a função de ligar e desligar; no entanto, num sentido mais profundo, *é* o trabalho do Reino de Deus que, por intermédio da igreja, executa esses finais eternos. Este é o fato importante: o Reino de Deus não funciona no vazio, é confiado a homens e funciona por meio de homens redimidos que, por intermédio de Cristo, já se entregaram ao governo de Deus. No entanto, a igreja exerce uma função dinâmica, não uma função oficial.

Poucos versículos do Novo Testamento equiparam o Reino à igreja, mas esses poucos versículos sustentam nossas conclusões. Apocalipse 5.9,10 afirma: "Foste morto, e com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra". Esse cântico dos 24 anciãos identifica todos os redimidos como um reino. Por conseguinte, não temos precedente bíblico para

identificar a igreja com o Reino de Deus? Apenas neste sentido: os redimidos são um reino *porque reinarão sobre a terra.* Eles não são reino pelo fato de os membros da igreja serem as pessoas sobre as quais Cristo exerce seu reinado. Eles não são reino por que a igreja é a esfera, ou domínio, em que as bênçãos do reino redentor devem ser vivenciadas. A igreja é um reino porque compartilha o governo de Cristo. Nesse versículo, o Reino de Deus não é o Reino do governo de Deus; é o próprio Reino de Deus, compartilhado com aqueles que se entregam a ele.

Deve-se interpretar Apocalipse 1.6 à luz desse versículo. A igreja é tanto sacerdócio como reino. Os redimidos compartilham a prerrogativa de seu grande Sumo Sacerdote de entrar no próprio Santo dos Santos e adorar a Deus. Eles são sacerdotes. A igreja também compartilha a prerrogativa de seu Senhor e Rei. E-lhes garantido o direito de governar com Cristo. Os redimidos são um reino, uma nação de reis.

Portanto, a igreja não é o Reino de Deus; o Reino de Deus cria a igreja e opera no mundo por intermédio dela. Por conseguinte, os homens não podem edificar o Reino de Deus, mas podem pregá-lo c proclamá-lo; podem recebê-lo ou rejeitá-lo. O Reino de Deus, que na dispensação do Antigo Testamento se manifestou em Israel, agora, opera no mundo por intermédio da igreja.

Há, portanto, apenas um povo de Deus. Isso não quer dizer que os santos do Antigo Testamento pertenciam à igreja nem que devemos mencionar a igreja no Artigo Testamento. Na verdade, Atos 7.38 menciona a "assembléia do deserto" (BJ); mas a palavra aqui não tem a mesma conotação do Novo Testamento, designa apenas a "congregação" no deserto. A igreja, propriamente dita, iniciou no dia de Pentecoste, pois ela é composta de todos que em um único Espírito foram batizados em um só corpo (lCo 12.13), e essa obra de batismo do Espírito começou no dia de Pentecoste.

Todavia, ao mesmo tempo que precisamos mencionar Israel e a igreja, devemos falar de um só povo de Deus. Em Romanos 11, Paulo deixa isso vividamente claro em sua ilustração da oliveira. Há uma oliveira, é o povo de Deus. Na época do Antigo Testamento, os ramos da árvore eram Israel. No entanto, alguns ramos naturais, por causa de descrença, *foram cortados* e não pertencem mais à árvore (v. 16). O versículo 5 informa-nos que nem todos os ramos foram cortados e tirados, pois "há um remanescente escolhido pela graça". Alguns judeus aceitaram o Messias e sua mensagem do evangelho do Reino. Devemos lembrar

que a igreja inicial consistia de cristãos judeus; mas eles vieram para a igreja não por ser judeus, mas por ser cristãos.

Quando esses galhos naturais foram cortados e tirados, outros galhos foram tirados de uma oliveira brava e, contrariando a natureza, foram enxertados na oliveira (w. 17,24). A passagem se refere aos gentios que receberam o evangelho do Reino, a "outra nação", (Mt 21.43) da qual o Senhor falou. Os galhos naturais foram cortados por causa da incredulidade; e os galhos da oliveira brava foram enxertados por causa de sua fé (v. 20). Todo esse procedimento é "antinatural"; isto é, não é o que se esperaria ler no Antigo Testamento. Do ponto de vista do Antigo Testamento, não se poderia saber que o povo de Deus consistiria, em grande parte, de gentios e que a maioria da nação judaica seria cortada. Na verdade, esse caráter misto da igreja é mais um mistério — mais uma revelação do propósito redentor de Deus que não foi revelado aos profetas do Antigo Testamento (Ef 3.3).

Na época do Antigo Testamento, a oliveira — o povo de Deus — consistia dos filhos de Israel. Os gentios entravam nas bênçãos do povo de Deus apenas à medida que compartilhavam os termos da aliança com Israel. Na dispensação do Novo Testamento, boa parte dos ramos naturais, Israel, foram cortados da árvore por causa da descrença, e os ramos da oliveira brava, os gentios, foram enxertados pela fé. Mas existe apenas uma árvore, um povo de Deus que, primeiro, consistiu de israelitas e, depois, de cristãos gentios e judeus. E impossível pensar em dois povos de Deus por meio dos quais Deus realiza dois propósitos redentores distintos sem transgredir Romanos 11.

Contudo, o estado atual da oliveira não é a obra final de Deus. Paulo escreve: "E quanto a eles, se não continuarem na incredulidade, serão enxertados, pois Deus é capaz de enxertá-los outra vez. [...] Irmãos, não quero que ignorem este mistério, para que não se tornem presunçosos: Israel experimentou um endurecimento em parte, até que chegue a plenitude dos gentios. E assim todo o Israel será salvo" (Rm 11.23,25s). A forma final da oliveira não será de maioria de ramos de oliveira brava, ou seja, de gentios. Israel — os ramos naturais cortados por causa da descrença — ainda crerá e será enxertada de novo na oliveira. Esse é outro "mistério", outro propósito redentor de Deus que não foi revelado aos profetas, mas que, agora, é revelado pelos apóstolos. O endurecimento de Israel e a rejeição da nação como povo de Deus é apenas parcial e temporário; durará até que chegue ao número total de gentios. Deus tem o propósito de salvar os povos gentios e usa a descrença de Israel para realizar a

consumação desse propósito redentor. Contudo, quando seu propósito com os ramos da oliveira brava for consumado, ele se voltará de novo para os ramos naturais; o véu será retirado dos olhos deles (2Co 3.16), e eles crerão e serão enxertados ile novo no povo de Deus. Assim, "todo o Israel será salvo".

À luz do contexto e do curso do pensamento de Paulo nessa passagem fica impossível compreender que "todo o Israel" se refere à igreja. Sem dúvida, há um sentido muito real no qual a igreja é Israel, os filhos de Abraão, a verdadeira circuncisão (G1 3.7; Rm 2.28; 4.1,12,16). Contudo, isso não quer dizer que Deus sempre cortou o Israel segundo a carne. Paulo nega isso de forma enfática. Primeiro, há um remanescente espiritual — ramos naturais que não foram cortados porque receberam a Cristo (Rm 11.1-6). Segundo, haverá um retorno ao Senhor por parte da Israel segundo a carne de tais proporções que Paulo diz que "todo o Israel," isto é, Israel como um todo, será salvo.

Essa salvação futura de Israel reflete-se em algumas declarações de nosso Senhor. Quando ele, não muito antes de sua morte chora por Jerusalém, clama: "Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram. Eis que a casa de vocês ficará deserta. Pois eu lhes digo que vocês não me verão mais, até que digam: 'Bendito é o que vem em nome do Senhor'" (Mt 23.3739). Jerusalém, símbolo de Israel, rejeitou os profetas que Deus enviou até que, por fim, o Senhor enviou seu Filho. Jesus anseia por reunir Israel nas bênçãos do Reino de Deus, mas a nação nao o ouve; o Filho é rejeitado. Por isso, o julgamento permanece sobre Israel, e a cidade santa deve ser destruída. O julgamento do Reino de Deus manifesta-se, com freqüência, na história. No entanto, essa desolação de Jerusalém, ocorrida historicamente em 70 d.C. quando o templo foi destruído e a cidade, devastada pelos romanos, não é a palayra final. Flaverá uma última visita de Deus a Israel; e, nesse dia, Israel reconhecerá Cristo como seu Messias e dirá: "Bendito é o que vem em nome do Senhor". Israel ainda será salva.

Mais uma vez, no relato de Lucas do sermão do monte das Oliveiras, no qual Jesus predisse tanto a destruição histórica de Jerusalém como o fim da era, lemos que o Senhor afirmou sobre a cidade santa: "Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos deles se cumpram" (Lc 21.24). O juízo divino permanecerá sobre Jerusalém e a nação judaica até que os "tempos deles [gentios] se cumpram"; ou seja, até que se realize a visitação divina aos gentios.

O versículo sugere que quando se cumprir o propósito de Deus para os gentios Jerusalém não mais será pisada e destruída. Haverá a restauração de Israel; “todo o Israel será salvo”.

E impossível, neste estudo, entrar na questão de como se realizarão essa restauração de Israel e seu novo enxerto como povo de Deus. O Novo Testamento diz muito pouco sobre a maneira como Deus efetuará esse fim. Um fato, no entanto, é muito importante: no que diz respeito ao Novo Testamento, a salvação de Israel é uma parte essencial do propósito redentor único de Deus. A obra do Espírito de Deus na formação da igreja e a futura visitação divina a Israel, por meio da qual os ramos naturais serão enxertados de novo na oliveira, não devem ser vistas como dois propósitos separados e não relacionados, mas como dois estágios do propósito redentor único de Deus realizado por meio de seu Reino. Existe apenas uma única oliveira e um só Reino de Deus. O estágio final do reino de Deus em Cristo, por meio do qual ele porá todos seus inimigos debaixo de seus pés (ICo 15.25), incluirá a salvação da Israel segundo a carne. O povo de Deus por meio do qual o Reino de Deus opera nesta era é a igreja, formada em grande parte de gentios; todavia, o povo de Deus no qual o Reino alcançará sua consumação incluirá Israel (Rm 11.12). Contudo, existem um Reino e um povo.

Por vezes demais, em nosso estudo sobre o relacionamento entre o Reino de Deus, a igreja e Israel, perdemos de vista o fato que é de suma importância para nós: o Reino de Deus que, no fim, salvará a Israel e trará a nação para o Reino já trouxe salvação para nós, que constituímos a igreja, e já nos trouxe para o Reino. O Reino de Deus opera no mundo por intermédio dos discípulos de Jesus Cristo que se renderam à exigência do Reino e constituem o novo povo de Deus, a igreja. O Reino de Deus, na pessoa e na missão de Cristo, invadiu o domínio de Satanás para libertar os homens da escravidão das trevas; e o conflito entre o Reino de Deus e os poderes das trevas continua enquanto a igreja leva as boas novas do Reino de Deus às nações da terra.

Embora o Reino de Deus não se realize em seu estado de bem-aventurança perfeita antes do retorno de Cristo, ele opera no mun-do e está envolvido em uma luta mortal contra o mal. A igreja é o instrumento dessa luta. Por isso, enquanto durar esta era, o conflito é um elemento constante e essencial à vida da igreja. A história humana realizará algo da vida e bênçãos do Reino de Deus porque uma nova comunidade tem sido formada na sociedade humana. A igreja é a comunidade do Reino de Deus e deve estimular a luta contra o mal satânico

no mundo. Os filhos do Reino não podem deixar de exercer influência na história humana, pois eles são a luz do mundo e o sal da terra (Mt 5.13-16). Enquanto luz for luz, ela precisa brilhar, e enquanto sal for sal, ele precisa preservar. Assim, a missão da igreja não é apenas usar as chaves do Reino para abrir tanto ao judeu como ao gentio a porta para a vida eterna, a dádiva do Reino de Deus; mas também ser o instrumento do governo dinâmico de Deus no mundo para se opor ao mal e aos poderes de Satanás em todas suas formas de manifestação. Quando o povo de Deus perde de vista esse fato, traímos nosso caráter como igreja. Somos o foco do conflito entre o Reino de Deus e o mal satânico. Esse é um conflito, em essência, na esfera espiritual. Mas essas forças espirituais do mal satânico e do Reino de Deus manifestam-se nas áreas da conduta e dos relacionamentos humanos. Por conseguinte, precisamos estimular a batalha contra os poderes das trevas em todo lugar onde os encontramos até o dia raiar e a luz do conhecimento de Deus encher a terra.

Capítulo IX

Quando virá o Reino?

Neste estudo final, dedicaremos nossa atenção a um único versículo nos ensinamentos de nosso Senhor. Sob um ponto de vista, a verdade incorporada nesse versículo é a mais importante, de toda esta série de estudos, para a igreja de hoje. E um texto cujo sentido só pode ser apreendido contra o pano de fundo do estudo mais abrangente do Reino de Deus.

Já constatamos que o Reino de Deus é o reinado de Deus derrotando seus inimigos e levando os homens a desfrutar as bênçãos do reino divino. Constatamos que o reino de Deus realiza-se em três grandes atos, fato que nos possibilita dizer que o Reino vem em três estágios. A terceira e última vitória ocorre no fim do milênio quando a morte, Satanás e o pecado, por fim, são destruídos, e o Reino é concretizado em sua perfeição máxima. A segunda vitória ocorre no início do milênio quando Satanás é acorrentado no poço do inferno. No entanto, parece que o pecado e a morte persistem ao longo desta era, pois a morte não será lançada no lago de fogo antes do fim do milênio.

A missão de nosso Senhor na terra é a manifestação inicial do Reino de Deus. O Reino de Deus entrou nesta era perversa antes da era por vir, antes do reino milenar de Cristo, ele entrou, aqui e agora, na pessoa e obra de Cristo. Por isso, agora, podemos experimentar o poder, conhecer a vida e participar das bênçãos do Reino de Deus. Se já gozamos as bênçãos do Reino de Deus, nossa pergunta final é: o que essas bênçãos devem nos incitar a fazer? Será que devemos apreciar de forma passiva a vida do Reino enquanto aguardamos sua consumação na volta do Senhor? Sim, devemos esperar, mas não de forma passiva. Talvez, hoje, o único versículo mais relevante da Palavra de Deus para o povo de Deus seja o texto deste estudo: Mateus 24.14.

Esse versículo propõe o assunto deste capítulo: “Quando virá o Reino?”. Claro que essa pergunta se refere à manifestação do Reino de Deus em poder e glória quando o Senhor Jesus retornar. O povo de Deus tem muito interesse em saber quando se dará o retorno de Cristo. Ele retornará logo ou demorará? Muitas conferências bíblicas proféticas oferecem mensagens pesquisadas na Bíblia por pessoas que também examinam os jornais com a finalidade entender as profecias e os sinais dos tempos para tentar determinar o quanto o fim pode estar próximo. Nosso texto de estudo é a afirmação mais clara da Palavra de Deus sobre o tempo da vinda do Senhor. Não há nenhum versículo que fale de forma tão

distinta e sucinta, como esse versículo, sobre o tempo em que o Reino virá.

O capítulo é introduzido pela pergunta dos discípulos ao Senhor enquanto contemplavam o templo, cuja destruição Jesus acabara de anunciar. “Dize-nos, quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?” (Mt 24.3). Os discípulos esperavam que esta era terminasse com o retorno de Cristo em glória. O Reino virá com a inauguração da era por vir. Eis a pergunta deles: quando terminará esta era? Quando o Senhor retornará e trará o Reino?

Jesus responde a pergunta deles fornecendo alguns detalhes. Primeiro, ele descreve o rumo desta era até o fim dos tempos.[11] Esta era perversa deve durar até o retorno dele. Esta era sempre será hostil ao evangelho e ao povo de Deus. O mal prevalecerá. Influências ardilosas e enganosas tentarão afastar os homens de Cristo. Falsas religiões, messias enganadores desencaminharão a muitos. As guerras continuarão, haverá fome e terremotos. Perseguição e martírio flagelarão a igreja. Enquanto durar esta era, os cristãos sofrerão ódio. Os homens tropeçarão e delatarão uns aos outros. Surgirão falsos profetas, existirá iniqüidade em abundância, o amor de muitos esfriará.

O quadro é sombrio, porém, é o que se deve esperar de uma era sob o governo dos líderes deste mundo de trevas (Ef 6.12). No entanto, o quadro não é de trevas e mal não abrandados. Deus não abandona esta era às trevas. Os escritos apocalípticos judaicos da época do Novo Testamento conceberam uma era totalmente sob o controle do mal. Neles, Deus se afasta da participação ativa nos assuntos do homem; a salvação pertence apenas ao futuro, a quando o Reino de Deus vier em glória. O presente testemunharia apenas tristeza e sofrimento.

Alguns cristãos refletem atitude pessimista semelhante a essa. Satanás é o “deus desta era”, portanto, o povo de Deus não pode esperar nada, nesta era, além de mal e de derrota. A igreja se tornará totalmente apóstata, a civilização, totalmente corrompida. Até o retorno de Cristo, os cristãos devem lutar uma batalha perdida.

A Palavra de Deus, na verdade, ensina que haverá intensificação do mal no fim desta era, pois Satanás permanece o deus desta era perversa. Contudo, devemos enfatizar de forma firme que Deus não abandonou esta era a Satanás. O fato é que o Reino de Deus entrou nesta era perversa; Satanás foi derrotado. O Reino de Deus, em Cristo, criou a igreja, e ele opera no mundo, por intermédio

da igreja, para realizar os propósitos divinos de estender seu Reino no mundo. Fomos pegos em meio a uma grande batalha — o conflito das eras. O Reino de Deus opera neste mundo por meio do poder do evangelho. "E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim."

Observo três coisas nesse texto. Há uma mensagem, há uma missão, há um motivo. A *mensagem* é o evangelho do Reino, as boas novas sobre o Reino de Deus.

Alguns professores de Bíblia dizem que o evangelho do Reino não é o evangelho da salvação. Antes, é um evangelho que anuncia o retorno de Cristo e será pregado na tribulação por um remanescente judeu depois do arrebatamento da igreja. Nós não podemos tratar extensamente esse problema, no entanto, podemos constatar que o evangelho do Reino é o que foi proclamado pelos apóstolos na igreja primitiva.

Não obstante, primeiro, devemos observar a estreita conexão entre esse versículo e a grande comissão. O Senhor, em sua ascensão, comissionou seus discípulos: "Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mt 28.19,20). Quando comparamos esses versículos, eles falam por si mesmos. "E qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?" "Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo como um testemunho a todas as nações, e então virá o fim." "Vão e façam discípulos de todas as nações [...]. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos." Ambos os versículos falam sobre a mesma missão: evangelismo mundial até o fim da era. Esse fato liga Mateus 28.19 e 24.14.

O livro de Atos dos Apóstolos registra que os apóstolos saíram em cumprimento a essa missão. Em Atos 8.12, Filipe foi a Samaria e pregou o evangelho. A NVI descreve corretamente sua missão nestas palavras: "Filipe lhes pregou as boas novas do Reino de Deus". O sentido literal dessas palavras é: "Evangelizou em relação ao Reino de Deus." O Novo Testamento grego tem a mesma raiz para o substantivo "evangelho" e o verbo, "evangelizar" ou "pregar o evangelho". E uma infelicidade para nossa compreensão dessa verdade que, em português, não tenhamos a mesma expressão. Mateus 24.14 fala de "evangelho do Reino", e Atos 8.12 fala de pregar "as boas novas do Reino de Deus". Esse evangelho do

Reino deve ser pregado em todo o mundo. Filipe foi a Samaria*, pregando* as boas novas do Reino, ou seja, pregando o evangelho do Reino. Em Atos 8.12 temos a expressão que em Mateus 24.14, exceto pelo uso de um verbo, em vez do substantivo, com a preposição "do" no meio.

Quando Paulo chegou em Roma, ele reuniu os judeus, pois sempre pregava o evangelho "primeiro para o judeu". Qual era a mensagem de Paulo? "Assim combinaram encontrar-se com Paulo em dia determinado, indo em grupo ainda mais numeroso ao lugar onde ele estava. Desde a manha até a tarde ele lhes deu explicações e lhes testemunhou do Reino de Deus, procurando convencê-los a respeito de Jesus" (At 28.23). A mensagem que Paulo proclama para os judeus de Roma é o testemunho sobre o Reino de Deus, o evangelho do Reino.

Todavia, Paulo encontra a mesma reação que nosso Senhor encontrou quando apareceu em Israel anunciando o Reino de Deus (Mt 4.17). Alguns creem, mas a maioria dos judeus rejeita sua mensagem. A seguir, Paulo anuncia o propósito divino para os gentios em face da descrença de Israel. "Portanto, quero que saibam que esta salvação de Deus é enviada aos gentios; eles a ouvirão!" (At 28.28). Paulo pregou o Reino de Deus aos judeus, eles rejeitaram-no. Por isso, "esta salvação de Deus" é, então, oferecida aos gentios. Os versículos seguintes comprovam o fato de o evangelho do Reino de Deus ser a mensagem da salvação. "Por dois anos inteiros Paulo permaneceu na casa que havia alugado, e recebia a todos os que iam vê-lo. Pregava o Reino de Deus e ensinava a respeito do Senhor Jesus Cristo" (w. 30,31). O Reino foi pregado para os judeus, quando estes o rejeitaram, o mesmo Reino é proclamado para os gentios. A mensagem de Paulo tanto para judeus como para gentios foi as boas novas do Reino.

Agora, voltemos-nos, de novo, às Escrituras que descrevem de modo mais claro e mais simples o que é esse evangelho do Reino. No capítulo três, expusemos essa verdade de forma detalhada, portanto, precisamos apenas recordar os fatos. Em ICoríntios 15.2426, Paulo delineia os estágios da obra redentora de nosso Senhor. Ele descreve o tema do reinado messiânico vitorioso de Cristo com estas palavras: "Então virá o fim, quando ele entrega o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine" — ele deve reinar como Rei, ele deve reinar em seu Reino — "até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído e a morte .

Essa é a descrição bíblica do sentido do reinado de Cristo pelo qual seu Reino alcançará seus fins. E o Reino de Deus na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo, para o fim de pôr seus inimigos sob seus pés. "O último inimigo a ser destruído é a morte." A missão do Reino de Deus é a destruição da morte. Contudo, o Reino de Deus também deve destruir todos os outros inimigos, incluindo o pecado e Satanás; pois o salário do pecado é a morte (Rm 6.23), e Satanás tem poder sobre a morte (Hb 2.14). Apenas quando a morte, o pecado e Satanás forem destruídos, os homens redimidos conhecerão as bênçãos perfeitas do Reino de Deus.

O evangelho do Reino é o anúncio da vitória de Cristo sobre a morte. Já constatamos que embora a consumação dessa vitória seja futura, seja quando a morte, por fim, for lançada no lago de fogo (Ap 20.14), assim mesmo, Cristo já derrotou a morte. Paulo, ao falar da graça de Deus, diz que ela está "sendo agora revelada pela manifestação de nosso Salvador, Cristo Jesus. Ele tornou inoperante a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade por meio do evangelho" (2Tm 1.10). A palavra aqui traduzida por "tornar inoperante" não quer dizer acabar, mas derrotar, romper o poder, pôr fora de ação. Primeira Coríntios 15 usa a mesma palavra grega: "O último inimigo a ser *destruído é* a morte" (grifo do autor). Essa palavra aparece também em 1 Coríntios 15.24: "Então virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de *ter destruído* todo domínio, autoridade e poder" (grifo do autor).

Há, portanto, dois estágios nessa destruição — a abolição —- a derrota da morte. Sua destruição final aguarda a segunda vinda de Cristo; todavia, Cristo, por meio de sua morte e ressurreição, já destruiu a morte. Ele interrompeu seu poder. A morte ainda é um inimigo, mas um inimigo derrotado. Temos certeza da vitória futura por causa da vitória já alcançada. Temos uma vitória conquistada a proclamar.

Essa é as boas novas do Reino de Deus. E como os homens precisam desse evangelho! Em todo lugar, o homem encontra o túmulo escancarado engolindo os mortos. Lágrimas de perda, de separação, de despedida final mancham todos os rostos. Toda mesa, mais cedo ou mais tarde, tem uma cadeira vazia, toda lareira, um lugar vazio. A morte é o grande nivelador. Riqueza ou pobreza, fama ou anonimato, poder ou trivialidade, sucesso ou fracasso, raça, credo e cultura — todas as distinções humanas nada representam diante do irresistível ímpeto da foice da morte que nos derruba. E seja o mausoléu um fabuloso Taj Mahal, seja uma grande pirâmide, seja um lugar esquecido cuja inscrição já se perdeu em

meio ao capim, seja as profundezas insondáveis do mar, um fato permanece: a morte reina.

A morte, à parte do evangelho do Reino, é o poderoso conquistador diante de quem todos somos impotentes. Podemos apenas fechar os punhos, futilidade suprema contra o túmulo inexorável e impassível. Contudo, esta é as boas novas: a morte foi derrotada; nosso conquistador foi conquistado. Em face do poder do Reino de Deus, em Cristo, a morte ficou impotente. A morte, como não pôde detê-lo, foi derrotada; a vida e a imortalidade foram trazidas à luz. A prova disso é um túmulo vazio em Jerusalém. Esse é o evangelho do Reino.

Satanás é o inimigo do Reino de Deus; Cristo precisa reinar até pôr Satanás debaixo de seus pés. Essa vitória também aguarda a vinda de Cristo. Durante o milênio, Satanás será preso em um poço sem fundo. Apenas no fim do milênio, ele será lançado no lago de fogo.

Mas constatamos que Cristo já derrotou Satanás. A vitória do Reino de Deus não é apenas futura; já aconteceu uma grande vitória inicial. Cristo compartilhou carne e sangue — ele encarnou — "para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo, e libertasse aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte" (Hb 2.14,15). A palavra traduzida por "derrotar" ou "destruir" é a mesma encontrada em 2Timó-teo 1.10; ICoríntios 15.24,26. Cristo anulou o poder da morte e também anulou o poder de Satanás. Este ainda ronda como um leão, rugindo e trazendo perseguição sobre o povo de Deus (lPe 5.8); ele se insinua, como anjo de luz, nos círculos religiosos (2Co 11.14). No entanto, ele é um inimigo derrotado. Seu poder, seu domínio foi rompido. Seu destino está definido. A vitória decisiva, *a* vitória foi alcançada. Cristo expulsa demônios, livra os ho-mens da escravidão satânica, provando que o Reino de Deus liberta os homens da escravidão a Satanás. O Reino leva-os das trevas para a luz salvadora e curadora do evangelho. Essas são as boas novas em relação ao Reino de Deus. Satanás está derrotado, e podemos nos libertar do temor demoníaco e do mal satânico e conhecer a gloriosa liberdade dos filhos de Deus.



$3

*

O pecado é inimigo do Reino de Deus. Será que Cristo fez algo a respeito do pecado ou apenas prometeu livramento futuro, para quando trouxer o Reino em glória? Precisamos admitir que o pecado, como a morte, está presente no mundo. Todo jornal é um testemunho eloqüente da obra do pecado. Contudo o pecado, como a morte e Satanás, foi derrotado. Cristo já apareceu para aniquilar o pecado com o sacrifício de si mesmo (Hb 9.26). O poder do pecado foi rompido. "Pois sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não mais sejamos escravos do pecado" (Rm 6.6). Aqui, aparece pela terceira vez a expressão "ser destruído" ou "abolido". O governo de Cristo, como Rei, tem o objetivo de "destruir" todos os inimigos (ICo 15.24,26). Essa obra, na verdade, é futura, mas também passada. O que nosso Senhor terminará em sua segunda vinda, ele já iniciou com sua morte e ressurreição. A "morte" ficou inoperante, foi destruída (2Tm 1.10); Satanás foi derrotado (Hb 2.14), e, em Romanos 6.6, o "corpo do pecado" foi destruído. Usa-se três vezes a mesma palavra de vitória, da destruição dos inimigos de Cristo, em relação a essa tríplice vitória: sobre Satanás, sobre a morte, sobre o pecado.

Portanto, não devemos mais nos sujeitar à escravidão ao pecado (Rm 6.6). O tempo de escravidão ao pecado é passado. O pecado está no mundo, mas seu poder não é o mesmo. Os homens não são mais impotentes diante dele, pois seu domínio foi rompido. O poder do Reino de Deus invadiu esta era, poder esse que liberta os homens da escravidão ao pecado.

O evangelho do Reino é a proclamação do que Deus tem feito e fará. E a vitória dele sobre seus inimigos. E a boa nova de que Cristo voltará a fim de destruir para sempre seus inimigos. E um evangelho de esperança. Também é as boas novas sobre o que Deus já fez. Ele já quebrou o poder da morte, derrotou Satanás e destronou o reinado do pecado. O evangelho é uma promessa, mas também é experiência, e a promessa baseia-se na experiência. O que Cristo fez garante o que ele fará. Esse é o evangelho que precisamos anunciar a todo o mundo.

Segundo, encontramos em Mateus 24.14 uma *missão* e também uma mensagem. Esse evangelho do Reino, essas boas novas da vitória de Cristo sobre os inimigos de Deus, precisa ser pregado em todo o mundo como testemunho para

todas as nações. Essa é nossa missão. Esse versículo é um dos mais importantes de toda a Palavra de Deus para garantir o sentido e o propósito da história humana. O sentido da história, hoje, é um problema que confunde a mente de homens dedicados ao pensamento. Não precisamos ser lembrados de que nossa geração enfrenta uma destruição potencial de tais proporções que poucos de nós ousam sequer imaginar a terrível realidade. Quanto a essa catástrofe ameaçadora, os homens se perguntam, como nunca antes fizeram, do que se trata toda a história? Por que o homem está nesta terra? Para onde ele vai? Há algum fio de sentido, de propósito, de destino que levará a humanidade a algum objetivo? Ou, para repetir a metáfora, será que somos apenas um grupo de fantoches que atua no palco da história e cujo destino é assistir o palco ser destruído por chamas, e destruir com ele os fantoches humanos, não deixando nada a não ser um bocado de cinzas e o cheiro de fumaça? Esse é o destino da história humana?

Em uma geração anterior, a filosofia do progresso era amplamente aceita. Alguns pensadores mapeavam o sentido da história com apenas uma linha reta que traçava uma inclinação ascendente gradativa, porém, firme, do início primitivo e bárbaro em direção a um alto nível de cultura e civilização. A filosofia do progresso ensinava que a humanidade, por causa de seu caráter intrínseco, está destinada a melhorar até que o dia em que alcançará a sociedade perfeita, livre de todo mal, guerra, pobreza e conflito. Essa visão foi estraçalhada pela bigorna da história. Os eventos correntes transformaram o conceito do progresso inevitável em algo intolerável e irrealista.

Outra visão interpreta a história como uma série de ciclos, como grande espiral. Há movimento tanto para cima como para baixo. A espiral tem pontos altos e baixos. Mas cada subida é um pouco mais alta que a última, e cada descida é menos baixa que a anterior. Mesmo que tenhamos nossos "altos e baixos", o movimento da espiral, como um todo, é para cima. Essa é uma modificação da doutrina de progresso.

Outras interpretações são totalmente pessimistas. Alguém sugeriu que o gráfico mais exato do sentido da história é o rastro deixado por uma mosca bêbada, cambaleando de um lado ao outro de uma folha de papel branco. As pegadas não levam a parte alguma nem refletem alguma configuração que faça sentido. Rudolf Bultmann, um dos maiores estudiosos contemporâneos do Novo Testamento, escreveu: "Hoje não podemos afirmar que conhecemos o fim e o objetivo da história. Portanto, a questão do sentido da história não faz sentido" *{History and Eschatology \História e escatologia],* p. 120).

Muitas das melhores mentes de nossa geração lutam com esse problema. O determinismo econômico do sistema marxista fundamenta-se em uma filosofia da história de base materialista; mas *é* uma filosofia da história e promete um destino a seus seguidores. Spengler acreditava que o progresso era impossível e que a história estava fadada a um declínio inevitável e à degeneração; Toynbee, outro pensador, produziu um estudo volumoso em que tenta encontrar padrões e ciclos de sentido na história das civilizações.

Por sua vez, estudiosos como Niebuhr, Rust, e Piper escrevem estudos eruditos que buscam a pista do sentido da história na verdade bíblica da revelação. Esse, na verdade, é um problema profundo, e não desejamos deixar de lado as complexidades da matéria com um aceno da mão. No entanto, é convicção deste autor que devemos encontrar o sentido final da história na ação de Deus na história, conforme registrado e interpretado na Escritura inspirada. Aqui, a fé cristã precisa se pronunciar. Se não há nenhum Deus, o homem está perdido num labirinto de experiências estonteantes sem nenhuma sombra de sentido para guiá-lo. Se Deus não atua na história, o fluxo e refluxo das marés dos séculos vão e voltam sem rumo em meio às areias da eternidade. Mas o fato essencial na Palavra de Deus é que Deus tem falado, Deus tem operado de forma redentora na história, e a ação divina ainda levará a história ao objetivo divinamente determinado.

Se não há nenhum Deus que conduza o leme da história, fico pessimista. Mas creio em Deus. Creio que Deus tem um propósito. Creio que Deus, em Cristo e em sua Palavra, revelou seu propósito na história. Que propósito é esse? Onde serão traçadas suas linhas gerais?

Viaja-se pelo Oriente Próximo e olha-se com admiração as ruínas, testemunhas silenciosas de civilizações que foram poderosas. Colunas enormes ainda alcançam os céus, enquanto, em outro lugar, apenas os montes feitos por obra humana maculam planícies desérticas assinalando o entulho acumulado de civilizações mortas. A esfinge e as pirâmides de Gizé, os pilares de Persépolis, as torres de Tebas ainda dão eloqüente testemunho da antiga glória do Egito e da Pérsia. Ainda se pode subir na Acrópole, em Atenas, ou pisar no fórum, em Roma, e sentir algo do esplendor e glória das civilizações do século I que em alguns aspectos nunca foram ultrapassados. Mas, hoje, são ruínas, pilares caídos, estátuas arruinadas, civilizações mortas.

Qual é o sentido de tudo isso? Por que as nações se levantam e caem? Há algum

propósito nisso? Ou a terra, um dia, tornar-se-á uma estrela morta, tão sem vida como a lua?

A Bíblia tem uma resposta. O tema central de toda a Bíblia é a obra redentora de Deus na história. Há muito tempo, Deus escolheu um povo pequeno, desprezado, Israel. Deus não estava interessado nesse povo por causa deles mesmos; o propósito de Deus incluía toda a humanidade. Deus, em seu plano soberano, escolheu esse povo insignificante para, por intermédio dele, operar seu propósito redentor que, no fim, inclui toda a raça humana. O sentido final do Egito, da Assíria, da Caldéia e das outras nações do antigo Oriente

Próximo encontra-se em seu relacionamento com essa minúscula nação — Israel. Deus levantou e derrubou governantes para que pudesse criar Israel. Ele levantou e preservou esse povo. Ele tinha um plano e operava esse plano na história. Referimo-nos a isso como a história da redenção. Apenas a Bíblia, de toda a literatura antiga, contém uma filosofia da história, e esta é a filosofia da redenção.

Depois, veio o dia em que, "na plenitude do tempo", o Senhor Jesus Cristo, um judeu, filho de Abraão segundo a carne, apareceu na terra. O propósito de Deus com Israel alcançou, então, um grande cumprimento. Isso não quer dizer que Deus concluiu seu propósito para Israel. No entanto, quer dizer que quando Cristo veio ao mundo, o propósito redentor de Deus, por intermédio de Israel, conquistou seu objetivo inicial. Pois até aquele momento, o indício para o sentido do propósito divino na história se identificava com Israel como nação. Quando Cristo realizou sua obra redentora de morrer e ressuscitar, o propósito divino na história moveu-se de Israel, que rejeitou o evangelho, para a igreja—a comunhão dos judeus e gentios que aceitaram o evangelho. A declaração de nosso Senhor, dirigida à nação de Israel e registrada em Mateus 21.43, comprova isso: "O reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino". A igreja é a " geração eleita, sacerdócio real, nação santa" (lPe 2.9); e é na missão atual da igreja que, à medida que ela leva as boas novas do Reino de Deus a todo o mundo, o propósito redentor de Deus na história é operado.

O sentido final da história, entre a ascensão de nosso Senhor e seu retorno em glória, encontra-se na expansão e no trabalho do evangelho no mundo. "Este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim." O propósito divino nos mais de mil e novecentos

anos desde que nosso Senhor viveu na terra se encontra na história do evangelho do Reino. O fio do sentido tece o programa missionário da igreja. Algum dia, quando entrarmos nos arquivos do céu a fim de encontrar o livro que revela o sentido da história humana como Deus a entende, não retiraremos um livro que retrata "A história do Oeste", nem "O progresso da civilização", nem "A glória do Império Britâni-





.1

co", nem "Crescimento e expansão dos Estados Unidos". O título desse livro será A *preparação para o evangelho e a expansão do evangelho entre as nações.* Pois apenas aí, o propósito redentor de Deus é levado adiante.

E um fato chocante Deus ter confiado a pessoas como nós, pecadores redimidos, a responsabilidade de executar o propósito divino na história. Por que Deus fez isso? Ele não está assumindo um risco muito grande de que seu propósito não se cumpra? Agora, faz dois mil anos, e o objetivo ainda não foi alcançado. Por que Deus não fez isso ele mesmo? Por que ele não enviou hostes de anjos em que pudesse confiar para completar a tarefa de uma vez? Por que ele confiou-a a nós? Não tentamos responder à pergunta, a não ser para afirmar que essa é a vontade de Deus. Eis os fatos: Deus confiou-nos essa missão, e se não tentarmos cumpri-la, ela não será feita.

Esse é também um fato emocionante. Hoje, a igreja cristã, muitas vezes, tem complexo de inferioridade. Algumas gerações atrás, o pastor da igreja era o líder

mais bem instruído e respeitado da comunidade. Houve um tempo em que a igreja, por causa dessa situação cultural, exerceu influência predominante na estrutura de vida da comunidade ocidental. Esse tempo já vai longe.
Muitas vezes, sentimos que o mundo empurra a igreja para um canto e passa por nós. De forma geral, a igreja "não conta" no mundo. As Nações Unidas não chamam a igreja para dar conselho na solução de seus problemas. Nossos líderes políticos, com freqüência, não dependem da orientação dos líderes da igreja. A ciência, a indústria, o trabalho, a educação: esses são os círculos em que, em geral, procura-se sabedoria e liderança. A igreja é deixada de lado. Por vezes, sentimos que, de fato, não contamos. Estamos à margem da influência, fomos empurrados para a periferia em vez de estarmos diretamente no centro; e lamentamos, e ansiamos pela atenção do mundo. Por isso, adotamos a atitude defensiva e tentamos justificar nossa existência. Na verdade, nossa principal preocupação, com freqüência, parece ser a autopreservação, e assumimos a interpretação derrotista de nossa relevância e de nosso papel no mundo!

Que esse versículo queime nosso coração. Deus não disse isso sobre nenhum outro grupo de pessoas. As boas novas do Reino de Deus precisam ser pregadas, pela igreja, em todo o mundo como testemunho para todas as nações. Esse é o programa de *Deus*. Isso quer dizer que no sentido máximo da civilização moderna e do destino da história humana, você e eu somos mais importantes que as Nações Unidas. No fim, o que a igreja faz com o evangelho tem mais relevância que as decisões do Kremlin. A missão da igreja, da perspectiva da eternidade, é mais importante que a marcha de exércitos ou as ações das capitais mundiais, pois é na realização dessa missão que se realiza o propósito divino para a história humana. Nossa missão não é nada menos que isso.

Acabemos com esse complexo de inferioridade. Deixemos para sempre de lado essa atitude de compaixão por nossa irrelevância. Reconheçamos o que somos conforme Deus nos vê e nos ocupemos do programa divinamente designado a nós. Essas boas novas do Reino precisam ser pregadas em todo o mundo como testemunho para todas as nações e, então, virá o fim. Sinto-me feliz, orgulhoso mesmo, de fazer parte da igreja de Cristo, pois, foi-nos entregue a responsabilidade mais relevante e valiosa de qualquer instituição humana. Isso concede relevância eterna à minha vida, pois compartilho o plano de Deus para as eras. O sentido e o destino da história repousam em minhas mãos.

Por fim, nosso texto contém uma *motivação* poderosa. "Então virá o fim." O assunto deste capítulo é: quando virá o Reino? Não estou estabelecendo

nenhuma data. Não sei quando o fim virá. Contudo, sei o seguinte: quando a igreja terminar sua tarefa de evangelizar o mundo, Cristo retornará. A Palavra de Deus anuncia isso. Por que ele não veio em 500 d.C.? Porque a igreja não tinha evangelizado o mundo. Por que não voltou em 1000 d.C.? Porque a igreja não havia terminado sua tarefa de evangelização mundial. Ele virá logo? Virá — se nós, o povo de Deus, obedecermos a ordem do Senhor de levar o evangelho a todo o mundo.

Como essa percepção é séria! E tão perturbadora que algumas pessoas dizem: "Não posso crer nisso! Nao pode ser verdade que

Deus tenha confiado tanta responsabilidade a homens". Quando, um século e meio atrás, William Carey quis ir à índia para levar o evangelho àquele país, disseram-lhe: "Sente-se, jovem; quando Deus quiser evangelizar os pagãos, ele o fará sem sua ajuda". Mas Carey não teve a visão e o conhecimento da Palavra de Deus para se sentar. Ele levantou-se e foi à índia. Iniciou o tempo moderno de missões globais.

Deus confiou a nós a continuação e a consumação dessa tarefa. Eis o que me emociona: estamos muito mais perto do final dessa missão que qualquer geração anterior à nossa. No último século e meio, fizemos muito mais em relação à evangelização global que todos os séculos anteriores desde a era apostólica. Nossa tecnologia moderna fornece imprensa, automóveis, aviões, rádios e muitos outros meios de acelerar nossa tarefa de propagar o evangelho para todo o mundo. Línguas antes desconhecidas são reduzidas à escrita. A Palavra de Deus, hoje, é traduzida, pelo menos em parte, para mais de 1.100 línguas ou dialetos, e o número aumenta todos os anos. Eis o fato desafiador: se o povo de Deus, apenas do mundo de fala inglesa, levasse esse texto a sério e respondesse ao desafio, poderiamos terminar a tarefa de evangelização global em nossa geração e testemunhar o retorno do Senhor.

Alguém dirá: "Isso é impossível. Muitas terras, hoje, não estão abertas ao evangelho. Não podemos entrar na China; as portas à índia estão se fechando. Se o retorno do Senhor aguarda a evangelização do mundo pela igreja, então não existe a possibilidade de Cristo retornar durante nosso tempo de vida, pois tantos países estão fechados ao evangelho que é impossível terminar a tarefa hoje".

Essa atitude não conta com Deus. É verdade que muitas portas estão fechadas no momento; mas Deus tem a capacidade de abrir portas fechadas de um dia para o

outro e de operar por detrás de portas fechadas. Lembre-se daAbissínia (atual Etiópia)! Minha preocupação não é com portas fechadas; mas com as portas abertas pelas quais não entramos. Se o povo de Deus fosse realmente fiel e estivesse fazendo todo o possível para terminar a tarefa, Deus providenciaria para que as portas se abrissem. Somos responsáveis pelas

muitas portas escancaradas pelas quais não entramos. Somos um povo desobediente. Discutimos sobre a definição de evangelização . global e debatemos os detalhes da escatologia, embora negligencie- ; mos a ordem da Palavra de Deus para evangelizar o mundo.

Outra pessoa dirá: "Como saberemos que a missão foi cumprida? Quão próximos estamos de concluir a tarefa? Que países foram evangelizados e quais não foram? Quão próximos estamos do fim?

forças agem: o poder do Maligno e o do Reino de Deus. O mundo é cenário de um conflito. As forças do Maligno atacam o povo de Deus, todavia, o evangelho do Reino assalta o reino de Satanás. *{* Esse conflito durará até o fim da era. A vitória final será alcançada J apenas no retorno de Cristo. Não há espaço para otimismo irrestrito. O discurso de Jesus no jardim das Oliveiras indica que o mal
,

caracterizará esta era até o fim. Surgirão falsos profetas e falsos messias e desencaminharão a muitos. A iniqüidade e o mal serão tão abundantes que esfriará o amor de muitos. O povo de Deus será chamado a sofrer provações. "Neste mundo vocês terão aflições" (Jo 16.33). "E necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus" (At 14.22). Precisamos estar sempre prontos a suportar tribulação, como também o Reino e a paciência que estão em Jesus (Ap 1.9). Na verdade, nosso Senhor mesmo disse: "Aquele que perseverar até o fim será salvo" (Mt 24.13). Aquele que suporta a tribulação e a perseguição até a última gota, até mesmo a ponto de entregar sua vida não perecerá, mas encontrará a salvação. Alguns de vocês serão entregues "à morte [...]. Contudo, nenhum fio de cabelo da cabeça de vocês se perderá" (Lc 21.16,18). A igreja, em seu caráter essencial, precisa sempre ser uma igreja mártir. Não devemos esperar sucesso irrestrito ao levar o evangelho a todo o mundo. Temos de estar preparados para a oposição, a resistência, até mesmo para a perseguição e o martírio. Esta era continua perversa e hostil ao evangelho do Reino.

Contudo, não há espaço para pessimismo absoluto. Alguns estudos proféticos, dão-nos a impressão de que o fim da era, os últimos dias, serão caracterizados pela perversidade *absoluta.* Às vezes, exagera-se na ênfase do caráter perigoso dos últimos dias (2Tm 3.1). Dizem que a igreja visível ficará *totalmente* impregnada pela doutrina perversa. A apostasia permeará tanto na igreja que apenas um pequeno remanescente permanecerá fiel à Palavra de Deus. Os dias finais desta era serão o período de Laodicéia em que toda a igreja confessa será repugnantemente indiferente às questões eternas. Nesse retrato dos últimos dias, o povo de Deus deve esperar apenas derrota e frustração. O mal deve reinar. A era da igreja terminará com a vitória sem paralelos do mal. Às vezes, o caráter perverso dos últimos dias é tão enfatizado que ficamos com a impressão (com certeza, involuntária) de que quanto mais depressa o mundo deteriorar melhor, pois mais depressa o Senhor retornará.

Não se pode negar que as Escrituras enfatizam o caráter perverso dos últimos dias. Na verdade, nós causamos essa ênfase. No

próprio final, a perversidade que caracteriza esta era sofrerá uma terrível intensificação em sua oposição ao Reino de Deus e ódio a ele. Todavia, isso não quer dizer que devemos ficar pessimistas e abandonar esta era e o mundo ao mal e a Satanás. O fato é que o evangelho do Reino deve ser proclamado por todo o mundo. O Reino de Deus invadiu esta presente era perversa. Os poderes da era por vir assaltaram esta era. Os últimos dias, na verdade, serão perversos: *"mas nestes últimos dias* falou-nos [Deus] por meio do Filho" (Hb 1.2; grifo do autor). Deus entregou-nos o evangelho a salvação para os últimos dias, evangelho esse incorporado naquele que é Filho do Senhor. Além disso, *"nos últimos dias,* diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos" (At 2.27; grifo do autor). Deus fala para os últimos dias; Deus derrama seu Espírito no último dia a fim de conceder poder para proclamar a Palavra divina. Os últimos dias serão perversos, mas não uma perversidade sem alívio. Deus entregou-nos um Evangelho para os últimos dias e concede poder para levar esse evangelho a todo o mundo como testemunho para todas as nações, então virá o fim.

Esse precisa ser o espírito da nossa missão nesta era perversa. Não somos otimistas que vêem tudo cor-de-rosa e esperam que o evangelho conquiste o mundo e estabeleça o Reino de Deus. Nem somos pessimistas desesperados que acham que nossa tarefa é impossível em face da perversidade desta era. Somos realistas, realistas bíblicos que reconhecem o poder terrível do mal e, mesmo

assim, saem em missão de evangelização global a fim de conquistar a última e maior vitória.

Este é o motivo da nossa missão: a vitória final aguarda a conclusão de nossa tarefa. “E então virá o fim.” Não há nenhum outro versículo na Palavra de Deus que diga: “E então virá o fim”. Quando Cristo retornará? Quando a igreja concluir sua tarefa. Quando terminará esta era? Quando o mundo estiver evangelizado. “Qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?” (Mt 24.3). “Este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, E ENTÃO virá o fim” (grifo do autor).

Quando? *Então*, quando a igreja cumprir sua missão divinamente designada.

Você ama o aparecimento do Senhor? Então, você empreenderá todo esforço para levar o evangelho a todo o mundo. A luz do claro ensino da Palavra de Deus, à luz da definição explícita de nosso Senhor, na grande comissão, em relação à nossa tarefa (Mt 28.1820), aflige-me que a encaremos de forma tão leviana. “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra.” Essa é a boa nova do Reino. Cristo tirou a autoridade de Satanás. O Reino de Deus atacou o reino de Satanás; esta era perversa foi invadida, na pessoa de Cristo, pela era por vir. Toda autoridade agora é dele. Ele não demonstrará essa autoridade na gloriosa vitória final até retornar; mas agora a autoridade é dele. Satanás está derrotado e preso, a morte é conquistada, o pecado está destruído. Toda autoridade é dele. “Portanto, vão.” Por quê? Porque toda autoridade, todo poder é dele, e porque Ele está esperando até que terminemos nossa tarefa. O Reino é dele, Ele reina no céu e manifesta seu reino na terra na Igreja e por intermédio dela. Quando concluirmos nossa missão, ele retornará e estabelecerá seu Reino em glória. Não nos é concedido apenas aguardar, como também apressar a vinda do dia de Deus (2Pe 3.12). Essa é a missão do evangelho do Reino e a nossa missão.

Notas

1 Filadelphia: Westminster, 1950; Londres: S.C.M. Press, 1951.

2 Reconhecemos que, por vezes, há sobreposição ou coincidência de sentido entre as

duas palavras, em parte por causa do fato de ambas serem usadas para apresentar uma palavra hebraica única: *olam.* Em Hebreus 1.2; 11.3, *aion é* quase sinônimo de *kosmos.* No entanto, na maioria dos casos *aion* retém a idéia temporal.

3 A pergunta dos discípulos era tanto sobre a queda de Jerusalém como da con

sumação escatológica da era, mas isso envolve um pro-blema complicado que não pode ser discutido aqui.

4 Cullmann concebe que o tempo se estende para trás antes da criação *(Christand*

Time [*Cristo e o tempo*\, p. 82), mas isso levanta uma pergunta filosófica a respeito da qual as Escrituras não falam.

5 Nessa passagem, temos uma tradução literal do grego.

6 Outros textos também apresentam "santos", porém, a melhor tradução seria "eras".

7 O diagrama de Professor Cullmann da linha de tempo do Novo Testamento não

reconhece esses dois níveis das duas eras. Essa diferença foi trabalhada por Geer-hardus Vos em *The Pauline Eschatology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1952; originalmente publicado em 1930), p. 38.

8 Veja G. E. Ladd, "The Revelation of Christ's Glory", *Christianity Today,* 1 de

setembro de 1958, p. 13f. Encontramos uma linha de pensamento um tanto similar no ensaio de Cullmann, "The Kingship of Christ and the Church in the New Testament," em *The Early Church,* editado por A. J. B, Higgins (London: S.C.M. Press, 1956; Philadelphia: Westminster Press, 1956). O professor Cullmann sugere que devemos distinguir entre o Reino de Cristo e o Reino de Deus, o primeiro se estende ao longo da era da igreja e do milênio e leva ao último na era por vir (p. 113). Do ponto de vista teológico, essa visão é útil, mas um estudo exegético da linguagem do Novo Testamento não fornece sustentação para essa distinção terminológica.

9 Ver o estudo deste autor em *The Expository Times* 68 (1957), p. 268-273.

10 O professor Oscar Cullmann sugere que se deve fazer essa distinção. Veja o capítulo dois deste livro.

11 A forma original do sermão do monte das Oliveiras tratava tanto da queda de Jerusalém (Lc 21.20ss.) como do fim da era. No entanto, isso envolve problemas críticos que não podem ser discutidos aqui.